



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MAFALDA CRISTINA RODRIGUES MONTEIRO

**O Impacto da Família nos processos de
Educação: Princípios e Valores**
Uma reflexão em torno da Unidade Letiva 3 -
“A Família, comunidade de amor”

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio
Professor Doutor José da Silva Nunes

Lisboa
2019

“Para educar uma criança é necessária uma aldeia.”

Provérbio Africano

SIGLAS E ABREVIATURAS DE CARÁCTER GERAL

AE – Apoio Educativo

AEP – Agrupamento de Escolas da Parede

AL – *Amoris Laetitia*

CP – Constituição Portuguesa

CV – Concílio Vaticano

DCE – *Deus Caritas Est*

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

EE – Encarregados de Educação

Ef – Carta de S. Paulo aos Efésios

EG – *Evangelii Gaudium*

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

FC – *Familiaris Consortio*

Gn – Livro dos Génesis

GS – *Gaudium et Spes*

INE – Instituto Nacional de Estatística

Jo – Evangelho de S. João

LF – *Lumen Fidei*

LG – *Lumen Gentium*

MCR – Mestrado em Ciências Religiosas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PPT – *powerpoint*

TPC – Trabalho para casa

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UL – Unidade Letiva

SÍNTESE

Este relatório pretende evidenciar que, apesar, de vivermos num mundo cada vez mais individualista, a família é uma dimensão estruturante do ser humano e o fundamento que lhe permite dar sustentabilidade para crescer enquanto pessoa.

A experiência familiar lança, na atualidade, inúmeros desafios à sociedade e, nomeadamente, à escola. Sabe-se que a escola pode tornar-se a parceira da família no que diz respeito à formação de pessoas que se disponham a transformar a realidade para que seja possível uma convivência pacífica, numa sociedade cada vez mais global e multicultural. Para isso é necessário que trabalhem em conjunto, porque a complexidade da sociedade está a tornar-se cada vez maior, tal como a complexidade no interior da própria experiência familiar.

A Unidade Letiva sobre a “Família, comunidade de amor” é oportuna para abordar esta realidade no contexto escolar porque pode ajudar, os alunos, a refletirem sobre um ideal de família numa realidade familiar muitas vezes esquecida e desvalorizada.

Sendo a Família imagem da complementariedade do Homem e da Mulher, é importante, mesmo sem o horizonte da atitude crente, continuarmos a valorizar o ambiente familiar como contexto imprescindível para o desenvolvimento de cada pessoa. Isto se afirma porque estamos convencidos que, seja qual for a experiência familiar que se vive, tudo pode ser aspeto para condicionar a formação da personalidade da pessoa ou não. Nada é linear nem lógico, porque cada pessoa faz as suas escolhas consoante inúmeros fatores que as condicionam.

A família é um assunto delicado e numa época em que a palavra é relativizada, é importante que a EMRC saiba aliar a teoria à realidade, porque mais importante do que simplesmente falar do que é ser família, é experienciar e partilhar realidades onde os alunos possam reconhecer e se sintam interpelados a pensar sobre a experiência familiar e a sua importância para o seu desenvolvimento e para a construção da sociedade.

ABSTRACT

This work's purpose is to highlight that, even though we live in an increasingly individualistic world, family is a structuring element of the human being and the basis that gives us sustainability to grow as people.

The family experience provides, nowadays, many challenges to society and, namely, to the school. It is known that the school can become a family partner regarding the growth of people that want to transform the reality so that a peaceful coexistence is possible in an ever more global and multicultural society. For that, it is necessary that all the parts work together, because the society's complexity is becoming bigger and bigger, as is the complexity on the inside of the family experience.

The curricular unit "Family, community of love" is appropriate to approach this reality in the school context, because it can help students to think about a family ideal in a family reality, often forgotten and undervalued.

As the family is the image of Man and Woman's complementarity, it is important, even without the horizon of a believer's attitude, to continue valuing the family as an indispensable context for the development of each person. This is stated because we are convinced that, whatever the family experience lived, everything can be used or not to condition the development of one's personality. Nothing is linear or logic, because each person makes their own choices according to the countless factors that conditioned them.

Family is a delicate subject and, in a time when the word is relativised, it is important that Religious Education has the ability to connect the theory with the reality, because, more important than simply to speak about what being a family is, is to experience and share realities in which the students can recognise and feel impelled to think about the family experience and its importance for their own development and for the construction of the society.

PALAVRAS-CHAVE

Família, realidade, sociedade, EMRC

Valores, experiências, comunhão, amor

KEYWORDS

Family, reality, society. EMRC

Values, experiences, communion, love

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| Siglas e Abreviaturas | 3 |
| Síntese | 4 |
| Abstract | 5 |
| Palavras-chave | 6 |
| Keywords | 6 |
| Índice | 7 |
| Introdução | 10 |
| | |
| CAPITULO I - A Prática de Ensino Supervisionada | 12 |
| 1. Enquadramento | 12 |
| 1.1. Motivações que levaram a este trabalho, onde se desenvolveu e como ... | 14 |
| 1.2. Caracterização da Escola | 16 |
| 1.2.1. Descrição física e geográfica | 16 |
| 1.2.2. Enquadramento legal do AEP | 16 |
| 1.2.3. Matriz Sociológica do AEP | 17 |
| 1.2.4. Caracterização da população discente | 20 |
| 1.2.5. Patrono da Escola | 22 |
| 1.3. Caracterização da turma | 23 |
| 2. Percurso realizado | 24 |
| 2.1. Trabalho desenvolvido na escola e na turma | 24 |
| 2.2. Experiência em sala de aula | 26 |
| 3. Prática/experiência letiva | 31 |
| 3.1. Análise e pertinência da UL | 34 |

| | |
|---|------------|
| 3.2. Lecionação da UL | 36 |
| 4. Avaliação da Prática Letiva da UL3 e questões emergentes | 64 |
| CAPÍTULO II – A Família. Notas sobre a sua identidade e missão | 72 |
| 1. A família na sociedade | 72 |
| 1.1. Mudanças ao longo do tempo. Breves notas | 74 |
| 1.2. Identidade e funções ou papéis | 79 |
| a) <i>Função identitária</i> | 79 |
| b) <i>Função reprodutora</i> | 80 |
| c) <i>Função educativa</i> | 82 |
| d) <i>Função económica</i> | 84 |
| 1.3. Impacto na realidade contemporânea | 87 |
| 1.4. Seus desafios e interpelações | 90 |
| 2. A família – um olhar a partir da reflexão da cristã | 92 |
| 2.1. Documentos da Igreja – um itinerário reflexivo a partir do CV II | 94 |
| 2.1.1. Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> | 95 |
| 2.1.2. Carta Encíclica <i>Familiaris Consortio</i> | 96 |
| 2.1.3. Exortação Apostólica <i>Amoris Laetitia</i> | 98 |
| 2.2. Apontamentos teológicos | 101 |
| 2.3. A pastoral familiar e os seus desafios | 105 |
| 3. Interpelação à disciplina de EMRC | 108 |
| CAPÍTULO III – Resultados e conclusões | 111 |
| 1. Inquéritos | 111 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| 1.1. Questionário | 112 |
| 1.1.1. Filhos | 112 |
| 1.1.2. Pais | 122 |
| 1.1.3. Conclusões | 128 |
| 1.2. Entrevista | 130 |
| 1.2.1. Jovens | 131 |
| 1.2.2. Conclusões | 150 |
| 2. Atividade Pedagógica | 152 |
| Conclusão | 159 |
| Bibliografia | 163 |

INTRODUÇÃO

A Família é uma área temática cuja abordagem com os alunos, se torna cada vez mais difícil, precisamente pelo vasto leque de situações e opções em que vive.

Com as limitações próprias de um estágio curricular, este relatório tenta aprofundar qual o papel que o contexto familiar assume na vida das novas gerações.

Em todos os tempos, em todas as culturas, cada sociedade humana articula-se e constitui-se a partir do seio familiar. O sentido de família vem do compromisso que se estabelece uns com os outros, de estarmos unidos para podermos desfrutar dos bons momentos e nos ajudarmos nos menos bons. Apesar desta certeza, são notórias, na cultura contemporânea ocidental, profundas transformações socioculturais operadas na vida e na mentalidade das pessoas.

Tais mudanças são estudadas por várias ciências humanas (sociologia, psicologia, antropologia, teologia), havendo também certa abordagem na área educativa, permitindo-nos reconhecer a sua influência e importância na transmissão e socialização dos valores. Nesse sentido, apresentar-se-á algumas das realidades e transformações operadas na família na sociedade contemporânea e um pequeno confronto com a orientação dada pelo magistério da Igreja. Refletindo sobre as convicções conhecidas pelo povo de Deus, será possível identificar alguns desafios e estratégias a realizar no âmbito da pastoral familiar.

O terceiro capítulo do relatório será constituído pela apresentação de um trabalho de campo realizado com alunos que frequentam a disciplina de EMRC., pais/E.E. e alguns jovens adultos. Esse estudo, realizado através de um questionário e de algumas entrevistas, teve por objetivo mostrar quais os caminhos pedagógicos a seguir para olhar e entender a família como

um lugar onde cada ser humano tem o direito de ser e de pertencer; um ambiente onde os anseios mais profundos se podem concretizar.

Infelizmente sabe-se, por experiência, que quando a família se debilita, a sociedade sofre. Por essa razão, torna-se importante que os pais sejam adultos maduros e credíveis mais influentes no acompanhamento dos filhos e lhes ofereçam estabilidade e harmonia. Nem sempre é fácil aos pais saber qual a melhor maneira de educar e é já muito comum deixarem-se convencer pelos filhos; daqui a urgente necessidade de serem educados a ser e a exercer a sua missão de educadores. Neste sentido, é pertinente realizar alguma pesquisa sobre a realidade existente e mostrar o impacto que a família tem na vida dos seus filhos. Embora se saiba que não é sempre fácil descobrir o melhor método educativo a aplicar e que o ideal é sempre ideal, tentar-se-á demonstrar a importância da educação integral e a mais valia educativa nos diferentes contextos familiares.

Todo este trabalho pretende oferecer um contributo que possa facultar à unidade letiva 3 do programa da disciplina de EMRC, “A Família, comunidade de amor”, uma incidência educativa maior na apresentação dos conteúdos desta área familiar. Na última parte do relatório apresento uma experiência/proposta como uma mais-valia na relação família-escola.

CAPÍTULO I - A Prática de Ensino Supervisionada

1. Enquadramento

Como refere Jorge Miranda¹, foi em 1933 que em Portugal, a família apareceu pela primeira vez na Constituição pela convicção de que era elemento estrutural importante da Nação. O Estado pretendia assegurar a defesa da família porque encontrava nela a base e a segurança para o desenvolvimento do povo português. Era considerada como “base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento de toda a ordem política [...]”.²

A questão da família está, hoje, entre as mais controversas da sociedade atual, com alguns dos temas e dilemas mais dramáticos e complexos do nosso tempo.³ E por que será que se fala e se escreve tanto sobre ela? Porque a família continua a ser célula primeira e vital da sociedade, instituição “colocada como fundamento da vida das pessoas, como protótipo de todo o ordenamento social”.⁴ Porque está enraizada na natureza humana, torna-se realidade fundamental sobre a qual iremos refletir.

A DUDH, no artigo 16, n.º3 confirma que “A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado”.⁵ Na nossa CP continuou-se a referir (no artigo 67, n.º1) que ela “tem direito à proteção da sociedade e do Estado e à efetivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros”.⁶ É à luz destas normas que deve ser encarada a sua relevância entre nós.

¹ Cf. J. MIRANDA, «A relevância constitucional da Família», in AA. Vv., *Família – Essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 90.

² *Ibidem*, 91.

³ Cf. J. C. das NEVES, «Economia e Família na doutrina da Igreja», in AA. Vv., *Família – Essência e multiplicidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 120.

⁴ *Compêndio DSI 211*.

⁵ <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

⁶ <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

Apesar de assinalado nos documentos, sabemos que a realidade da família tem sofrido mutações profundas, por se terem implementado modalidades diferentes devido a fatores culturais donde resultaram novas configurações familiares.

Sabemos que, por mais que a família, como instituição basilar de toda a sociedade, se modifique, a escola será sempre parceira na educação e formação das novas gerações. Por isso, em tempos conturbados pelo aumento de intolerância e ideologias, a escola é chamada a modificar a sua estrutura e metodologia.

Após os sucessivos atentados terroristas que têm acontecido, surgiram em algumas culturas (nomeadamente na francesa), a necessidade de se iniciar uma reflexão profunda sobre a educação e a função humana e social da escola. Assim, o ideal da democratização da educação e da cultura, desafia a uma reflexão séria e rigorosa sobre o papel cultural e social da escola e sua função humanizadora.⁷

A escola não pode ser a mesma, porque a família e a sociedade também não o são. Se a revolução industrial trouxe consigo o desenvolvimento económico, trouxe também a destruturação familiar.

O *boom* tecnológico alterou profundamente a forma de viver, de comunicar e relacionar. Deste modo, foram sendo progressivamente confiadas à escola tarefas que não eram suas e, hoje, em pleno séc. XXI, a escola vive desafios que eram aprendidos e assumidos na instituição familiar. Deparamo-nos com uma sociedade exigente face à comunidade educativa mas aparentemente desinteressada com as circunstâncias que têm causado, no contexto familiar, uma permanente mudança. As expetativas sobre as escolas facilmente se transformam em exigências ou intransigências, o que faz com que, por vezes, a escola para além de assegurar a educação dos alunos, exerça o papel que caberia à família.

⁷ “Tornar a pessoa mais pessoa é um objetivo que não pode fazer a educação perder o seu rumo. Por isso, mais importante que o prestígio académico é o amadurecimento humano, mais importante que a competição é a solidariedade, mais importante que a defesa da imagem é a cultura da justiça e da liberdade interior” in José M. M. LOPES, «Um possível sentido para a vida. Uma proposta educativa» in *Brotéria* 177 – 4(2013) 277.

Sabemos que, em parte, cabe à escola garantir as condições necessárias para que as crianças possam aprender a agir com responsabilidade e com a autonomia possível. E essa missão é cumprida através da comunicação de conhecimentos adequados e da oportunidade em desenvolver as suas aptidões relativas à vivência em sociedade, ao desempenho de determinada profissão, à descoberta da sua vocação e do sentido da vida. O que influi e pode ser de impacto para esse processo é o ambiente e educação familiar. A realidade na qual crescem e aprendem a relacionar-se com os outros é algo que se vai impregnando na vida dos mais novos, pelo exemplo e contágio do ambiente familiar. É este ambiente que condiciona positiva ou negativamente o desenvolvimento de uma criança.

O espaço da escola pode desbloquear tantos mecanismos, mas é prioritário perceber até que ponto a família é tida como essencial no desenvolvimento de uma criança para compreender o que pode ser condicionante e poder decidir ou não por determinado caminho.

1.1. Motivações que levaram a este trabalho, onde se desenvolveu a prática e como.

Não se pode afirmar como sendo um paradoxo, mas as contradições que cercam a questão da família na atualidade revelam a complexidade do tema e algumas das muitas dificuldades que se apresentam na tentativa de o abordar. Por certo, podemos concordar que se trata de uma questão bastante pertinente e desafiadora de ser trabalhada. Dada a forma em que a sociedade é constituída, todos pertencemos a alguma modalidade familiar, portanto, as ideias, as percepções, ou mesmo as reflexões que possam surgir sobre o tema ‘família’, por mais objetivas que sejam, estão inevitavelmente marcadas pela experiência pessoal.

A experiência familiar é uma parte tão importante da nossa herança psicológica e cultural que a simples menção do termo evoca intensas emoções e experiências. Sentimentos positivos e negativos, memórias de momentos agradáveis ou ruins, de lealdade e obrigação

que tendem a tornar enublada ou risonha a nossa visão. É difícil pensar sobre a família sem qualquer emoção ou examiná-la meramente como uma instituição social, porque isso implica necessariamente pensar no que somos e o que experienciamos.

Mesmo com toda a limitação que se possa apresentar ao abordar este tema, este trabalho surge da necessidade de compreender de que modo é, hoje em dia, relevante a estrutura familiar para o desenvolvimento da pessoa.

Qual o papel da família na formação dos filhos? Que educação recebem os filhos em suas casas? E na escola? Será que a família pode ser o pilar seguro de princípios e valores, para o desenvolvimento dos filhos? Ou é a escola que tem feito esse papel nestes últimos anos? Será que a escola pode substituir um ambiente familiar? Existem consequências quando se faz, mais ou menos inconscientemente, a transferência da tarefa e missão dos pais para uma comunidade educativa?

Foram estas e outras questões que surgiram aquando da minha prática de ensino supervisionada que se registou no contexto do MCR, especialização em EMRC, proporcionado pela Faculdade de Teologia da UCP, que estabelece protocolos com algumas escolas, que nos possibilitaram a lecionação. A Escola Básica de Santo António de Parede é um desses estabelecimentos de ensino e foi a escola destinada para o desenvolvimento do itinerário pedagógico - estágio, no âmbito da disciplina de EMRC. A área temática mais abordada nas aulas foi sobre a “Família, Comunidade de Amor”, da UL3, do programa Curricular de EMRC, do quinto ano de escolaridade.

Apresenta-se de seguida alguns traços característicos desta escola e do meio social que a envolve.

1.2. Caraterização da Escola⁸

1.2.1. Descrição física e geográfica

A Escola Básica Santo António da Parede situa-se na União das freguesias de Carcavelos e Parede, integrando o concelho de Cascais, que pertence ao distrito de Lisboa, abrangendo uma área de 8,11 km², distando 6,5 km da sede do Concelho, 12 km de Lisboa e 72 km de Setúbal. O início do seu funcionamento data do ano letivo 1972/73, há 45 anos. O estabelecimento de ensino é constituído por um só edifício, com dois andares. Por determinação legislativa, desde o dia 3 de julho 2012, esta instituição educativa, juntamente com outras escolas, faz parte do AEP.

A localidade da Parede, que até 1953 integrou a Freguesia de São Domingos de Rana, emancipou-se administrativamente, nesse mesmo ano.⁹ No entanto, com a reorganização administrativa de 2013¹⁰, passou a fazer parte da União de Freguesias de Carcavelos e da Parede, com sede em Carcavelos.

Atualmente, a Freguesia de Carcavelos e Parede é uma das quatro freguesias que compõem o concelho de Cascais, estando limitada a sul pelo Oceano Atlântico, a nascente pelo concelho de Oeiras, a norte pela freguesia de S. Domingos de Rana e a poente pela União de Freguesias de Cascais e Estoril.

1.2.2. Enquadramento legal do Agrupamento de Escolas da Parede

O AEP que teve o seu início no dia 3 de julho de 2012, resulta da união do Agrupamento de Escolas de Santo António com a Escola Secundária Lopes Graça, onde se

⁸ Cf. Texto elaborado em conjunto pelo grupo de estágio e apresentado no portfólio de MCR no ano letivo 2016/2017.

⁹ Através do Decreto-Lei nº 39208, abrangendo parte dos lugares de Buzano – localização precisa da escola, sede do Agrupamento – Junqueiro, Madorna, Murtal, Penedo e Rebelva.

¹⁰ Fruto da Lei 11-A/2013 (de 28 de janeiro).

situa a sede, sendo composto pela Escola Secundária Lopes Graça, pelo Jardim de Infância da Parede, pela Escola Básica do 1.º ciclo n.º 2 da Parede, pela Escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância n.º 1 do Murtal, pela Escola Básica do 1.º ciclo n.º 2 de S. Domingos de Rana e pela Escola Básica de Santo António. Como se pode observar, este conjunto de seis estabelecimentos, responde a uma das exigências prescritas pelo Decreto-Lei 75/2008, a saber, a diversidade etária, abrangendo o ensino desde o pré-escolar até ao secundário.¹¹

Este tipo de organização geográfico-administrativa, apelidada de “mega agrupamento”, tem por objetivo fomentar a unidade entre as escolas e os estabelecimentos de educação pré-escolar de um mesmo concelho, favorecendo a integração dos mesmos nas comunidades a que servem e promovendo a interligação do ensino com as atividades económicas, sociais, culturais e científicas¹². Como esclarece o mesmo Decreto-Lei:

“um agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de pré-escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino, com vista à realização das finalidades seguintes: a) Proporcionar um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos numa dada área geográfica e favorecer a transição adequada entre níveis e ciclos de ensino; b) Superar situações de isolamento de escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar e prevenir a exclusão social e escolar; c) Reforçar a capacidade pedagógica das escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar que o integram e realizar a gestão racional dos recursos; d) Garantir o funcionamento de um regime de autonomia, administração e gestão, nos termos do presente decreto-lei”.¹³

1.2.3. Matriz sociológica do Agrupamento de Escolas da Parede

A União de Freguesias de Carcavelos e Parede, que alberga a Escola Básica de Santo António, onde decorre a prática de ensino supervisionada, que como se vê nasce com a

¹¹ Cf. Projeto Educativo do AEP, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 29 de novembro de 2018, 3.

¹² *Ibidem*.

¹³ Decreto-Lei 75/2008, art. 6.

reforma administrativa nacional das freguesias (Lei 11-A/2013, de 28 de janeiro de 2013), tem uma área de 8,11 km² e cerca de 45 000 habitantes, com uma densidade populacional de 5 549,6 habitantes por km². Uma vez que ainda não existem dados geográficos e populacionais posteriores ao da nova configuração administrativa, teve de se recorrer aos censos de 2011 para caracterizar esta nova freguesia, tal como mostra a tabela que se segue.

TABELA 1: A POPULAÇÃO (DADOS DOS CENSOS DE 2011)¹⁴

| Freguesia | Área | População |
|---------------------|----------------------|------------------|
| Carcavelos | 4,51 km ² | 23 347 |
| Parede | 3,60 km ² | 21 660 |
| | | |
| União de Freguesias | 8,11 km ² | 45 007 |

Do ponto de vista da mobilidade social, pode-se constatar facilmente que a Parede faz parte de uma freguesia heterogénea, pois, embora na sua maioria a população residente seja originária de Lisboa, também existe a presença de população africana, da Europa de Leste, do Brasil, de etnia cigana, entre outras. Devido à crise económica vivida nos últimos anos, assiste-se a uma tendência de diminuição da população oriunda do Brasil e da Europa do Leste, e ao aumento progressivo da comunidade chinesa. Na tabela que se segue é observável um aumento constante da população residente e a consequente expansão, nem sempre devidamente planeada, da Parede.

TABELA 2: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO¹⁵

| 1960 | 1970 | 1981 | 1991 | 2001 | 2011 |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 9 054 | 14 221 | 20 094 | 20 742 | 17 830 | 21 660 |

¹⁴ http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros, obtido em 28/11/2016.

¹⁵ http://www.cmcascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/3_sociodemografia_socioeconomia_parque_habitacional.pdf, obtido em 28/11/16.

Nestes dados verifica-se que nos últimos 50 anos a população residente regista um aumento exponencial, alterando os estilos de vida e a imagem da própria freguesia. Esse aumento provoca um grande desenvolvimento na localidade, que devido ao seu microclima e às suas praias, é considerada zona de interesse terapêutico. Aliás, na viragem da década de 30, com a construção da marginal e a remodelação da estrada Lisboa-Cascais, facilitando os acessos a Lisboa, esta localidade, tal como outras da Costa do Sol, desenvolveu-se atraindo população de classe média-alta. Assim, desaparecem grande parte das velhas “quintas”, são demolidas muitas das construções antigas, intensifica-se a atividade comercial e nascem furtivamente prédios, descurando os espaços verdes lúdicos de lazer.

De um modo genérico, os pais e EE do AEP, na sua grande maioria, são trabalhadores por conta de outrem, operários e trabalhadores não qualificados, muitos deles em situação precária de emprego ou no desemprego. Aliás, o próprio agrupamento reconhece as fragilidades socioeconómicas de muitos dos agregados familiares e a verdadeira dificuldade que estas situações precárias significam na relação entre a família e a escola, particularmente, na urgência em acompanhar casos de risco. Assim, o AEP procura adaptar as suas práticas pedagógicas ao seu contexto social e ao perfil dos alunos, refletindo sobre as práticas do docente e oferecendo um atendimento personalizado através dos serviços de Psicologia e de AE. Neste sentido, perante o aumento de défices afetivos e de socialização dos alunos, nomeadamente dos que vivem em condições socioculturais precárias e em situação de famílias desestruturadas, o agrupamento procura propor percursos escolares que respondam a todas estas problemáticas com respostas educativas adequadas.

Esta realidade social recorda-nos o que Richard Arends refere em relação à pobreza, constatando que as classes sociais substituíram a ideia de raça.¹⁶ Se outrora nos distinguíamos pela raça, hoje, numa sociedade capitalizada, a distinção faz-se pelo poder económico e pelo emprego. A crise económica portuguesa, que lançou muitas pessoas na amargura do

¹⁶ Cf. Richard ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008⁷, 60-61.

desemprego, teve um efeito prejudicial no nosso agrupamento, levando muitas famílias à destruturação e ao desespero. A situação familiar chega a ser muito grave, quando falamos, não apenas de desempregados, mas de desempregados emigrantes. Um dos elos fundamentais do processo ensino/aprendizagem é a colaboração família/escola que fica, assim, debilitada, dificultando este tipo de relação. Por outras palavras, dá-se uma descontinuidade ou até mesmo divergência entre a cultura da escola e a cultura da criança, que provém de um meio socioeconómico desfavorecido, embora sabendo que as dificuldades socioeconómicas não provocam por si, obrigatoriamente, insucesso escolar.¹⁷

Esta realidade social, que é constatada pelo próprio projeto do agrupamento, é uma realidade da escola que se reflete necessariamente nas turmas pertencentes aos estabelecimentos de ensino. Apesar disso, na Escola Básica de Santo António da Parede, na turma da prática de ensino supervisionada, a maioria dos alunos não revelaram graves dificuldades pedagógicas.

1.2.4. Caracterização da população discente

A população escolar da Escola Básica de Santo António da Parede provém de um meio social diversificado, em que prevalece a classe média, embora com um número considerável de alunos numa situação económica precária. Outra das características é a multiculturalidade pois, uma parte considerável dos alunos provém de países como o Brasil, o Perú, Angola, Cabo Verde, Guiné, Bélgica, Holanda, Ucrânia, Roménia, Hungria, Bielorrússia, Bulgária, Rússia e China. Neste mesmo sentido, o portal virtual da escola informa-nos que este estabelecimento de ensino se pode considerar uma referência na integração dos alunos portugueses com outros de ascendência estrangeira.¹⁸

¹⁷ M. CHERKAOUI, *Sociologia da Educação*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994, 53.

¹⁸ <http://www.aesap.edu.pt/portal.htm>

Este mosaico social diversificado, quanto à etnia, raça, religião e classe social, constitui para a escola um constante desafio, na medida em que o pluralismo cultural, ainda que seja sempre uma riqueza humana preciosa e traga vantagens no modo de pensar e agir, pode provocar desavenças, incompreensões e até violência. Estes riscos marcam uma presença constante no ato educativo e são motivo de reflexão, na medida em que a escola, como espaço social educativo, deve ajudar a que este pluralismo seja oportunidade de um diálogo profundo, onde cada cultura – “modo de vida de um determinado grupo, as suas histórias, tradições, atitudes e valores”¹⁹ – ao ser narrada, possa também escutar a narrativa do outro, construindo o respeito²⁰ e promovendo a liberdade.

Como comunidade educativa, a escola tenta assim estabelecer pontes sólidas e transversais, entre os diferentes ciclos de ensino, procurando implementar planos de intervenção comunitária que ofereça aos alunos um futuro concretizável. Tem, por isso, uma especial atenção pelos alunos ditos “problemáticos”, que apresentam dificuldades na aprendizagem, levando a cabo projetos de inovação didático-pedagógica.

Esta diversidade cultural²¹, assumida como riqueza humana, sempre orientou o ato educativo desta comunidade no sentido de construir uma verdadeira “rede de afetos”, que favoreça e concretize a integração cultural e social dos alunos, independentemente da sua proveniência.

“A integração dos jovens na sociedade atual exige a aquisição e desenvolvimento de competências em diferentes domínios do saber para que possam dar uma resposta adequada a novas situações. Neste contexto, o AEP promove o desenvolvimento integral dos alunos recorrendo a experiências pedagógicas diversificadas e valências de outros parceiros para, em parceria, ser possível diversificar e ampliar as aprendizagens”.²²

¹⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 61.

²⁰ Cf. Projeto Educativo do AEP, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 29 de novembro de 2018, 9.

²¹ Cf. *Ibidem*.

²² *Ibidem*, 5.

1.2.5. O Patrono da Escola

Uma breve referência ao Patrono da Escola, Santo António, e à sua inspiradora biografia, uma vez que vários espaços da escola fazem-lhe referência direta, como sejam, o painel à entrada da escola ou os nomes de alguns espaços exteriores.



Conhecemos a sua história, como em Coimbra, à passagem de relíquias, se fez franciscano; como dedicou a sua vida a traduzir a Palavra de Deus aos simples; como viveu em Pádua (Itália) dedicando-se aos pobres, etc. Santo António foi um homem de cultura e que no seu tempo, apesar da multiculturalidade, soube construir uma narrativa de sentido, atendendo à totalidade do ser humano. Sabemos que foi um homem de grande fé, mas nunca impôs a sua fé a ninguém. Respeitou o ser humano, porque temia a Deus e, por isso, foi um homem que serviu os outros pondo a render os seus talentos e tentando descobrir nos outros o que de melhor tinham para oferecer.

Como sabemos, António de Lisboa foi um homem da Palavra. Talvez, hoje, num mundo tão necessitado de construir narrativas regeneradoras de sentido, este santo possa servir de patrono e inspirar formas novas de educar. Talvez António possa ajudar a construir utopias, que em vez de distanciarem, de forma ideológica, o ser humano de si próprio, o ajudem a encontrar sentido para a existência, como resposta à eternidade que, por vezes adormecida, lhe corre nas veias tornando-o *capax Dei*.

1.3. Caracterização da turma

A turma de EMRC do quinto ano era constituída por dezasseis alunos de quatro turmas diferentes (D, E, F e G) sendo que onze elementos eram raparigas e cinco eram rapazes. Mais de metade da turma vinha de famílias de classe económica média, tendo a maioria dos pais o grau académico de licenciatura.²³

Dos dezasseis alunos, cinco estavam integrados em grupos paroquiais e advêm de núcleos familiares onde a religião parece ser uma dimensão cuidada.

Dois alunos tinham limitações de saúde: um de visão e outro de audição e outras duas possuem necessidades educativas especiais.

Durante o ano letivo houve sempre faltas à aula, para alguns deles a falta era justificada pela participação em alguma atividade da escola ou até com alguma compatibilidade de horário com o dos seus pais que os vinham buscar para o almoço, mas para outros não se recebia nenhuma espécie de justificação o que pode revelar algum desinteresse pela disciplina.

A turma mostrou ser bastante interessada e empenhada, destacando-se alguns elementos (oito alunos) pela sua participação de qualidade e oportuna. Atentos às tarefas que se propunham e se, nessa aula se notava alguma perturbação no comportamento, talvez se devesse ao cansaço da carga horária ou à fraqueza do organismo que já dava sinais de necessidade de alimento. Outros alunos participavam apenas quando solicitados e muitas vezes nem sequer conseguiam intervir, mesmo quando solicitados. Outros ainda, permaneciam no silêncio talvez como expressão da sua timidez, desconhecimento, desinteresse ou até por frequentarem a disciplina por imposição dos pais.

²³ Informação recolhida nas fichas individuais dos alunos.

Os alunos da turma de EMRC eram, na sua maioria, alunos que já frequentavam esta disciplina no 1.º ciclo e em algum outro caso, tinham sido alunos da própria docente Luísa Carvalho, a professora cooperante da escola e orientadora de estágio.

2. Percurso realizado

2.1. Trabalho desenvolvido na escola e na turma

Relativamente à prática de ensino supervisionada, pode-se afirmar que foi um tempo de aprendizagem individual e conjunta, construtiva. Tornou-se uma fase de questionamento dos métodos de planificação e lecionação realizados até ao momento; de estruturação/remodelação das aulas planificadas que, em confronto com os colegas de estágio e a professora cooperante, Luísa Carvalho, foram sendo melhoradas em vista do sucesso educativo e pessoal. Houve a oportunidade de beneficiar do acompanhamento do professor Juan Ambrósio que nos apoiou neste trabalho de lecionação, tanto com as aulas assistidas como nas teóricas, na Faculdade, onde nos comunicava qual o verdadeiro papel do educador de EMRC e da disciplina numa escola e na vida dos alunos que nela se inscrevem. Foi tempo de colocar em ato real o conteúdo teórico recebido e fazer dele, vida para os alunos.

Muito do progresso da prática letiva, enquanto docente, não foi percecionado com grande visibilidade durante a atividade desenvolvida, porque as alterações e a mentalidade modificadas ocorreram interiormente. Ou seja, a maior consciência de certas limitações ajudaram a alterar determinados comportamentos no contexto de sala de aula, mas tal processo não foi automático.

Este tempo de prática supervisionada foi enriquecedor porque contribuiu para a consciencialização dos desafios colocados no sentido de se desenvolverem as competências necessárias à prática letiva. A observação da prática letiva dos colegas de estágio ajudou nessa

consciencialização, porque reveladora de boas práticas, úteis para implementar na lecionação; como também de erros e lacunas que éramos desafiados a encontrar alternativas. Pode parecer que a evolução só acontece quando se está como protagonista, mas a experiência deixa-nos concluir que compreender e refletir sobre o proceder de outros pode ser uma mais valia para a aprendizagem pessoal.

Ser educador é ser construtor de humanidade, é ajudar as gerações mais novas a interagir com o mundo e a tornarem-se parte integrante da sociedade fazendo a passagem do teórico para o prático; das temáticas abordadas dadas nas aulas para a vida real e contextos em que se inserem. Um bom educador não é aquele que ensina muito, mas aquele que sabe fazer vida do que ensina!

Neste reduzido tempo de prática letiva supervisionada, foi dada a oportunidade de viver, no concreto da realidade da Escola de Santo António, uma experiência de lecionação que permitiu verificar, através do perfil do educador de EMRC²⁴ qual o progresso e quais as limitações do processo.

Cada vez mais se verifica que lecionar sem conhecer os alunos é um erro crasso porque, se pretendemos que cresçam, que se desenvolvam como pessoas, então temos de começar pelas relações pessoais. E como diz Fernando Savater:

“os homens nascem uns para os outros e a inter-relação entre os indivíduos e o carácter interativo da vida social, são bem mais importantes e mais verdadeiros para a educação dos seres humanos que as outras dimensões a que designamos cultura”.²⁵

No papel do educador pretende-se que se estabeleça uma relação pedagógica entre quem educa e quem tem a possibilidade de ser educado. Para se poder descobrir quem é que está diante do educador, é necessário e importante descobrir qual a “corda” sensível

²⁴ <https://diocese-aveiro.pt/emrc/escolas/perfil-do-professor/>, data de janeiro de 2004.

²⁵ F. SAVATER, *El valor de Educar*, Editorial Ariel S.A., Barcelona, 1997⁴, 12-15.

do coração que cada um possui, o melhor de si, as suas angústias e alegrias, os seus sonhos e aspirações, sabendo do que se gosta e do que se ama. Só por esse caminho se encontra espaço para se colocar lado a lado, para os ajudar a caminhar e a encontrarem sentido para a vida e desejarem ser, amanhã, adultos maduros e responsáveis.

Este trabalho de docência tem tanto de doação como de disponibilidade interior, pois é no espaço de sala de aula que se pode ajudar os alunos a crescer em todas as suas dimensões humanas. É importante que o educador seja aberto a outros horizontes e contextos, disponível para acolher qualquer novidade na maior ou menor receptividade do aluno mas bem seguro da mensagem a partilhar.

2.2. Experiência em sala de aula

As expectativas de quem leciona, pela primeira vez, numa escola pública são sempre muitas, assim como os desafios. A primeira preocupação não deveria ter sido a transmissão dos conteúdos, mas sim as estratégias a serem realizadas para que a disciplina fosse uma mais valia na educação dos alunos, pois sabe-se bem que a escola tem a grande missão de educar, de formar pessoas.²⁶

“A educação moral e religiosa presta um valioso contributo na formação da personalidade na medida em que ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade. Longe de prejudicar a liberdade pessoal e a inserção social, propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social”.²⁷

²⁶ Cf. CEP, *Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, CEP, Lisboa, 2002, 8.

²⁷ *Ibidem*, 5.

O educador deve estar convencido que a educação autêntica é a educação integral da pessoa, como também dizia São João Bosco.²⁸ Ele afirmava que a educação devia abarcar todas as dimensões da pessoa e a escola proporcionar um ambiente saudável para a construção da identidade de cada aluno e para o seu crescimento harmônico. Nos seus escritos podemos ler:

“A escola [...] ajuda a crescer mediante propostas que encaminhem todas as possibilidades da pessoa para experiências positivas de bem; o ambiente educativo que implica espírito de família, clima de alegria e de festa, convite à criatividade, racionalidade e flexibilidade, trabalho diário e esforço concreto, protagonismo dos próprios jovens; a relação educativa pessoal que reconhece o caráter único e a história pessoal de cada aluno e se traduz em familiaridade entre educadores e educandos, confiança e simpatia para com o mundo dos jovens, capacidade de acolhimento e diálogo; a “presença-assistência” animadora dos educadores entre os jovens que fomentam as suas iniciativas, oferecem elementos de amadurecimento pessoal, previnem experiências deformantes”.²⁹

Os educadores devem ser pedagogos, ou seja, pessoas com grande capacidade de diálogo, de escuta, pois sem interação ninguém é capaz de educar. Um pedagogo é alguém que acompanha o processo educativo, que inova as propostas que vai realizando, que ajuda nas dificuldades e que cuida do outro. A imagem que se descreve deste profissional da educação parece, nos dias hoje, um pouco “bizarro”, mas acredito que quando falamos em educação estamos a orientar o nosso olhar para um profissional que tem mais autoridade porque mais experiência, chaves de leitura, discernimento e estudos, mas não se trata da pessoa que sabe tudo. Dificilmente será um bom educador se não tiver a capacidade de se colocar nesta ótica.

²⁸ São João Bosco (1815-1888) foi um sacerdote italiano, fundador da Sociedade de S. Francisco de Sales, congregação religiosa vocacionada para a educação de jovens órfãos e necessitados.

²⁹ Sobre o Método Preventivo escrito por D. Bosco em março de 1877. Retirado da *Proposta Educativa Salesiana. Linhas Básicas da sua identidade*, 24 de maio de 1997, 57-58.

É importante gostar do que se faz porque, caso contrário, podemos ficar mal connosco, insatisfeitos, e deixar mal os outros que estão a crescer também à nossa responsabilidade. Saber a teoria por si só não significa ser bom para educar, não significa ter capacidade para ensinar, para ser professor. O bom educador é aquele que sabe aproximar-se do aluno para identificar as suas capacidades e potencialidades; um bom professor é educador de pessoas.

Não nos estamos a referir à capacidade intelectual, mas à relação pedagógica com os alunos. Essa relação não significa que vale tudo. Não há que confundir os papéis do educador e dos alunos, nem a avaliação depende da amizade entre educador e alunos. O que define essa relação é a marca que se pode deixar como educador na vida dos alunos sem que, por isso, nos tenhamos que demitir da nossa responsabilidade educativa.

A educação diz respeito ao acompanhamento que se dá ao aluno que tenta fazer o seu percurso, desenvolvendo competências e capacidades. Não se deve só avaliar os resultados mas também o seu percurso, pelo que se torna necessário conhecê-lo para não correr o risco de sermos menos justos na apreciação.

Foi com este horizonte em mente que se iniciou a PES e que se trabalhou para esta tentativa: ajudar os alunos do quinto ano a crescer como pessoas.

Quando se iniciou a lecionação e por já estarmos em janeiro, dispensaram-se apresentações; também o trabalho com a parceira de estágio era pensado e realizado em grande sintonia e, por isso, não havia necessidade de apresentações.

Na primeira aula, iniciou-se a passagem de uma época festiva - o Natal, para o tema da “Família, Comunidade de amor”. A estratégia pensada baseou-se na visualização do filme “*The Nativity*” que iria sendo acompanhado por uma ficha de interpretação rumo ao tema: família de Jesus. Ao longo da visualização, pretendia-se interromper o filme e ir falando dos aspetos importantes observados.

Esta turma mostrou ser pacífica e aberta às propostas ou iniciativas programadas e por isso gerou-se um bom ambiente em sala de aula. Mesmo não nos conhecendo bem, o facto de

ter sido a professora cooperante, Luísa Carvalho, a apresentar-nos e a acompanhar-nos em todo o processo, garantiu algum à-vontade por parte dos alunos.

Empenhámo-nos para que este tempo de prática de ensino supervisionada fosse uma mais valia, não só para nós - aprendizes, mas principalmente para os alunos que frequentavam a disciplina. Na escola pública, o lugar da disciplina de EMRC tem tido alguma relevância e muito se deve à presença do educador. É importante ser sinal positivo e interpelativo para os alunos, pois só a partir daí poderão compreender este espaço como contributo significativo na construção da sua identidade.

O trabalho realizado foi sendo elaborado de acordo com as necessidades. Por exemplo, as planificações de aula (nível IV) foram sendo alteradas de acordo com a avaliação feita pelos colegas de estágio, assim como pela professora cooperante, Luísa Carvalho. Houve momentos em que foi importante modificar a estratégia de aula para aula por se ter observado alguma dificuldade na execução da mesma com estes alunos. Apesar disso e do trabalho que daí advém, sabemos, pela prática letiva, que ao planificar as aulas se pode ter em conta a qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos. Se não houver planificação, andamos sem objetivo e sem rumo. É necessário planificar e avaliar a ação ocorrida pois só desse modo poderemos evoluir:

“Tanto a teoria como o senso comum sugerem que a planificação aplicada a qualquer tipo de atividade melhora os resultados. A investigação também favorece a planificação do ensino em relação a atividades e eventos sem orientação, mas como verá, alguns tipos de planificações podem levar a resultados inesperados”.³⁰

Porém, houve outros momentos em que nos mantivemos fidelíssimos ao planificado mas não resultou, pois bloqueou algum crescimento relativamente ao processo dos alunos. Nestas situações, parece que poderia ser mais viável não ter planificado e ter adaptado a aula ao estado emocional dos alunos. Urge ser-se mais atento às suas necessidades:

³⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 95.

“Os professores que planificaram foram menos sensíveis às ideias dos alunos e pareceram prosseguir com os seus objetivos, não tendo em conta o que os alunos estavam a pensar ou a dizer. Pelo contrário, os professores que não planificaram apresentaram um maior número de comportamentos verbais que encorajaram e desenvolveram as ideias dos alunos. Zahorik concluiu que a planificação baseada em objetivos pode inibir os professores de serem tão sensíveis em relação aos alunos quanto poderiam ser”.³¹

Considera-se uma mais valia a organização das aulas lecionadas mas rapidamente se dá conta que também pode ser uma limitação na relação pedagógica na sala de aula. No entanto, sabemos pela experiência que a planificação favorece a atenção, a disciplina, o ganhar tempo no aprofundamento dos temas. Não convém nem é educativo andar ‘ao sabor do tempo ou da maré’. Não se pode deixar que os alunos fiquem prejudicados pela má gestão do educador. É importante ser-se capaz de, com humildade e honestidade, reconhecer os próprios limites e procurar, com clareza, educar através do testemunho.

Na maioria das aulas, houve a preocupação de as tornar dinâmicas por se saber que é no envolvimento que se pode facilitar a aquisição de conhecimentos e criar impacto na vida de cada um. As estratégias pretendiam jogar com estes aspetos mas também com o facto do horário da aula coincidir com o intervalo do almoço o que, inevitavelmente, provocava sempre resistência por já estarem com demasiada vontade de ir almoçar.

Durante este tempo de prática de ensino supervisionada tive oportunidade de aprender como é importante ultrapassar certas dificuldades em relação a algum aluno, relativamente ao gerir do tempo, ao ser fiel aos planos de aula.

A experiência na escola de Santo António - Parede foi uma riqueza no que diz respeito à qualidade da relação pedagógica no espaço de sala de aula, isto porque se pode afirmar que toda e qualquer experiência, positiva ou negativa, orienta para o crescimento da pessoa. Outra riqueza que se verificou a ‘olho nu’ foi o facto de a PES se ter realizado num estabelecimento

³¹ *Ibidem*, 96.

de ensino público, o que torna tudo muito diferente de um privado. Este tempo foi uma possibilidade de crescimento enquanto educadora, porque é na diversidade de contextos que se é capaz de alargar o horizonte e se viver com maior capacidade para valorizar as riquezas que nos são oferecidas.

Foi um tempo para estar disponível, também, às propostas já calendarizadas e que fazem parte da gestão anual da disciplina, como por exemplo: um *peddypaper* na serra de Sintra; a realização do almoço de Natal com a colaboração na organização dos alunos do nono ano da escola de Santo António; as Olimpíadas de EMRC para o segundo ciclo.

3. Prática/experiência letiva

“Decidir o que ensinar está entre os aspetos mais difíceis da planificação do professor porque existe muito para aprender e tão pouco tempo para ensinar”.³² Esta afirmação quer recordar-nos que os horários que, muitas vezes, são atribuídos aos professores, não são tempos onde os alunos estejam predispostos a escutar, a estar na aula e, por isso, é importante sermos inovadores, com propostas criativas, que possam contagiar o ambiente e motivar outros a se inscreverem na disciplina de EMRC.

Na escola de Santo António, o horário para alguns alunos do quinto ano tornou-se um empenho demasiado grande por ser à hora já referida, com a consciência de não precisarem da nota para transitarem de ano e sem saberem qual o objetivo principal porque têm de frequentar. Admiração é o sentimento mais sincero por todos aqueles que frequentam a disciplina e lhe dedicam o seu tempo de almoço: são uns heróis (independentemente de como se comportam).

³² *Ibidem*, 102.

Este tempo de estágio exigiu muito trabalho em equipa, muita partilha de ideias relativamente ao tema que se estava a tratar nas aulas. A parceria funcionou e ajudou a relativizar determinados comportamentos. Por isso, na maioria das vezes em que surgia uma proposta criativa, antes de se elaborar em pormenor, surgia sempre o confronto com vista a um parecer avaliativo.

No que se refere ao material pedagógico, não se construiu muito material extraordinário, recorreu-se ao programa da disciplina de EMRC de modo a dar atenção aos conteúdos; como auxílio para o trabalho na aula, servimo-nos do manual do aluno; pesquisou-se em sites/blogs³³ que arquivam propostas válidas para as aulas de EMRC. “A pesquisa provou que o tempo disponível para o ensino é bem menor do que se possa pensar, embora pareça abundante no início do ano”;³⁴ as planificações construídas nos anos anteriores, mesmo sabendo que a realidade era diversa, ofereceram estratégias bem sucedidas.

Este tempo de prática de lecionação serviu também para tomar consciência de que o modo como se planifica é muito complexo e único, pois interage com outros aspetos do ensino e é influenciado por muitos outros fatores; este processo é um instrumento importante para o trabalho a desenvolver e, saber dominar as especificações da planificação, é uma das competências exigidas ao educador. Por essa razão e para bem dos alunos, pretende-se que esta experiência da PES seja prolongada na ação educativa de modo a partilhar e a pedir auxílio, sempre com o propósito de dar qualidade ao ensino da disciplina de EMRC.

A prática efetuada na escola de Santo António foi uma experiência que enriqueceu a vida e proporcionou um olhar diferente sobre a realidade da disciplina de EMRC na sociedade.

³³ Cf. <http://www.educris.com/v2/centrorecursos/emrc/programa-de-emrc/2036-novos-recursos-de-emrc;>
[http://criarparaemrc.blogspot.pt/;](http://criarparaemrc.blogspot.pt/) <http://emrcmondim.com/>

³⁴ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 125.

O grupo de alunos, a quem se transmitiu alguns conteúdos, mostraram-se interessados, corajosos, autónomos na maioria e, na generalidade, serenos no comportamento.

O tema abordado era de interesse comum, pois todos pertencemos a uma família, maior ou menor, mais próxima ou afastada, unida ou em conflito... E foi com essa base que se considerou pertinente esta unidade letiva 3 neste momento da vida destas crianças. Em alguns momentos foi constrangedor falar-lhes de uma realidade quase ideal, que o Homem tem a possibilidade de arruinar. Ser vítima de um ambiente familiar destruturado ou sem os padrões de segurança e estabilidade, pode provocar chamadas de atenção constantes na sala de aula pela perturbação comportamental, pela intolerância quando não se lhe faz a vontade... Esta foi uma experiência marcante mas exigente que provocou alguma ansiedade na construção de diálogo.

Depois da lecionação em contextos diferentes durante este ano, deduziu-se que mais do que apresentar muitos conteúdos, é importante colocar os alunos em contacto com realidades existentes que os ajudem a perceber se é possível viver feliz em família, mesmo num contexto com dificuldades. É importante ter consciência que ser família é essencial para a harmonia interna da pessoa.

Pode afirmar-se que os alunos pouco retiveram dos conteúdos teóricos apresentados, por estarem muito centrados no que vivem quotidianamente. Aquelas experiências práticas foram mais profícuas que as aulas dadas sem qualquer interação. O trabalhar em grupo, a dramatização de um texto, a visita aos idosos, o jogo de pistas foram modalidades que os ajudaram a aproximar-se da realidade envolvente e que, muitas vezes, os ‘obriga a serem fotocópias’ do que experienciam.

3.1. Análise e pertinência da UL

A finalidade da disciplina de EMRC é a formação da pessoa em ordem ao seu desenvolvimento integral e ao bem da sociedade em que se insere como membro, onde participará ativamente quando estiver apto para assumir responsabilidades. Partindo desta finalidade alargada (onde se colocam todas as finalidades da disciplina descritas no programa de EMRC), pode afirmar-se que os conteúdos escolhidos³⁵ para trabalhar foram, basicamente, os que se apresentaram no programa de EMRC.

O trabalho desenvolveu-se segundo a quantidade de aulas previstas e a distribuição dos conteúdos pelos tempos letivos. À medida que se ia conhecendo os alunos e as iniciativas que a professora Luísa Carvalho realizava para os motivar e dar visibilidade à disciplina, adequava-se à realidade e ‘limava-se’ o que era necessário para que o trabalho fosse útil para a vida dos alunos. “Os professores têm que escolher o conteúdo com base em ideias elementares e estruturas de conhecimento de um campo específico, tendo em conta, claro, os conhecimentos e competências anteriores dos alunos”.³⁶

O que se pretende, quando se leciona EMRC, é ajudar a que os alunos venham a ser peças importantes na construção de uma sociedade e não, simplesmente, mais uns alunos de uma qualquer disciplina. É importante saber olhar os alunos e compreender as suas necessidades e questões e, a partir desse panorama, optar por um caminho que os ajude a crescer na compreensão das aulas de EMRC.

Muitas vezes, apesar de se saber a teoria toda, limitamo-nos a ‘desbobinar’ conteúdos que podem não ser os mais apropriados para aqueles alunos, nem mesmo os mais válidos para a sua realidade.

³⁵ “...uma tarefa de planificação importante para os professores continuará a ser a escolha do conteúdo mais adequado a partir das várias áreas de estudo para um grupo específico de alunos.” (R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 102).

³⁶ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 107.

Ensinar é um modo de promover o desenvolvimento dos que nos estão confiados; quando estes o conseguem assimilar, significa que o objetivo proposto pelos professores e pela escola foi alcançado com sucesso. Apesar de ser um horizonte imprescindível para a vida de cada um, não podem ser só os educadores a determinar os objetivos da disciplina.

Todos concordamos que é necessário haver caminhos definidos e propostas concretas para oferecer, mas estas têm de ser de outro nível de avaliação. Não podemos colocar a disciplina de EMRC como mais uma e tratá-la como tal, pois o seu efeito só poderá ser verificável na vida e não nas aulas. Os exercícios de avaliação pretendem apenas conferir se os conteúdos foram escutados, entendidos, interiorizados.

Neste pequeno percurso com os alunos da escola de Santo António, houve oportunidade para verificar que as condições exteriores, a maior parte das vezes, não foram favoráveis nem funcionaram como fatores de cooperação mas, muito pelo contrário, foram ruído e obstáculo para a participação e concentração dos alunos. Pareceu-nos bastante importante compreender que os resultados nem sempre dependem só do empenho, do interesse dos alunos, mas muito do ambiente escolar com um papel preponderante na motivação dos mesmos. Claro que o papel do educador é determinante, mas não é tudo! Detenhamo-nos no contexto envolvente e desafiador do próprio intervalo à hora da aula e vejamos em que aspeto pode condicionar a escolha dos alunos inscritos para participarem na aula.

Foi muito enriquecedor conhecer este ambiente de escola pública, com alunos disponíveis, pré-adolescentes com uma profundidade surpreendente, a olhos vistos, e cuja educação à interioridade não se pode descurar sem prejuízo da significatividade da sua vida.

Estamos preocupados com o nosso sucesso ou com a educação de uma sociedade onde se possa viver? Estes alunos com quem partilhámos um pouco de vida, com a sua forma de ser e de estar, disseram-nos que ainda há muito para realizar, para construir e que nós, educadores de EMRC, temos nisso uma grande responsabilidade.

Educar para os valores éticos e morais é fazer crescer a pessoa na consciência da sua humanidade, no saber olhar o mundo com outros olhos, com outro horizonte, com outras cores e percorrer o caminho de um desenvolvimento humano integral. Ser educador é mais do que dar aulas, é dar um pouco do que somos como pessoas e de servir de pilar para outros que queiram desenvolver-se e progredir como pessoas responsáveis na construção de uma sociedade sempre mais humana.

3.2. Lecionação da UL

Cada família pode ter diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia-a-dia feito de fadigas e “até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes”.³⁷

Considerando mais uma vez que cabe à família o principal dever da educação das crianças, a escola terá que, necessariamente, incorporar nos seus currículos os valores e culturas das famílias de origem dos alunos.³⁸ Assim, a disciplina de EMRC insere-se nos currículos e pretende ajudar os alunos a crescerem como “bons cristãos e honestos cidadãos”.³⁹

A unidade letiva 3: “Família, comunidade de amor” é oportunidade para os alunos se confrontarem com a realidade existente na sociedade e fazerem a ponte com o ideal que querem construir. É importante que se reflita sobre o ideal, sobre o próprio projeto de vida e se orientem pelos valores da fidelidade, do amor, da generosidade, essenciais para dar estabilidade e abrir caminho à felicidade própria e alheia.

³⁷ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, Paulus, Lisboa, 2016, 30.

³⁸ Cf. Don DAVIES, *As escolas e as famílias em Portugal/Realidade e Perspetiva*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989, 27-29.

³⁹ Um objetivo educativo na vida do Santo João Bosco, fundador da Congregação Salesiana. In F. MOTTO, *Un Sistema Educativo sempre attuale*, Elledici, Turim, 2000, 41.

Ao trabalhar esta UL3 com os alunos deste ciclo, os objetivos prendiam-se com:

- Dar seguimento à unidade letiva 2, em que se falou da vida da família de Jesus e fazer a passagem para a realidade de cada aluno, no seu contexto familiar – UL3;
- Dar a conhecer as funções da família e o papel de cada um no seio da mesma, valorizando a sua participação;
- Identificar o projeto de Deus para a família de hoje;
- Promover os valores do amor na vida familiar.

Na maioria, os alunos aderiram bastante bem a todas as propostas de trabalho em sala de aula e também no exterior. Em alguns momentos percebia-se a presença de um aluno que, pelo facto da família se encontrar com alguma dificuldade, não sabia gerir bem este tema, não conseguindo colaborar inteiramente em todas as atividades.

Como o tema da família sugere a capacidade de estar atento ao outro, de estar ao serviço, comunicativo, participativo na vida familiar, houve a oportunidade dos alunos visitarem e realizarem trabalho voluntário numa Instituição perto da escola - um lar de idosos onde os alunos se colocaram à disposição para ajudar, conversar, partilhar a vida.

Realizaram-se também algumas atividades em sala de aula a pares, em grupos, como também no anfiteatro da escola e no exterior.

Como este tema da família foi lecionado logo a seguir à época natalícia e porque não se encontrou tempo real para a conclusão da UL2, a tentativa foi de se fazer a ponte entre esse tema e o que se pretendia abordar. Desse modo, tendo como pano de fundo a Sagrada Família, planificou-se a visualização do filme sobre o nascimento de Jesus e durante a apresentação deste, com o apoio de uma ficha de interpretação, foram-se falando de aspetos relacionados com a família na sua generalidade (ex: quais as funções do pai e da mãe...).

O que de seguida se apresenta é a planificação dessas duas aulas como conclusão da UL2 e a introdução para a UL3, como também as aulas dadas para o desenvolvimento deste tema sobre a família (10 aulas).⁴⁰

⁴⁰ As planificações das aulas de estágio encontram-se no portfólio do MCR, assim como os relatórios. Porém, estes últimos apresentam-se, neste relatório, com algumas alterações.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|--|--|---|--------------|--|--|
| 5.ºano | Unidade letiva 2: Advento e Natal | | Aula n.º 4 | Lição n.º 12 | 04.01.2017 | |
| Sumário: Visionamento do filme: “Nascimento de Jesus”. Preenchimento da ficha de interpretação. Contexto histórico do tempo de Jesus. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus. | | Acolhimento Sumário | 5m | Projeção (anexo 1_slide2) ⁴¹ | Empenho |
| | | | Introdução do filme | 5m | | Atenção |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Jesus, o Salvador: Emanuel, Deus conosco na história; • Jesus encarna numa realidade histórica: Jo 1, 1-4.14. | Filme: “The Nativity” Ficha de interpretação | 30m | CD Ficha (anexo 2 e 3) | Atenção Empenho no preenchimento da ficha |
| | | | Síntese de aula | 5m | Quadro Caneta | Participação |
| Proposta de síntese: Jesus é Deus, nasceu na história da humanidade e permanece presente. | | | | | | |

⁴¹ Todos os anexos referidos nestas planificações encontram-se no portfólio em formato digital.

Relatório da aula

O objetivo da aula foi de introduzir o filme “The Nativity” através dos conteúdos finais transmitidos na última aula do primeiro período.

A estratégia utilizada, para melhor compreender o filme, foi uma ficha de interpretação que auxiliava a retenção de alguma informação sobre a realidade histórica do tempo de Jesus e ajudaria a fazer a ponte para a UL3 onde se trata do tema da família.

Os alunos mostraram-se empenhados, mas o ambiente envolvente não ajudou para a retenção de informação; isso verificou-se quando se fez uma pequena introdução sobre o conteúdo tratado no período escolar anterior e os alunos pouco ou nada tinham retido. Para se poder oferecer um fio condutor, reforçou-se a definição de Advento dizendo que é um tempo de espera do Messias. Com esta ideia de fundo, colocou-se o filme “The Nativity” e distribuiu-se a ficha.

Os alunos desta idade são muito competitivos e, por isso, começaram por ter sempre o dedo no ar, logo que se dava a entender haver uma paragem do filme. Esse gosto de participação tornou-se contagiante e exigiu alguma atenção na gestão do diálogo sobre o filme.

Alguns alunos conseguiram acompanhar as informações pedidas no filme, outros pelo contrário, não acompanharam o ritmo, o que provocou, de forma positiva, algum diálogo à medida que se ia corrigindo as respostas. Esta dinâmica foi bastante positiva, a ficha ajudou à interpretação e a modalidade favoreceu tanto os alunos mais lentos como os mais perspicazes.

A síntese da aula poderia ter sido construída pelos alunos, caso houvesse mais tempo disponível mas como isso não se verificou, no término da aula apresentou-se a síntese sem se compreender se realmente conseguiram alcançar o objetivo da aula planificada.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|--|--|--|------------|-------------------------------|-----------------------------------|
| 5.ºano | | Unidade letiva: Advento e Natal | | Aula n.º 5 | Lição n.º 13 | 11.01.2017 |
| Sumário: Conclusão do visionamento do filme. Introdução à UL3: “Família, comunidade de amor”. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus. | | Acolhimento Sumário | 5m | Projeção (anexo1_slide3-5) | Empenho |
| | | <ul style="list-style-type: none"> A Palestina no tempo de Jesus: situação geográfica, política e social. | Continuação da visualização do filme “The Nativity” | 25m | CD | Atenção |
| | | | Continuação do preenchimento da ficha de interpretação | 5m | Ficha (anexo 2 e 3) | Empenho no preenchimento da ficha |
| | | | TPC – construção da árvore genealógica da família. | 5m | Anexo 4 PPT | Participação |
| | | | Síntese de aula | 5m | Quadro Caneta | Participação |
| Proposta de síntese: Jesus é Deus connosco que nasceu numa realidade concreta. | | | | | | |

Relatório da aula

É difícil gerir o tempo, principalmente no início da aula, na entrada dos alunos, enquanto se escreve o sumário e se faz o necessário para orientar o diálogo para o assunto a tratar. É um desafio em cada semana.

A planificação da aula tinha como objetivo concluir a visualização do filme “The Nativity”, assim como a ficha iniciada na aula anterior para que de seguida se fizesse a passagem da família de Nazaré para a família de cada um dos alunos. No final da aula o pedido era no sentido de construírem a árvore genealógica da sua família.

Poderia ter iniciado a aula com uma breve síntese da semana anterior de modo a que os alunos pudessem ir construindo um fio condutor, poderia ter sido proveitoso, mas não aconteceu!

Os alunos manifestaram-se participativos e interessados na dinâmica imposta pelo filme e pelo preenchimento da respetiva ficha de interpretação.

O facto de se ter elaborado a ficha sem ajudas, causou algumas ambiguidades nas perguntas realizadas e isso provocou alguma divagação. Viu-se a necessidade de recontar o filme por se ter detetado que os alunos não tinham realizado as questões às quais não estavam esclarecidos. Por ter surgido essa necessidade, o tempo de aula foi curto para tanto filme e o objetivo da aula não foi alcançado, pelo que esta planificação não se concretizou conforme estava planificada.

Verificou-se que esta estratégia tomou mais tempo de aula do que o que estava previsto. Com este resultado, optou-se por pedir aos alunos que construissem, como trabalho de casa, a árvore genealógica da sua família.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|---|---|--|-------------------------------------|--------------|--------------------------|-------------------------|
| 5.ºano | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 1 | Lição n.º 14 | 18.01.2017 | |
| Sumário: Conclusão da visualização do filme. Reflexão sobre a própria família. Diálogo sobre a minha família. Conceito de família. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus. | <ul style="list-style-type: none"> • Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história. • Jesus encarna numa realidade histórica: Jo 1, 1-4.14. | Acolhimento Sumário | 5m | PPT (anexo 1_slide6-16) | Empenho |
| | | | Conclusão do filme: “Nativity” | 10m | Cd | Atenção |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 1. Reconhecer as diversas funções da família. | <ul style="list-style-type: none"> • A família é: <ul style="list-style-type: none"> - origem da vida e espaço onde se educa e cresce ao amor; - espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo F/M, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e de responsabilidade; - lugar educativo contra as injustiças sociais; - acolhimento e reconhecimento da pessoa. | Texto: “Quem é a minha família?” | 5m | Caderno diário | Empenho |
| | | | Partilha | 15m | TPC realizados | Participação Atenção |
| | | | Síntese da definição de família | 5m | PPT (anexo 1) Anexo 5 | Atenção Interesse |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | Atenção Participação |
| Proposta de síntese: Família é um espaço de afeto onde se educa e se cresce na relação. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo que se tinha proposto alcançar para esta aula era a conclusão do filme de modo a poder, de seguida, ajudar os alunos a refletir sobre a sua família com a estratégia de projetar algumas questões. Construir alguma partilha entre os alunos, depois alguma exposição de conteúdos sobre o conceito de família e concluir-se com a síntese do exposto.

Revelou-se algumas falhas na descrição dos procedimentos da aula, porque para que qualquer pessoa fosse capaz de compreender a planificação realizada, era necessário uma maior explicação do pretendido. É importante compreender a informação que se deseja transmitir e que o sumário realizado seja espelho das estratégias usada em aula.

A planificação foi iniciada com os últimos minutos do filme “The Nativity” para que se conseguisse completar a ficha. Este aspeto foi perturbador como demasiado longo para o objetivo que se pretendia alcançar. Houve a percepção de algumas partes não serem essenciais e se poder ter dispensado. Foi positivo os mapas apresentados, pois as duas imagens quase que alcançaram mais depressa o objetivo que o visionamento de todo o filme.

A parte do filme relativo à família de Jesus está muito bem realizado e pode ser um bom contributo para as aulas sobre o tema, assim como a ficha de interpretação do filme que permitiu que os alunos seguissem melhor a história, retirando os aspetos essenciais. É importante ter em atenção, na apresentação de conceitos chave da nossa tradição judaico-cristã, para que não se faça de forma redutora pois pode levar a equívocos.

O trabalho de casa sobre as árvores genealógicas da família foi realizado por uma aluna que apresentou o trabalho na aula.

A tarefa seguinte foi descrever a própria família. Observou-se alguma resistência por parte de alguns alunos, mas depois de perceberem que era para realizar, rapidamente começaram a escrever e a partilhar. Apenas um aluno reagiu mal a esta atividade, pois não sabia o que escrever nem muito menos partilhar. Ficou constrangido e, por isso, adotou uma atitude menos recetiva e um tanto perturbadora.

Foi positivo o facto de se ter procurado ir respondendo às perguntas dos alunos, de forma precisa e esta atitude gerou um ambiente de serenidade na aula, sem que se perdesse o fio condutor e o tema principal. A elaboração do texto e da partilha sobre a própria família pareceu adequada para quase todos os elementos da turma; a partilha foi muito rica e interessante. Foi de lamentar o facto de não se ter conseguido explorar as indicações dadas pelos alunos na síntese final.

Fez-se uma projeção em suporte digital que continha conteúdos capazes de elucidar os alunos sobre a historicidade da pessoa de Jesus, na tentativa de correlacionar o tema da família de Jesus com a UL3 e esta ligação realizou-se através de uma fotografia da Sagrada Família. Apresentou-se várias definições do conceito de família, servindo-se de gráficos e imagens para poder adequar à realidade de cada aluno. A utilização das cores do gráfico smartArt apresentado, como síntese, não coincidia com o documento distribuído aos alunos e isso gerou alguma confusão. As imagens do mesmo gráfico poderiam ter sido mais exploradas, uma vez que são sempre uma boa fonte de transmissão de ideias.

Nesta aula foi possível considerar os vários tipos de família vigentes na sociedade, algumas delas, possivelmente presentes entre o grupo de alunos. Foi de suma importante que o docente tivesse criado ou manifestado mais empatia com os alunos, algo que algumas vezes é descurado pela exigência de se ter de cumprir uma planificação.

Constatou-se uma certa limitação na explicação da síntese da aula.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|---|--|--|------------|--|-------------------------|
| 5.ºano | | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 2 | Lição n.º 15 | 25.01.2017 |
| Sumário: Apresentação das árvores genealógicas. As funções da família e a adequação da realidade familiar dos alunos. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Sumário | 5m | PPT (anexo 1_slide17) | Empenho |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 1. Reconhecer as diversas funções da família. | <ul style="list-style-type: none"> • Funções da família: - de humanização; - de socialização e educação; - de afetividade; - de proteção; - de interajuda. | Apresentação das árvores genealógicas (TPC) | 20m | Cadernos diários (anexo 4) | Qualidade do trabalho |
| | | | Apresentação das funções da família e adequação à realidade dos alunos | 15m | PPT (anexo 1_slide 18_23) Anexo 6_vídeo | Atenção Participação |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | |
| Proposta de síntese: A nossa família é importante porque nos ajuda a crescer como pessoas. | | | | | | |

Relatório de aula

O objetivo da aula era realizar a partilha do trabalho não apresentado na aula anterior, por isso, pediu-se aos alunos que trouxessem o trabalho da construção da sua árvore genealógica. Depois disso, houve uma pequena exposição das funções da família com alguns exemplos reais para facilitar a compreensão dos alunos. No final a síntese de aula.

Nesta aula houve oito alunos que apresentaram a árvore genealógica da sua família; apesar de já se ter pedido este trabalho na semana anterior, houve alguns que ainda não o conseguiram trazer realizado.

A apresentação das árvores genealógicas das diferentes famílias foi boa, bem como o clima de silêncio e de respeito que se criou e favoreceu quem estava a comunicar. Foi uma partilha feita com muita simplicidade que demorou cerca de 15m. Considerou-se que a exposição oral, intercalada com a experiência pessoal, foi positiva, sendo que a síntese (só oral) fora pouco incisiva no efeito que provocou nos alunos (distração, conversa, pergunta se a aula já tinha terminado). Foi observável a sua incapacidade de concentração depois daqueles minutos de partilha. Por se ter compreendido que os alunos já não tinham pré-disposição para escutar, até porque pensaram que a aula tinha terminado, o desenvolvido dos conteúdos foi pouco extenso e baseou-se só sobre as funções da família.

Quando se pensou na apresentação das famílias não se considerou esse trabalho muito significativo, porque se assim se tivesse valorizado, poderia ter sido uma aula em que os alunos apenas escutariam e partilhavam sobre a sua própria realidade. Seguramente que o resultado teria sido mais proveitoso e interessante sobre o tema em reflexão.

É sempre muito proveitoso desenvolver atividades que permitem a apresentação de trabalhos orais, porque estas conferem aos alunos a oportunidade de treino das suas capacidades comunicativas.

| PLANO DE AULA | | | | | | | |
|--|--|--|---|---------|---|------------------------------------|------------|
| 5.ºano | | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | | Aula n.º 3 | Lição n.º 16 | 01.02.2017 |
| Sumário: O Projeto de Deus para a família. Leitura de textos bíblicos e sua interpretação. Realização de uma sopa de valores. | | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa | |
| | | | Acolhimento Sumário Recordar os conteúdos da aula anterior (funções da família) | 10m | PPT (anexo 1_ slide 24 e 25) | Empenho Participação | |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 2. Identificar o projeto de Deus para a família. | <ul style="list-style-type: none"> •O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: - Ef 4, 25.29.31-32; 5, 1s: viver os valores da verdade, da bondade, do perdão; - Pr 17, 1: dar prioridade à consciência do ser em relação à consciência do ter. | Definição de família para os cristãos Leitura do texto bíblico Identificação dos valores presentes no texto que ajudam a viver em família | 10m | Manual pag. 73 PPT (anexo 1_ slide 26-33) Anexo 7 | Atenção Participação Empenho | |
| | | | Leitura do versículo do texto bíblico Interpretação e explicação através do manual | 5m | PPT (anexo 1) | Atenção Participação | |
| | | | Sopa de valores: tarefa de aula | 15m | Anexo 8 | Empenho | |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | Atenção Participação | |
| Proposta de síntese: A Família é uma comunidade de amor onde se vivem alguns valores importantes para a vida. | | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo da aula era falar sobre os valores presentes na família e quais os que nos podem ajudar a crescer.

A aula teve início com um exercício de memória relativamente à semana passada. Fez-se uma síntese dos conteúdos e o diálogo foi conduzido no sentido de ajudar a compreender que as pessoas, por se organizarem, conseguem viver juntas. Alguns valores são imprescindíveis para que a sua convivência seja saudável. Para mostrar a verdade dessa afirmação, leram-se textos bíblicos que ajudaram a definir o verdadeiro sentido cristão da família, como os valores que devem existir em família e que podem trazer algum benefício para os seus membros e o ambiente familiar. Depois de refletir sobre o texto, foi lançado o desafio de encontrarem os valores importantes com a ajuda de uma sopa de letras e do próprio texto.

Como a tarefa era demasiado fácil porque o texto demasiado pequeno e direto, apresentou-se-lhes outra sopa de letras com 15 valores que podemos aprender em família e são importantes para o crescimento humano. Ao realizarem essa tarefa, os alunos foram descobrindo palavras novas que não estavam inseridas no seu vocabulário e que, eventualmente, por não terem sido explicadas com exemplos da vida, permaneceram vagas nas mentes dos alunos. Como não conseguiram terminar a tarefa, pediu-se que trouxessem a sopa de letras para a próxima aula, de modo a resolver em conjunto.

Foi bonito verificar o entusiasmo que colocaram neste tipo de atividades, pois o poder descobrir algo, empenha ativamente e isso percebe-se no clima que se respira na sala de aula.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|--|---|---|------------|---------------------------------------|-------------------------|
| 5.ºano | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | | Aula n.º 4 | Lição n.º 17 | 08.02.2017 |
| Sumário: Conclusão da sopa de valores. A família no tempo de Jesus. Dramatização do texto: As janelas douradas. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Sumário Conclusão da sopa de valores | 15m | PPT (anexo 1_slide 34-38) | Empenho Participação |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 2. Identificar o projeto de Deus para a família. | <ul style="list-style-type: none"> O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: <ul style="list-style-type: none"> - a família de Jesus - como viviam as famílias no tempo de Jesus | Apresentação do resumo em slides dos conteúdos do texto | 10m | | Atenção |
| | 3. Promover os valores do amor na vida familiar. | <ul style="list-style-type: none"> Comunhão de pessoas que vivem no amor: <ul style="list-style-type: none"> - Cada elemento é sujeito ativo; - Relação vivida através do acolhimento, do encontro, do diálogo, da disponibilidade e da solidariedade; - A reconciliação; - O respeito e promoção da singularidade pessoal. | Dramatização do texto da pag. 79 e 80 do manual | 15m | Manual e fotocópias do texto (anexo9) | Empenho Participação |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | Atenção Participação |
| Proposta de síntese: O amor é o valor mais importante no ambiente familiar. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo da aula era terminar a tarefa da semana anterior e a transmissão de conteúdos sobre como se vive a comunhão em família. A estratégia era a dramatização de um texto que nos iria ajudar a refletir.

Os alunos continuaram a não trazer o material pedido e, por isso, também a folha a ser trabalhada. Por esse motivo, trabalharam aos pares para aprenderem a interajuda e conseguirem assim terminar a tarefa. É importante “tirar” da realidade que se apresenta (mesmo não sendo como tínhamos pensado e planeado), o melhor para conseguir trabalhar com os alunos e realizar os objetivos que se planificou.

Relativamente ao que aconteceu na aula, houve alguma confusão no momento de escrever o sumário; terminar a sopa de letras demorara demasiado tempo, nada mais que o dobro do tempo previsto, o que significou restarem apenas 10m para terminar a aula; os alunos nessa altura acharam que a aula já estava a terminar e, por isso, já não se encontravam disponíveis para escutar. No entanto, apresentou-se ainda o modo de vida da família de Jesus na sua cultura, as funções de cada progenitor (pai e mãe) no seio da família. Foi positiva a referência às famílias de Nazaré com o filme visualizado nas aulas anteriores.

O objetivo da planificação não foi totalmente alcançado nem a síntese realizada. Apesar disso, a aula foi positiva pois os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar em interajuda e de finalizarem a tarefa marcada para casa. Aqueles que a realizaram em casa foram ajudando quem tinha dificuldade o que terá sido uma mais valia.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|---|--|--|--|------------|---|--|
| 5.ºano | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | | Aula n.º 5 | Lição n.º 18 | 15.02.2017 |
| Sumário: Dramatização do texto: As janelas douradas. Reflexão sobre a mensagem da história. Construção do cartaz para a semana dos afetos. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Sumário | 5m | PPT (anexo 1_slide 39) | Empenho |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 3. Promover os valores do amor na vida familiar. | <ul style="list-style-type: none"> Comunhão de pessoas que vivem no amor: <ul style="list-style-type: none"> - Cada elemento é sujeito ativo; - Relação vivida através do acolhimento, do encontro, do diálogo, da disponibilidade e da solidariedade; - A reconciliação; - O respeito e promoção da singularidade pessoa. | Leitura do texto da pag. 79 e 80 em forma dialogada | 7m | Manual Anexo 9 | Atenção |
| | | | Partilha em grupo da mensagem do texto | 7m | | Participação |
| | | | Dramatização por grupos de modo criativo | 6m | | Empenho |
| | | | Elaboração de um cartaz sobre a semana dos afetos para colocar no centro de recursos | 15m | Cartolinas Canetas Post-it de cores Anexo 10 | Participação Colaboração Interesse na montagem |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | Atenção Participação |
| Proposta de síntese: O amor é o valor mais importante na família. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo desta aula era refletir sobre a comunhão que se pode viver em família. A ideia era apresentar o texto “Janelas douradas” de forma dialogada para que os alunos conseguissem acompanhar a história e encarnar um dos personagens. De seguida, refletir sobre a questão: “Qual a mensagem do texto?”

Dividiram-se os alunos por dois grupos para que conseguissem dialogar sobre a mensagem fundamental apresentada e depois distribuíssem funções a cada elemento do grupo. Foi notório perceber que não sabiam conversar ordeiramente e, por isso, deveria ter-se provocado diálogo, comum a todos, logo a seguir à leitura. Não havendo alternativa, a conversar foi com ambos os grupos, separadamente, na tentativa de ajudá-los a refletir sobre a mensagem apresentada, verificando que para os alunos não foi nada fácil chegar à conclusão pretendida. Esta estratégia não alcançou o objetivo pretendido uma vez que não se conseguiu construir diálogo em pequeno grupo.

Como o tempo passava e já não iria ser possível a dramatização do texto, resolveu-se avançar para a tarefa seguinte. Estando o material todo preparado e sendo algo mais prático e concreto, rapidamente se empenharam em realizar o que se tinha pedido: pensar na família/amigos e escrever algo de que cada um/a devia pedir perdão e agradecer. No lado vermelho do coração, os alunos deviam colocar *o agradecimento*, no lado preto, *o pedido de perdão*. Foi interessante ver como se entusiasmarão em participar ativamente, colocando o coração e os outros papéis no placard, juntamente com outras iniciativas que já tinham realizado anteriormente. Foi positivo.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|--|--|---|--------------|-----------------------------|-----------------------|
| 5.ºano | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 6 | Lição n.º 19 | 22.02.2017 | |
| Sumário: Preparação e apresentação da dramatização do texto. Jogo de colaboração e participação em família. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Sumário | 5m | Projeção (anexo 1_slide 40) | Empenho |
| L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. | 4. Valorizar a participação de todos na vida em família. | <ul style="list-style-type: none"> Participação e corresponsabilidade na vida em família: <ul style="list-style-type: none"> A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor; A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante. | Preparação das dramatizações sobre o texto: “As janelas douradas” | 15m | Manual Anexo 9 | Participação no grupo |
| | | | Encenações dos grupos | 10m | | Empenho |
| | | | Dinâmica: o corpo humano | 10m | Anexo 11 | Atenção Participação |
| | | | Síntese da aula | 5m | Quadro Caneta | |
| Proposta de síntese: A família é constituída por pessoas diferentes que dão o seu contributo para um saudável crescimento de todos. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo desta aula era realizar algumas tarefas não conseguidas na semana anterior, como por exemplo, as encenações da história “Janelas douradas” inserida no manual, bem como a concretização de um jogo sobre a colaboração e participação em família.

Depois de algum momento de preparação, de ensaio e de divisão da história, realizaram-se as dramatizações. Deparámo-nos com um obstáculo: trabalhar com os alunos que faltaram a semana anterior. Isso obrigou a recontar a história e a comunicar a mensagem. Porém, apesar de ter sido observado à partida como um obstáculo, acabou por ser uma mais valia, pois colocou em destaque a capacidade de memorização dos outros alunos que estiveram presentes na aula anterior.

As dramatizações realizadas correram bem e os alunos estavam atentos aos colegas por quererem saber como iriam apresentar a mesma história. Depois de concretizadas com algum sentido de humor, recordou-se a mensagem do texto que alguns pareciam já ter esquecido e que outros, porque faltaram, não a sabiam de todo.

Realizadas as encenações e mesmo faltando só cinco minutos para terminar a aula, avançou-se com o jogo da participação e colaboração em família e, por isso, distribuiu-se rapidamente as folhas pedindo a cada um que desenhasse parte do corpo humano indicado. Como foi uma dinâmica que implicou a participação de cada um, de forma individual, estiveram atentos e foi positivo o facto de se ter colado no quadro e ir colando as partes do corpo desenhadas por cada um.

Naturalmente que é sempre difícil, senão quase impossível, fazer a síntese quando já não existe tempo de aula. É preferível fazer uma planificação menos preenchida para ser proveitosa para a vida dos alunos.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|---|--|---|--|------------|------------------|---|
| 5.ºano | | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 7 | Lição n.º 20 | 08.03.2017 |
| Sumário: O lugar dos mais velhos. Visita a um lar de idosos para fazer experiência de serviço. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Caminhada a pé até ao lar | 10m | | |
| L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. | 4. Valorizar a participação de todos na vida em família. | <ul style="list-style-type: none"> O lugar dos mais velhos no ambiente familiar. | Visita ao lar de idosos Diálogo com os idosos Ajudar a servir, retirar os pratos, a dar de comer | 35m | Recursos Humanos | Empenho Capacidade de comunicação Ajuda Interesse Sensibilidade |
| Proposta de síntese: Os mais velhos têm lugar na história de vida daquela família como tesouro precioso. | | | | | | |

Relatório da aula

A deslocação para esta atividade fez-se a pé até à Instituição. Esta está ao cuidado das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus. Foi com muito gosto que, ao contactá-las, se compreendeu que teriam muito gosto em recebê-los, mostrar-lhes a Instituição e seus utentes. Foi um prazer conhecê-las!

O objetivo desta visita à Instituição era tocar nesta parcela da família que, por vezes, pode ser colocada de parte na vida dos alunos – os idosos. É importante valorizar a sua presença na família e dar-lhes o seu lugar na sociedade.

Os utentes da Instituição estavam a almoçar e por isso, o refeitório foi o local mais apropriado para os alunos estarem. A maioria dispôs-se a estar ao serviço conforme as indicações que iam sendo dadas; uns ajudavam os idosos a comer, outros conversavam com eles e ainda outros recolhiam a loiça da mesa. Um deles não conseguiu expor-se e fechou-se de tal forma que a própria expressão do rosto revelou alguma insatisfação. Não foi capaz de se aproximar nem de ajudar, nem de conversar. A maioria, surpreendentemente, inteirou-se do funcionamento e ajudava no que via ser preciso, apesar de haver sempre algumas mais tímidas. Foram conhecendo os espaços onde já se encontram outros idosos com menos facilidade para se deslocar.

É importante perceber que as experiências familiares marcam o modo de ser e de agir e por isso, quando são negativas ou constrangedoras, os alunos (na sua transparência) revelam essa dificuldade de aproximação e de sintonia.

Estas atividades são positivas e marcantes quando se contacta com a realidade, a vida toca mais o ser humano que muitas palavras. Fomos muito bem acolhidos e a maioria dos alunos veio pelo caminho a referir algo que viveu naquele pouco tempo que estivemos na Instituição. É de manter esta atividade por se tornar oportunidade de contacto

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|---|---|---|--|------------|----------------|------------------------------------|
| 5.ºano | | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 8 | Lição n.º 21 | 15.03.2017 |
| Sumário: Olimpíadas da EMRC – 5.º e 6.ºano. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Ida para o auditório | 5m | | Empenho Participação Atenção |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 1. Reconhecer as diversas funções da família. | <ul style="list-style-type: none"> A família é origem da vida e espaço onde se educa e cresce ao amor; Funções familiares; | Concurso para os alunos do 5.ºano (Quiz) | 40m | PPT (anexo 12) | |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 2. Identificar o projeto de Deus para a família. | <ul style="list-style-type: none"> O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica; | | | | |
| | 3. Promover os valores do amor na vida familiar. | <ul style="list-style-type: none"> Comunhão de pessoas que vivem no amor; | | | | |
| L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. | 4. Valorizar a participação de todos na vida em família. | <ul style="list-style-type: none"> Participação e corresponsabilidade na vida em família; O lugar dos mais velhos no ambiente familiar. | | | | |
| Proposta de síntese: Tu és capaz de dizer do que se tratou as aulas de EMRC. | | | | | | |

Relatório da aula

Neste dia a aula tinha como objetivo fazer síntese dos conteúdos leccionados, desse modo e como tem vindo a ser hábito, organizou-se as Olimpíadas da EMRC do segundo ciclo na escola. Foi uma aula diferente, com uma metodologia lúdica e onde estiveram presentes mais alunos (dos outros horários do respetivo ano). A sala escolhida foi o anfiteatro onde a dispusemos de forma a sermos capazes de levar para a frente o objetivo pretendido: escolher aqueles que se destacaram pelas suas competências, de cada ano, para irem representar a escola a Carcavelos.

A dinâmica colocaria cada um dos alunos em evidência numa das questões sobre qualquer dos temas trabalhados em aula. Foi interessante ver o entusiasmo de todos em querer acertar as perguntas sobre a matéria lecionada e a alegria daqueles que passavam de fase. O ambiente manteve-se sereno, os alunos estavam competitivos e assertivos.

O tempo despendido com os alunos no anfiteatro foi positivo e o facto dos alunos do 9.ºano estarem a ter um papel de responsabilidade, foi marca positiva para aqueles que os observavam. Foi de valorizar a organização da atividade e positivo poder colocar os alunos em competição com outros alunos da disciplina de EMRC. É sempre bom quando percebemos o que retiveram das aulas que lecionamos.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|--|---|---|--------------------------------------|------------|----------------------------|-------------------------|
| 5.ºano | | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 9 | Lição n.º 22 | 22.03.2017 |
| Sumário: Teste de avaliação. Preparação da ida a Fátima – Inter-escolas. História de Fátima. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento Sumário | 5m | Projeção (anexo 1_slide41) | Empenho |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 1. Reconhecer as diversas funções da família. | <ul style="list-style-type: none"> • A família é origem da vida e espaço onde se educa e cresce ao amor; • Funções familiares; | Exercício de consolidação da matéria | 20m | Anexo 13 | |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 2. Identificar o projeto de Deus para a família. | <ul style="list-style-type: none"> • O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica; | | | | |
| | 3. Promover os valores do amor na vida familiar. | <ul style="list-style-type: none"> • Comunhão de pessoas que vivem no amor; | | | | |
| L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. | 4. Valorizar a participação de todos na vida em família. | <ul style="list-style-type: none"> • Participação e corresponsabilidade na vida em família; • O lugar dos mais velhos no ambiente familiar. | | | | |
| Dar a conhecer a história de Fátima | | | PPT Diálogo | 20m | Anexo 14 | Atenção Participação |
| Proposta de síntese: O santuário de Fátima não é um lugar de passeio, mas lugar de mudança de vida e de oração. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo foi avaliar as suas capacidades de memorização e de retenção de informação transmitida em aula. Durante os primeiros minutos da aula, os alunos realizaram um exercício para consolidar a matéria dada sobre a família. As perguntas eram exatamente iguais às das Olimpíadas da EMRC. Optou-se por fazer um exercício igual pelo simples facto de as questões estarem bem estruturadas e poderem ser uma estratégia para rever a matéria, como se a atividade da aula anterior tivesse servido de revisão e agora fosse hora de cada aluno mostrar que esteve atento e com interesse no que foi acontecendo e respondido pelos colegas e por eles próprios. O exercício foi apenas um instrumento que serviu para constatar o caminho feito por cada um ao longo deste ano. Era um teste de resposta direta e curta e, por isso, não foi necessário o tempo de uma aula inteira.

Depois da realização do teste, foi apresentado aos alunos a mensagem de Fátima por estar próximo o dia da atividade do Inter-escolas. Por essa razão, considerou-se importante situar os alunos no contexto histórico daquele acontecimento e na sua mensagem, assim como sobre a vida dos pastorinhos.

Foi momento de transmitir algumas informações sobre a razão pela qual o local de Fátima se tornou tão conhecido e importante para a maioria dos portugueses. Apresentou-se um PPT com alguns conteúdos da história e da mensagem de Fátima. Percebeu-se que a maioria não conhecia a vida dos pastorinhos nem a razão pela qual tantas pessoas se deslocam àquele local santo. Foi uma oportunidade importante onde se deu a conhecer aos alunos histórias reais de profunda mensagem cristã para a vida dos alunos e suas famílias, onde podem ser anunciadores.

Os alunos estiveram atentos e interessados, pois o tema era de todo desconhecido pela maioria.

| PLANO DE AULA | | | | | | |
|---|---|--|--|--------------|---|----------------------------------|
| 5.ºano | Unidade letiva 3: A Família, comunidade de amor | | Aula n.º 10 | Lição n.º 23 | 29.03.2017 | |
| Sumário: Jogo de pistas sobre a Família. | | | | | | |
| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias | Duração | Recursos | Avaliação Formativa |
| | | | Acolhimento; Explicação da dinâmica da aula. | 5m | | Atenção |
| G. Identificar os valores evangélicos. | 1. Reconhecer as diversas funções da família. | <ul style="list-style-type: none"> A família é: <ul style="list-style-type: none"> - origem da vida e espaço onde se educa e cresce ao amor; Funções familiares; | Jogo de pistas nos espaços escolares exteriores – anexo 16 | 35m | Recursos humanos (colegas estagiários) Mapa da escola (anexo 15) Pistas escondidas nos diferentes postos (anexos 17, 18 e 19) | Empenho Participação no grupo |
| P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. | 3. Promover os valores do amor na vida familiar. | <ul style="list-style-type: none"> Comunhão de pessoas que vivem no amor; | | | | |
| L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. | 4. Valorizar a participação de todos na vida em família. | <ul style="list-style-type: none"> Participação e corresponsabilidade na vida em família. | | | | |
| | | | Conclusão do jogo e apresentação dos resultados | 5m | Prémio final (chocolates para os participantes) | Atenção |
| Proposta de síntese: Assim como fizemos no jogo, devemos fazer na família: ser participantes e ajudar a construir o ambiente familiar. | | | | | | |

Relatório da aula

O objetivo foi terminar o segundo período com alguma atividade que entusiasmasse os alunos sem ser dentro da sala de aula e que fosse de síntese dos conteúdos abordados sobre o tema da família. Fez-se um jogo de pistas onde os postos estiveram espalhados pelo pátio da escola e os resultados teriam de ser trazidos à sala de modo a confrontar o trabalho realizado nos locais por onde passaram.

Distribuiu-se os alunos em grupos e explicou-se o que iria acontecer, o que tinham de realizar para terem sucesso. Motivadíssimos e ainda dentro da sala de aula, começou-se por colocar cada grupo a descobrir palavras escondidas; à medida que iam adivinhando, poderiam iniciar o percurso pelo espaço exterior da escola e ir procurando os locais assinalados no mapa. Descobertos os lugares, teriam de ir até lá, realizar a tarefa, descobrir o envelope, fazer o que lhes era pedido e procurar o próximo posto. Eram três os postos, pois o tempo de aula é sempre muito reduzido para que se consiga realizar algo longo. Desse modo, depois de passarem os três postos, as várias equipas voltaram à sala para saberem as pontuações. Após saber-se quem fora o vencedor, ofereceu-se um chocolate a cada um pelo esforço e participação em equipa. Os alunos foram capazes de se entusiasmar com iniciativas do género e dar o melhor de si no que realizam. Chegámos assim ao fim do segundo período, de natureza mais lúdica mas nem por isso menos exigente.

A atividade pensada teve uma metodologia diferente que mostrou ser do agrado dos alunos pelo entusiasmo que manifestavam na procura do posto seguinte. Foi bonito ver como queriam ajudar a equipa e como se ajudaram e pediam para o grupo andar sempre junto (por ter sido uma das regras iniciais).

No final, estavam ainda cheios de energia e parecia que com vontade de continuar a jogar. É importante conhecer os alunos fora do contexto de sala de aula para ir compreendendo o comportamento de cada um e o sucesso da equipa que mais se interessara em fazer e fazer bem.

4. Avaliação da Prática Letiva da UL3 e questões emergentes

A disciplina de EMRC deve propor aos alunos as linhas orientadoras para a sua integração na sociedade e a procura de sentido para a vida num quadro de referência cristã. Deve auxiliá-los a apropriarem-se de ferramentas úteis para o seu desenvolvimento como pessoas e como membros ativos, responsáveis. Nesta ótica, dando enfoco à unidade lecionada sobre a “Família, comunidade de amor”, eles poderão perceber a realidade familiar que tem o compromisso de ser como uma arma de segurança e estabilidade.

A questão que surge é sempre a mesma: como trabalhar este tema com alunos cuja experiência familiar sofre a ausência de alguns aspetos que poderiam ajudar os mais novos a sentirem-se felizes? É difícil abordá-lo quando não se sabe da experiência que viveram pois, à partida, alguns alunos rejeitá-lo-ão, por não quererem falar nem recordar uma realidade que os pode ter magoado em alguma perspetiva. Sendo pertinente a sua abordagem, implica necessariamente um conhecimento primário dos alunos, saber quem são, qual o seu contexto familiar, a fim de evitar possíveis constrangimentos, bloqueios ou dificuldades em executar tarefas propostas e criar um clima favorável ao acolhimento da temática.

Olhar a realidade da família é constatar que existem, hoje, grandes mudanças relativamente ao passado. Sabemos que não é impedimento para uma abordagem do

tema e por isso, podemos até observar essas transformações como sinais positivos de uma sociedade em alteração. Sendo a instituição social básica e basilar de todo o desenvolvimento da pessoa humana, exige-se-nos a sua abordagem. Fora dessa instituição, o crescimento integral ficaria atrofiado e tornar-se-ia difícil recuperar o que esse berço familiar não embalara.

A disciplina de EMRC pretende ajudar a estruturar, nas crianças e jovens, a capacidade de se verem como seres em desenvolvimento, que aprendem a assumir-se, a aceitar-se, a gostar de si e estar consigo próprios; aprendem a descobrir e conhecer o mundo, olhar para a realidade de forma crítica e questionar-se sobre o que experienciam e o modo como estão, ou não, a dar sentido à sua existência. Nela, aprendem a ver-se como seres únicos e singulares, capazes de opções e de assumir a responsabilidade dos próprios comportamentos; a ser responsáveis e capazes de encontrar argumentos que tornam válidas as escolhas realizadas, como fruto dos valores educativos já integrados.

Na Carta Pastoral *Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*:

“O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social”.⁴²

A frequência desta disciplina pode ajudar a valorizar a cooperação e o agir na sociedade de forma criativa e solidária; pode ser pilar importante na opção de respeitar os outros na sua diversidade pessoal e cultural; pode ajudar a entender a importância do fenómeno religioso como parte integrante do indivíduo e da sociedade e a tornar

⁴² CEP, *Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, 6.

compreensível, de forma consciente, a proposta da mensagem cristã,⁴³ reconhecendo a originalidade do Cristianismo e o contributo da Igreja Católica na construção da História.

Este tempo de PES ajudou a equacionar os diferentes momentos vividos com aqueles alunos e a consciencializar-nos de que o modo de pensar e agir em alguns aspetos da docência se modificou, por exemplo:

- no modo de nos relacionarmos/interagirmos. É importante ajudar a descobrir e orientar as capacidades de cada educando a fim de que cada um se compreenda e se tome a sério como ser em construção;

- em transmitir os conteúdos propostos, não nos baseando só neles, mas também nos valores morais universais sobre os quais se alicerça uma vida com sentido e projetada no futuro;

- no planificar e lecionar as aulas. Cresce-se na consciência de que este serviço não se exerce sem tensões, havendo sempre alguma distância entre os ideais dos educadores e a caminhada efetiva de cada um dos educandos com quem nos cruzamos diariamente.

Através da observação direta de outros docentes que lecionam e da avaliação que se recebe da própria prática letiva, foram acontecendo também alterações. Os momentos e confrontos que se foram tendo durante o ano tornaram-se uma mais valia para a vida e vocação pessoal.

O papel que o docente da disciplina de EMRC deve desempenhar é o de ser canal de transmissão dos grandes princípios morais, esta é uma convicção. Ele exerce um papel de grande responsabilidade na formação do carácter dos alunos com quem comunica, no favorecer o exercício responsável da liberdade, no estimular atitudes de

⁴³ Pode ler-se no Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965), n.º22: “o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”.

respeito, solidariedade e colaboração com os outros, no educar à consciência recíproca de direitos e deveres, na integração participativa na sociedade e no cumprimento das normas de cidadania exigidas pela vida em comum.

Na educação nada vem assimilado e aceite quando se vê como imposição ou obrigação; tudo é colocado em causa porque parece que a sociedade começou a querer ser transmissora de uma crise de identidade e autoridade onde nada é certo nem objetivo. Afirma-se que quando os responsáveis não assumem o próprio papel, tudo parece perder a estabilidade e isso foi o que aconteceu com a família. Delega-se à escola a responsabilidade de formar os mais novos para os valores essenciais da vida humana, quando se esperava que fosse a família a ter essa primazia, educando pelo testemunho e pelo acompanhamento.

“Na família se aprendia a reconhecer a dignidade de cada um, a dar mais importância às pessoas do que às coisas, a respeitar a autonomia do outro, a harmonizar os interesses e as renúncias necessárias, a partilhar [...], a superar diferenças e agravos, a usar livre e parcimoniosamente dos bens materiais”.⁴⁴

A escola é um espaço onde se ajuda “cada pessoa a relacionar-se de modo próprio com os outros, com o seu “meio”, [...] pelo conhecimento, pelas decisões da sua vontade, pela sua ação criadora”.⁴⁵ É complemento e não substituição da família onde a educação, o dom de si, são testemunho de vida, como já se referiu:

“O dom de si, que inspira o amor mútuo dos cônjuges, deve propor-se como modelo e norma daquele que deve existir nas relações entre irmãos e irmãs e entre as diversas gerações que convivem na família. E a comunhão e a participação quotidianamente vividas em casa, nos momentos de alegria e de

⁴⁴ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, Sinapis Editores, Óbidos, 2014, 22.

⁴⁵ *Ibidem*, 25.

dificuldade, representam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecunda dos filhos no horizonte mais amplo da sociedade”. (FC 37)

Depois desta experiência de estágio pedagógico que transformou a práxis pelo que se observou e viveu, é importante ser-se capaz de aplicar conhecimentos e atitudes com mais criatividade e incisão, fazendo com que a planificação das aulas seja flexível, de modo a não condicionar alguma partilha dos alunos e poder ajudar a dialogar sobre a vida, mesmo que não se cumpra na íntegra a planificação construída; seja real e motivadora, no sentido de dar mais cor à vida e à realidade dos alunos; dê espaço para se sentirem pessoas aceites e amadas e poderem esclarecer dúvidas.

É importantíssimo que todo o aluno encontre no espaço da aula, não só uma “simples transmissão de conhecimentos e a imposição de modelos”⁴⁶ – pois estes não bastam e não respondem – mas possam dar asas à imaginação, à inteligência prática, ao raciocínio aplicado, à destreza manual, à capacidade de lidar com a informação, como base das aptidões técnicas necessárias para o exercício de grande parte de futuras profissões.

“A preparação para a vida passa por uma escola que diversifique as suas opções sem automaticamente desvalorizar umas relativamente a outras. E essa questão não é apenas da escola. É de toda a sociedade”.⁴⁷ Uma educação integral é o que se pretende quando falamos em crescimento e desenvolvimento ativo para uma sociedade em constante alteração e crise. Essa foi a tentativa durante este tempo da PES: tornar o espaço de aula tempo para os alunos despertarem para o seu próprio valor e olharem para as próprias realidades familiares como desafios a *aprender aprender* com cada situação.

⁴⁶ CEP, *Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, 15.

⁴⁷ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 116.

“A Família, comunidade de amor” - a importância deste tema surge no concreto da sociedade em que vivemos; é desafio a ser relevante nas próximas gerações no sentido da qualidade ambiental e experiência familiar. Porque, como já foi referido e é sublinhado por Emília Figueiredo, “a família é sem dúvida a primeira escola de socialização e da assimilação dos valores fundamentais à realização do ser humano total”.⁴⁸

Porque somos seres humanos capacitados para “prever, avaliar e ajuizar as consequências do nosso agir no presente”,⁴⁹ cabe-nos observar e estudar o modo como se vivem e transmitem os valores no seio da família e no meio envolvente, pois será isso o que os mais novos terão para oferecer aos seus vindouros. É como uma geração que passa à outra as suas riquezas, sejam elas de que natureza forem. Mas também é verdade que só dá quem tem e se o que se possui não forem valores positivos o drama pode ser de várias ordens: cultural, moral, religioso, ético...

Percorrendo a história da humanidade, sabemos que cada sociedade teve como suporte o seio de uma família, donde ser imperioso sedimentar esta realidade educando as gerações futuras. A tal propósito, é oportuno perguntar: para qual horizonte educar?

O sentido desta questão surge do facto de dependermos da relação com o outro. Será cada vez mais necessário vivermos e sermos capazes de construir uma sociedade mais fraterna e mais justa, onde todos têm o seu lugar; uma humanidade que valorize o seu semelhante o que pode ser de valioso contributo para as futuras gerações no sentido de que todos precisam de ser aceites e amados, a começar pelos elementos da família. Como ela seria mais significativa se todos nos acolhêssemos e valorizássemos mais uns aos outros como pessoas diferentes mas complementares!

⁴⁸ Emília S. G. FIGUEIREDO, *Educar para a felicidade*, UCP, Braga, 2015, 7.

⁴⁹ Jonas HANS, *Ética, Medicina e Técnica*, Veja, Lisboa, 1994, 57.

Quando olhamos para a realidade, de que família se está a falar? A resposta a esta questão tornou-se tema amplamente debatido no âmbito das ciências sociais e humanas, nos programas políticos, mas também no Magistério da Igreja.⁵⁰ E surgiram questões como estas:

- Quais os critérios para considerar a família um espaço válido na transmissão de valores? Em que medida os pais influenciam nas escolhas, a longo e a curto prazo, dos seus filhos? O comportamento dos pais será positivo para a educação dos seus filhos? Será que existe um ideal de família? Podemos educar os filhos para esse ideal? Qual o horizonte para o qual devemos educar?

No fundo o que se pretende é compreender qual o impacto que a família exerce nos processos de educação, nos seus princípios e valores.

Quando se começa por investigar sobre o tema da família, são inúmeros os autores que refletiram sobre o mesmo e múltiplas as conclusões a que se chegam. Por isso, ao observar esta panóplia de observações e de pesquisas, podemos afirmar que todos estes estudos se devem à constante mutação do seu próprio conceito. A constante alteração da estrutura da família deve-se ao simples facto “de viver imersa e submersa nos cenários de globalização, do relativismo, da indiferença; é vítima, por vezes, de uma cultura de descarte; vive as consequências de uma sociedade líquida e incerta, sem fundamentos sólidos e, portanto, vulneráveis”.⁵¹ Consequentemente a família assume alterações que vão condicionar os critérios considerados fundamentais e estruturantes no desenvolvimento pessoal e social de todo o ser humano. Como refere Ricardo Correia:

“Verifica-se que a noção de família e o conceito sobre a mesma, tem-se vindo a alterar desde a Idade Média, uma vez que esta, como unidade social, está sujeita a

⁵⁰ Cf. Emília S. G. FIGUEIREDO, *Educar para a felicidade*, 19.

⁵¹ Yvonne REUNGOAT, *Com os jovens tocamos as cordas da vida*, 976 (2018) 5.

modificações no seu meio, provocadas pelas alterações e evoluções políticas e económicas que ocorrem na sociedade”.⁵²

É sobre estas mutações e alterações irreversíveis que se tenta compreender como podemos definir este grupo social basilar de toda a sociedade como é a Família. O desejo é descobrir quais os valores e princípios pelos quais a sociedade se pode reger e ancorar.

⁵² R. N. O. CORREIA, *A Família, a Escola e a criança com Trissomia 21*, ESE João de Deus, Lisboa, 2013, 19.

II CAPÍTULO - A Família. Notas sobre a sua realidade e missão

Este capítulo apresenta uma breve reflexão sobre o tema da família onde se irá referir, sucintamente, algumas das mudanças operadas ao longo do tempo, a sua identidade, o seu impacto na realidade contemporânea bem como uma referência a alguns documentos da Igreja e respetiva reflexão teológica, cujo conhecimento é indispensável à abordagem desta disciplina. Esta será simples mas com a pretensão de ajudar a olhar para a disciplina de EMRC com o valor que possui.

1. A família na sociedade

O entendimento sobre a família, considerada como um abrigo, uma garantia de estabilidade ou de ordem social, vai sendo modificado por outras dinâmicas que ainda não estão descodificadas.

“ [...] a família encontra-se numa situação onde, normalmente, a antiga tradição, orientação e estrutura não desapareceram de todo, mas onde também as novas dinâmicas não estão totalmente presentes, claras e efetivamente influentes. Continua uma situação flutuante na influência entre mudança social e familiar”.⁵³

Mas num mundo onde tudo acontece com uma rápida transformação, a família nada perdeu da sua importância, do seu vigor, da sua vitalidade, embora viva uma fase de completa mudança.

⁵³ M^ª Olívia DIAS, *A Família numa Sociedade em Mudança. Problemas e influências recíprocas*, UPC, Viseu, 2000, 98.

“Se quando nasce uma sociedade nasce com ela a dinâmica de mudança, pois de contrário ainda hoje viveríamos em sociedades primitivas, a família participa igualmente deste movimento. Porém, nunca como nas últimas décadas esta dinâmica de mudança social e familiar foi tão intensa e tão abrangente”.⁵⁴

Ela tem sido a instituição que, apesar de tudo, possui capacidade de sobrevivência e de adaptação em diferentes formas de composição e de padrões relacionais. Ela constitui-se como centro gerador de vida e é nela que acontece o desenvolvimento individual, o cuidado pelo outro e a maturidade emocional de cada indivíduo. Daí a necessidade que resista a tantas alterações.

“Desde os tempos mais antigos a família corresponde a um grupo social que exerce forte influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (BIASOLI-ALVES, 2004). O grupo familiar também é importante na determinação e organização da personalidade, além de influenciar significativamente o comportamento individual através de ações e medidas educativas adotadas no âmbito familiar (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998)”.⁵⁵

Um grande número dos males da vida social de que nos lamentamos atualmente, tais como a desorientação juvenil, a inadaptação das crianças, o desequilíbrio de numerosas mulheres, a inquietação de homens de todas as condições e o seu isolamento na multidão, encontra-se relacionado com a ausência duma concepção dinâmica de família.

⁵⁴ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 196.

⁵⁵ Yáscara Correia PEREIRA. Gabriel Gonçalves MATTOS, *A Homoafetividade na adolescência: representações sociais de identidade na família brasileira contemporânea in* http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/0TEue53jbC3zMdo_2015-12-4-14-57-51.pdf.

1.1. Mudanças ao longo do tempo. Breves notas

A origem do conceito ‘família’ remonta à Antiguidade mas, mesmo sendo ela uma instituição antiga, “é uma estrutura fundamental da espécie humana”⁵⁶ e, por essa razão, encontra sempre capacidade adaptativa para as alterações que acontecem em contexto familiar e social. Mesmo “perante a abrangência e a profundidade destas transformações sociológicas e de ser mais difícil do que nunca definir com precisão o que é a família [...], nem por isso se torna menos necessária uma noção de família”.⁵⁷

A pesquisa sintética que se fez situa-nos na Grécia (séc. IV) e faz referência ao filósofo Aristóteles. Por falta de vocabulário grego, o termo mais aproximado para compreendermos o significado «família» era *oikos*, *oikia*, que significa casa.⁵⁸ Nela partilhavam a vida, as tarefas, a alimentação, as preocupações, os afazeres e, por isso, começou a ser compreendida “como comunidade de marido e mulher, do senhor e do escravo”, passando a ser considerada como “a fração mínima de qualquer grupo humano, tornando-se mesmo a primeira e decisiva forma de organização social”.⁵⁹ Segundo a visão de Aristóteles, as relações que se estabelecem dentro desta organização social centram-se todas em relação ao senhor da casa, ou seja, ele é a autoridade. “A família grega, de acordo com a descrição que dela faz Aristóteles, [...] era uma unidade complexa que articulava elementos muito diversos: o matrimónio, os filhos, os escravos, os meios de consumo e a esfera económica”.⁶⁰

⁵⁶ Conferência do Prof. Doutor Américo Pinheira Pereira; Proferida na Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa, *Família, afectos e consumos*, 28 de maio de 2014 acedido em https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HfKnqqod1qkJ:https://static.apec.org.pt/file_s/2017/scm/N35/Americo_Pinheira_Pereira_familia_afectos_e_consumos.docx+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt a 25 de janeiro de 2019.

⁵⁷ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 197.

⁵⁸ Cf. Lluís DUCH y Joan-Carles MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, Editorial Trotta, Madrid, 2009, 48.

⁵⁹ *Ibidem*, 4.

⁶⁰ *Ibidem*, 6.

Já entrados na Idade Média, verificando alterações relevantes, compreendemos que os filhos são o dom mais precioso no seio familiar e o poder é patriarcal. A mulher assegura a função reprodutora, atributo desprivilegiado e desvalorizado, pois na cultura predominante o sexo masculino dominava o feminino, sempre e totalmente a ele subjugado. Entre outros aspetos, a família valorizava muito o papel dos avós porque eram os guardiões da memória e da sabedoria, e, como tal, transmissores da própria história social.

“Assentava na residência ou nas afinidades biológicas (laços de parentesco) e era normalmente constituída pela mulher, pelo marido e pelos filhos. Era também muito comum nesta época a compreensão da família de acordo com um conceito mais alargado, onde se incluíam os ascendentes e descendentes. A família estendia-se, ainda, a todos os parentes ligados por laços de sangue e aos criados que trabalhavam para a casa e viviam sob o mesmo teto. Entre todos os membros da família havia solidariedade. O casamento era antecedido de esponsais, que se materializavam num contrato. Era considerado um estado social, sendo obrigatório o mútuo consentimento, de acordo com as regras da Igreja Católica e as leis civis que estabeleciam o princípio da liberdade para a celebração do casamento”.⁶¹

Entre o séc. XVI e XVII as alterações que ocorreram provocaram uma mudança radical em quem, anteriormente, era desvalorizado na família: a mulher e a criança.⁶² As mudanças principiaram e, se por um lado o casal começou a dispor de uma autonomia crescente em relação à visão do mundo, convertendo-se no verdadeiro centro da vida familiar, por outro lado, a criança adquiriu um novo protagonismo.

Com a Revolução Francesa (1789-1799), a família sofre alterações relativamente à sua constituição, ao seu modo de estar em sociedade e quanto ao seu agir perante as dificuldades e as oportunidades que daí advêm. Vê-se caracterizada pela igualdade de

⁶¹ Jorge Augusto Paulo PEREIRA (Coord).. Maria Helena Calado PEREIRA, *Nós e o Mundo. Educação Moral e Religiosa Católica: 6º ano*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015, 110.

⁶² Cf. L. DUCH y J.-C. MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, 60.

papéis e funções. Uma das maiores revoluções consistiu na abolição das tradições e das hierarquias, dando lugar aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade.

Mudando a sociedade, mudam-se as famílias, “a transformação das expressões da sensibilidade comporta uma nova maneira de compreender a relacionalidade no seio da família e, a partir daqui, toma lugar uma nova configuração dos papéis”.⁶³

No campo dos direitos humanos, a questão do ser homem ou ser mulher já não podia ser colocado como antigamente, com o sobredomínio do masculino, o que gerou alguma crise. As diferenças anatómicas não eram impedimento para a igualdade de direitos entre os dois sexos. E esta nova filosofia veio alterar o esquema familiar. À mulher reconhece-se o dom de conceber, amamentar, educar, organizar a casa, governar o espaço propício à educação dos filhos porque “a família do século XVIII se organiza ao redor dos filhos e da sua formação para a vida social”,⁶⁴ enquanto que ao homem cabem encargos sociais e o sustento da família. O homem vai crescendo na consciência de que a riqueza de uma nação não assenta tanto na extensão de território, mas sobretudo na qualidade de vida que se vive dentro dele; e a mãe torna-se disso a maior garantia.

Desde a década de 1960, acontece nova revolução na estrutura familiar e opera-se uma profunda transformação.

A mulher pretende a sua autonomização relativamente ao contexto familiar e pretende de vários modos, não uma função de governabilidade privada, mas ascender, como o homem, a um espaço não só social como público. Isto acontece também por diversos factores externos que condicionam essas alterações, embora tenham um efeito progressivo. “A taxa de atividade feminina em 1960 é de 13,1%, valor que vai subindo

⁶³ *Ibidem*, 76.

⁶⁴ *Ibidem*, 75.

ligeiramente nesta década em virtude da mobilização para a guerra colonial e da emigração”.⁶⁵

Abre-se então um novo cenário familiar: as relações começam a basear-se mais na questão do desejo afetivo a ser alcançado a todo o custo. “Começa a difundir-se uma idealização do matrimónio baseado no afeto e na intimidade entre marido e mulher, o qual implica um companheirismo cada vez mais intenso entre os cônjuges que, até então, era quase totalmente desconhecido”.⁶⁶

Apesar disso, os níveis de natalidade não tiveram grande aumento, porque “o acesso progressivo da população feminina aos métodos contraceptivos orais, veio repercutir-se na vivência da sexualidade feminina, com o desaparecimento gradual do binómio sexualidade/procriação”.⁶⁷

A saída de casa de ambos os pais provocou a necessidade ou mesmo oportunidade de os filhos irem para a escola cada vez mais cedo. Com esta mudança fulcral, a família fragilizou-se, deixou de ser protagonista educativa, começou a ficar insegura sobre quais as suas funções esperando da escola o que ela própria não fazia.

Se à mãe se garantia um espaço no plano público e o pai naturalmente não a substituía, então assistimos a um novo desinvestimento no espaço familiar, fonte primeira de algumas consequências negativas, entre as quais: crianças e adultos mais fragilizados, tirania infantil que se alimenta da culpabilidade sentida pelos pais de não darem espaço e tempo justo e necessário aos filhos: “nas últimas décadas do século XX se iniciará uma situação completamente diferente: cada vez mais a criança, seguramente por causa da baixa natalidade, ocupará o centro da família e, muitas vezes, se converterá no «pequeno ditador»”.⁶⁸

⁶⁵ M. A. NUNES, «Percurso Familiares – Retratos da Atualidade», in *Cadernos ISTA* 31 (2015) 8.

⁶⁶ L. DUCH y J.-C. MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, 70.

⁶⁷ M. A. NUNES, «Percurso Familiares – Retratos da Atualidade», 10.

⁶⁸ L. DUCH y J.-C. MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, 61.

Todos sabemos como é importante a estabilidade familiar e como, ao longo da história da humanidade, essa estabilidade e esses papéis foram encontrando períodos de transição menos favoráveis.

Socialmente, a família conjugal foi sempre considerada como peça-chave da estrutura social e, durante muito tempo, nas culturas ocidentais e não só, como uma garantia da ordem e autoridade.

A família conjugal correspondia no espaço a uma unidade de habitação; do ponto de vista económico, a uma unidade de produção e de consumo; do ponto de vista social, a uma unidade de autoridade, a do chefe de família e encontrava-se duplamente inserida num grupo de parentesco e num grupo local: lugar, aldeia ou bairro.

A industrialização e o desenvolvimento da vida urbana, nos séculos XIX e XX, modificaram ao mesmo tempo a economia, os grupos locais e os de parentesco. Em consequência, a família conjugal mudou de posição na sociedade e de estrutura interna. Ao mesmo tempo, novas ideologias modificaram os modelos antigos, adquirindo assim uma forma de representação mental. Alteraram-se os sistemas de valores.

Atualmente, sob a influência conjugada das transformações económicas e das correntes do pensamento, a família mudou muito de fisionomia.⁶⁹ Para compreender estas alterações, torna-se necessário estudar a evolução das funções da família na sociedade e a das suas estruturas, assim como a modificação das relações e dos papéis sociais no interior do grupo familiar.

⁶⁹ Tradução autorizada pelas Edições Julliard, do artigo «L'évolution des besoins et la conception dynamique de la famille», de Paul-Henri e Marie-José Chombart de Lauwe, publicado na Revue Française de Sociologie, ano I, n.º 4, out.-dez. 1950, acedido em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224165225Z5aRR5fx5Sc98EV6.pdf> a 10 de fevereiro de 2019.

1.2. Identidade (limites e fragilidades; capacidades e potencialidades) e funções ou papéis

Que família somos, hoje, chamados a viver e a construir? Tentando responder a esta questão, não nos podemos distanciar do plano divino sobre a humanidade, pois é nele que a família cristã pode descobrir aquilo que é chamada a ser:

«A família descobre não só a sua “identidade”, o que “é”, mas também a sua “missão”, o que ela pode e deve “fazer”. As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e são a expressão do seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo instantâneo, que ao mesmo tempo, define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, “torna-te aquilo que és!”» (FC 17)

E o que é chamada a ser? Que funções lhe estão destinadas para que cumpra a sua missão? Olhando para o panorama da sociedade e revisitando algumas décadas anteriores poderíamos enumerar algumas funções que lhe são atribuídas como necessárias para o bem da sociedade e a sobrevivência da espécie humana:

a) *Função identitária*

É importante reconhecer na família o espaço adequado onde se cresce como pessoa e onde se amadurecem sonhos e ideais, onde se aprende a socializar e a construir relações interpessoais válidas e de referência para a vida. Esta função ajuda a tornar o contexto familiar numa comunidade de vida e de amor, onde as pessoas se sintam elas próprias e apoiadas mutuamente nas dificuldades e esperanças. “O afecto tornou-se o valor mais importante da família a par da realização pessoal de cada um dos seus

elementos. São em si valores positivos mas que podem tornar os equilíbrios mais difíceis e as relações mais frágeis”.⁷⁰

Ao longo dos tempos, é nesta função que a família se tem apoiado e dado valor para que se mantenha:

“O casal encerra-se menos em papéis e funções predefinidas e nos ditames da tradição. O fundamento dos casais hodiernos não são mais os papéis e os constrangimentos externos, mas a relação interpessoal. Neste sentido, François de Singly (1996) atribui à família uma função de construção de identidade pessoal através da relação conjugal. [...] Em síntese, o casal tem vindo a conhecer novas facetas sem precedentes: estando mais ao serviço do indivíduo e menos o inverso”.⁷¹

b) *Função reprodutora*

A reprodução humana é uma das funções da família por ser a única que permite que esta subsista através das gerações. E quando falamos em reproduzir, em aumentar a família, atribuímos uma considerável gama de atributos consequentes que devem ser exercidos. Não se é considerada mãe ou pai só porque biologicamente assim é:

“[...] esquecemo-nos de que ser mãe, ser pai, ser familiar em sentido geral, exige literal trabalho, que não é mero trabalho em seu sentido físico estrito, mas trabalho em sentido humano, que é apropriação, já de ordem espiritual, do movimento físico. Ser Mãe e Pai, ser familiar em geral, é um merecimento. Nem todos merecem tal honrosa designação”.⁷²

Ao merecer tal *apropriação*, ela assume também a responsabilidade em outras tantas tarefas importantes:

⁷⁰ M. A. NUNES, «Percurso Familiares – Retratos da Atualidade», 27.

⁷¹ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 210.

⁷² Conferência do Prof. Doutor Américo Pinheira Pereira proferida na Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa, *Família, afectos e consumos*, 2014, 3.

“Aqueles que os geraram para a vida devem acompanhá-los no processo do seu desenvolvimento humano até atingirem a sua plena autonomia e integração na sociedade. Os pais que alimentam a vida corporal do ser indefeso que lançaram no mundo, são também aqueles que criam o ambiente de amor e ternura que o vai abrindo à relação com os outros, que lhes vai comunicando os primeiros sinais da presença de Deus, lhe vão transmitindo os valores que balizam a estruturação da sua personalidade e a sua adaptação à sociedade, lhe vão dando conhecimentos mais simples e comuns que os guiam na vida e orientam a sua adaptação às novas situações e problemas”.⁷³

Esta função reprodutora já foi mais valorizada mas, com as muitas modificações sociais, tem deixado de ser, de uma forma significativa, o principal objetivo do casal.

Podemos observar no gráfico⁷⁴ seguinte a grande diminuição que tem ocorrido na natalidade:

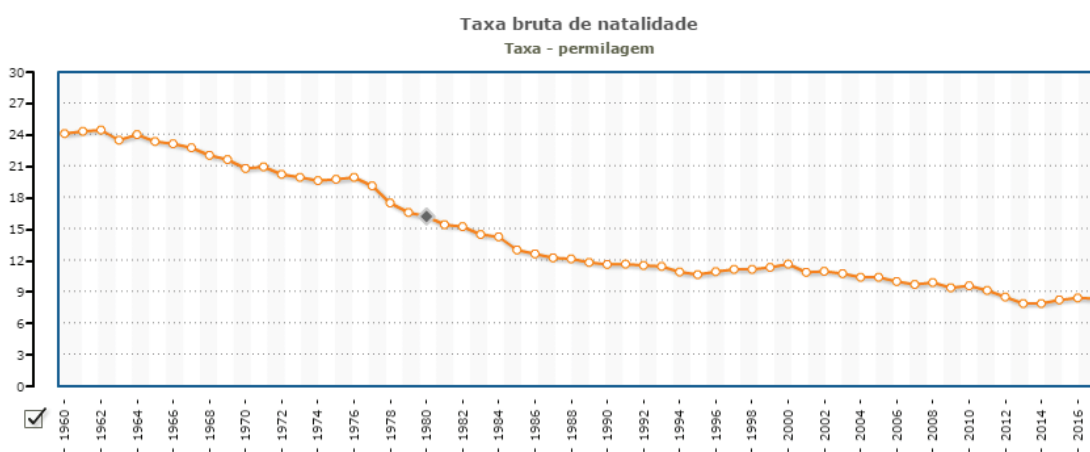


Gráfico 1: Taxa bruta de natalidade

“Se a família, secularmente, tinha como vocação prioritária a reprodução biológica necessária à perpetuação da sociedade, através dos filhos, da sua reprodução social e das funções educativas e de socialização, numa sociedade singularista é uma conceção hedonista que domina: têm-se filhos porque se desejam e assegura-se o controlo desta escolha”.⁷⁵

⁷³ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 15.

⁷⁴ Os gráficos apresentados neste capítulo do relatório foram pesquisados em <https://www.pordata.pt/portugal>, acedidos em 1 de março de 2019.

⁷⁵ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 199.

Com a entrada da mulher no mundo do trabalho, a opção de engravidar vai sendo adiada. Exemplo disso é o gráfico seguinte que nos mostra o aumento da idade na mulher aquando do nascimento do primeiro filho:

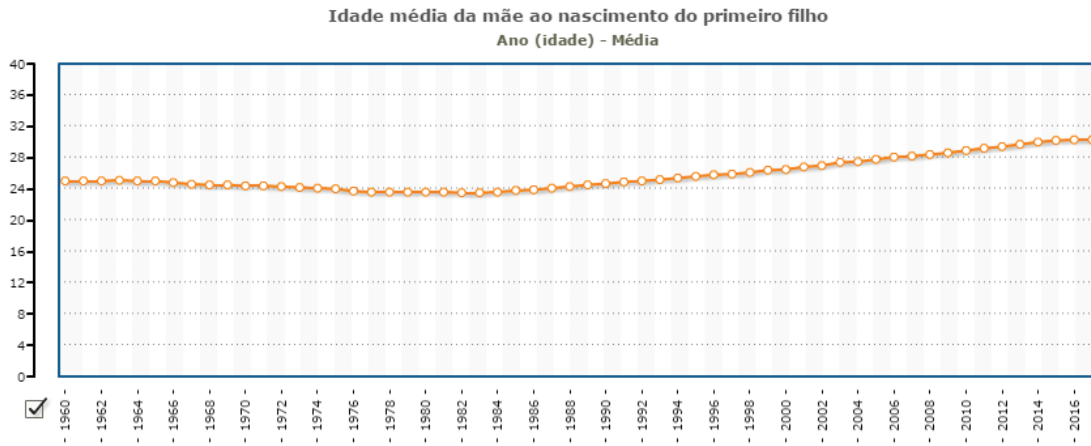


Gráfico 2: Idade média da mãe ao nascimento do 1.º filho

Ainda há algum desejo de dar continuidade à história, mas as estatísticas mostram uma baixa natalidade: “Segundo estatísticas do INE, maioritariamente, as famílias portuguesas têm apenas 1 filho, seguidas das famílias com 2 e, em muito menos escala, com 3 ou mais filhos, [...] Tal facto tem conduzido a uma drástica baixa de fecundidade e da natalidade”.⁷⁶

c) Função educativa

Com o evoluir dos tempos, as transformações aceleradas da vida moderna, a especialização e vastidão de conhecimentos, a evolução e complexidade das tecnologias e tarefas sociais, com a autonomia da mulher relativamente aos afazeres domésticos e continuando o homem a desempenhar o seu papel na esfera social, tornou-se quase impossível que a família assegurasse esta função educativa por si só.

O número de creches/escolas são cada vez em maior número e as crianças são inseridas nos estabelecimentos de ensino cada vez mais cedo como se observa no

⁷⁶ *Ibidem.*

gráfico seguinte. Por isso, a partir de tenra idade, começam a frequentar o espaço escolar como a sua segunda casa.

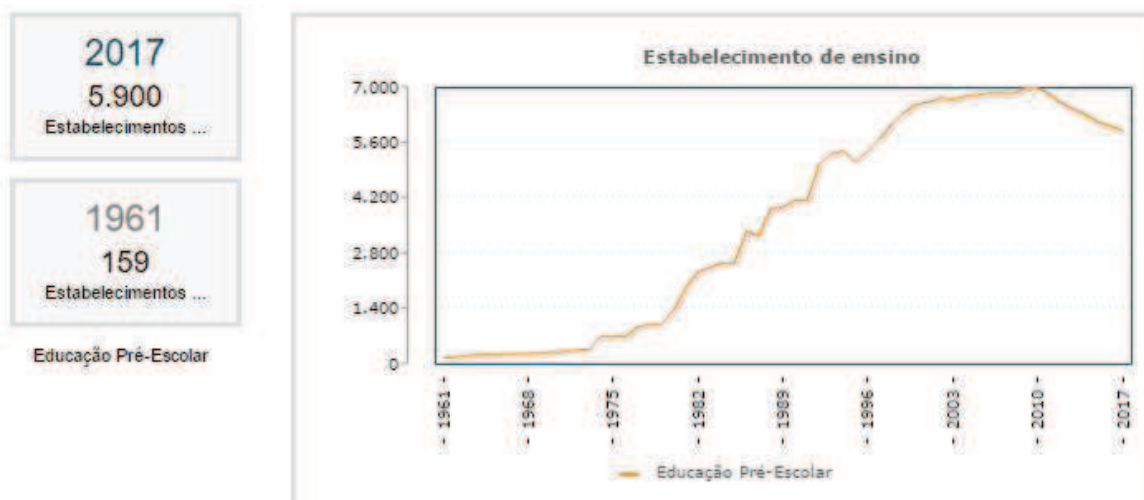


Gráfico 3: Estabelecimento de ensino na Educação Pré-Escolar

Sabendo que os pais são os primeiros educadores e que é seu direito e dever cumprir esta sua função, sabendo que a educação pode ser olhada “como uma «oferta» de humanidade por parte de ambos os pais”⁷⁷, é importante apoiá-los para que esta sua tarefa educativa seja plenamente concretizada. Neste sentido surge a escola como parceira, significando que “qualquer outro participante no processo educativo não pode operar senão em nome dos pais, com o seu consenso e, em certa medida, até mesmo por seu encargo”.⁷⁸ Porém, sabemos que em muitas situações os pais, sendo os primeiros educadores mas não conseguindo organizar-se para usufruir dessa possibilidade, descartam nas instituições educativas o peso da tarefa que eles próprios deveriam assumir, exigindo e colocando muitas vezes em questão o trabalho realizado. “Ao confiar à escola [...] os seus filhos, os pais não se podem demitir da sua tarefa educativa

⁷⁷ João Paulo II, *Carta às Famílias*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994, 16.

⁷⁸ *Ibidem*.

[...] mas devem com eles colaborar, dando aquilo que só eles podem dar e completando, na medida do possível, a atividade dos educadores institucionais”.⁷⁹

d) Função económica

Dela depende a família e condiciona outras funções,⁸⁰ ou seja, é na sua subsistência que a família se mantém, por isso a importância que haja trabalho para que, economicamente, seja possível.

Podemos também referir-nos a esta função como condição para ter mais filhos, para fazer crescer a família. Se antigamente se dizia que os filhos eram uma mais valia para o trabalho, porque “Quanto mais filhos, mais braços havia para trabalhar, aumentando assim os recursos económicos do grupo familiar”⁸¹, hoje em dia não se pensa de igual modo e os cálculos que se fazem aos recursos económicos são muitos porque o nível de vida está mais elevado. “É certo que muitos aspetos da vida familiar envolvem funções de sobrevivência que compete à família assegurar, como alimentação, habitação, vestuário, segurança, etc”.⁸² Estes aspetos sempre estiveram, ao longo da vida, presentes porque necessários para a sobrevivência da família, mas a exigência com a qual foram sendo requeridos, essa sim, variou e diferenciou o modo de vida de muitas das famílias. Podemos verificar as alterações ocorridas no gráfico seguinte.

⁷⁹ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 16.

⁸⁰ Cf. M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 209.

⁸¹ *Ibidem*, 210.

⁸² C. MORUJÃO, «A Família: uma reflexão filosófico-antropológica», in AA. VV., *Família – Essência e Disciplina*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 179.

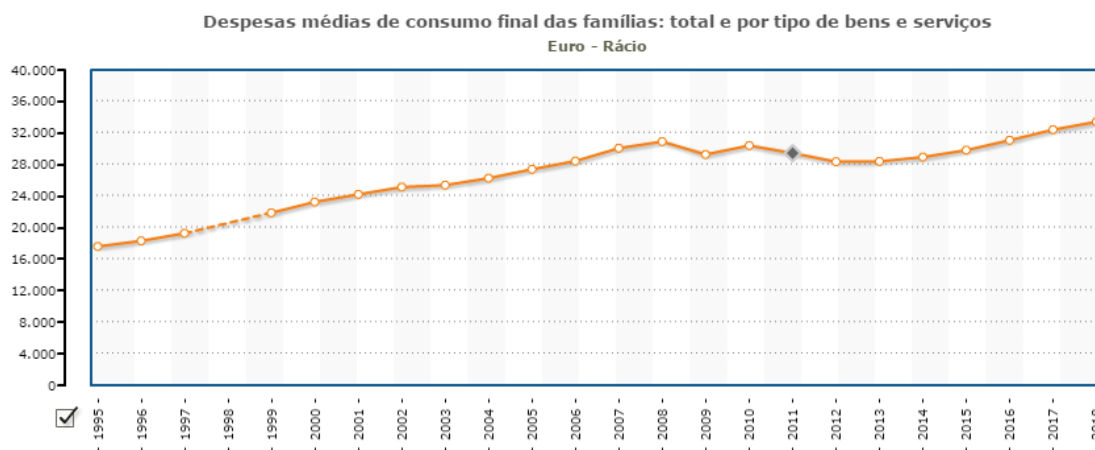


Gráfico 4: Despesas médias de consumo final das famílias

Diante de todos estes aspetos, o papel das crianças sofreu também alterações no seio da família: passaram a ser olhadas como “objeto de afeição e não apenas de rentabilidade”.⁸³ O casal vivem agora voltado para as crianças e o seu bem estar, tendo-as como protagonistas de toda a vida familiar e social. Querem o melhor para os seus filhos, mas isso implica, para alguns, trabalhar mais e estar menos tempo real com os filhos.

Como nos diz o gráfico 5, as mulheres trabalham 32,3 horas:

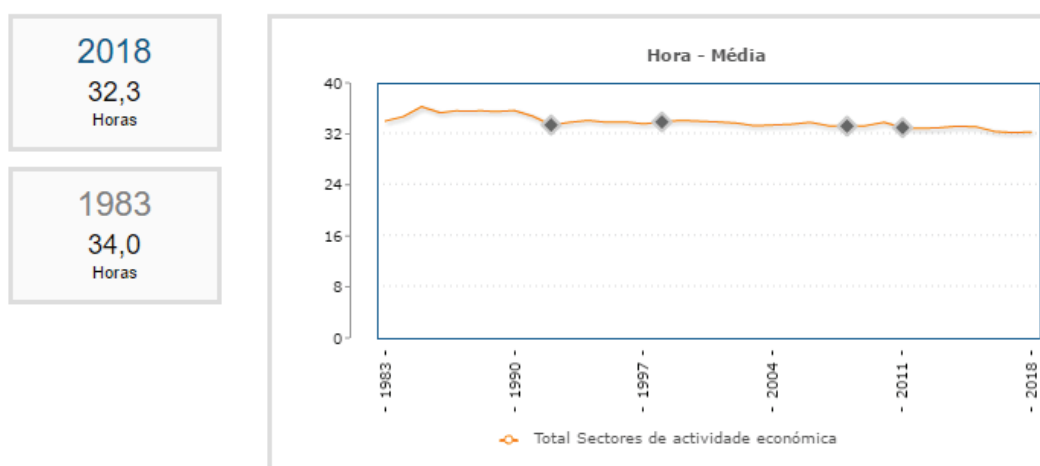


Gráfico 5: Total setores de atividade económica das mulheres

Enquanto os homens trabalham 36,2 horas, como se pode verificar no gráfico:

⁸³ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 210.

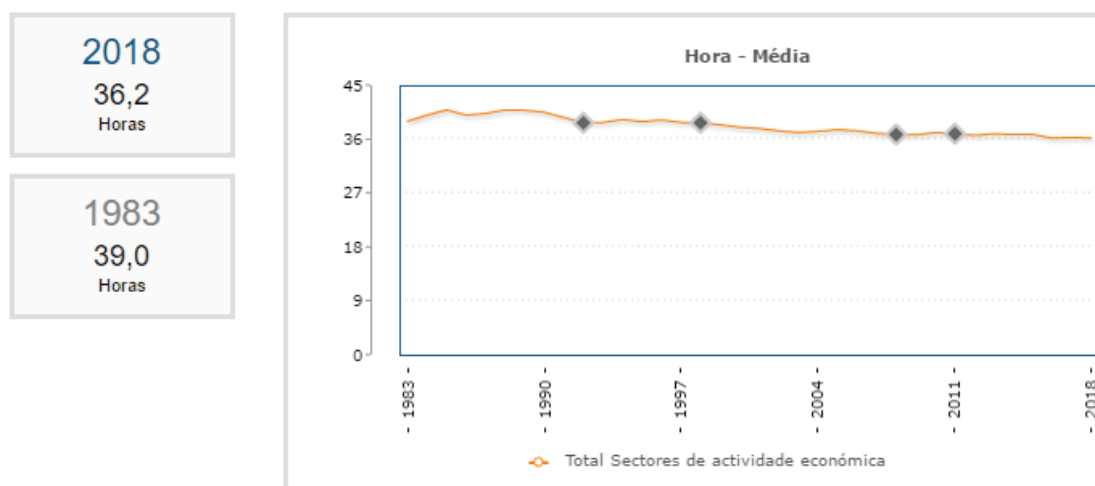


Gráfico 6: Total setores de atividade económica dos homens

Os pais sempre pretenderam o melhor para os filhos, mas se recuarmos alguns anos, esse objetivo era alcançado por outras estratégias educativas e não apenas pelo ‘ter’ economicamente para depois poder devolver como ‘tempo’. Mudaram-se as estratégias, muda-se a educação.

“Fala-se diversas vezes da passagem do filho quantidade, entendido como um recurso que aumenta o rendimento familiar, para o filho qualidade, no qual se investe de forma muito significativa e para o qual se canalizam todos os recursos, procurando assegurar as melhores condições para a sua formação e desenvolvimento”.⁸⁴

A ausência dos pais em casa provocou algum distanciamento nos relacionamentos e começaram a surgir os divórcios porque:

“Vive-se em casal e em família enquanto os sentimentos afetivos os sustentarem. De contrário, rompe-se e parte-se de novo em busca de novos oásis de amor, emoções fortes e felicidade, proporcionando mais a realização individual do que a duração e unidade do grupo familiar”.⁸⁵

⁸⁴ Maria Vânia NUNES, «Impacto do envelhecimento na Família», in AA. Vv., *Família – Essência e Disciplina*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 236.

⁸⁵ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 199-200.

1.3. Impacto na realidade contemporânea

“A duração do matrimónio se encontra intimamente relacionada com a manutenção do «clima emocional», da tensão emocional do casal”,⁸⁶ como já se salientou anteriormente. Tudo está diretamente ligado ao peso que se coloca na realização individual sem olhar aos compromissos já assumidos e ao núcleo familiar construído.

As referências ao passado e ao futuro têm cada vez menos impacto. “A impossibilidade real de programar e realizar projetos comuns, justamente porque não se está predisposto a reconhecer e aceitar a integridade da sequência temporal da própria vida e da do outro”.⁸⁷

Sabemos que a configuração histórica da família nuclear está a chegar ao fim, que as pessoas casam menos ou já nem se casam, como podemos ver no gráfico seguinte e que, em seu lugar surge uma configuração mais baseada na diferenciação sexual que nos laços de sangue. É necessário dar lugar a novas formas de estar e de estruturar o ambiente familiar para que seja possível viver de forma digna e suportável o caos que se instalou na sociedade, este caos onde já todos acham que é o normal da vida e das relações familiares.⁸⁸

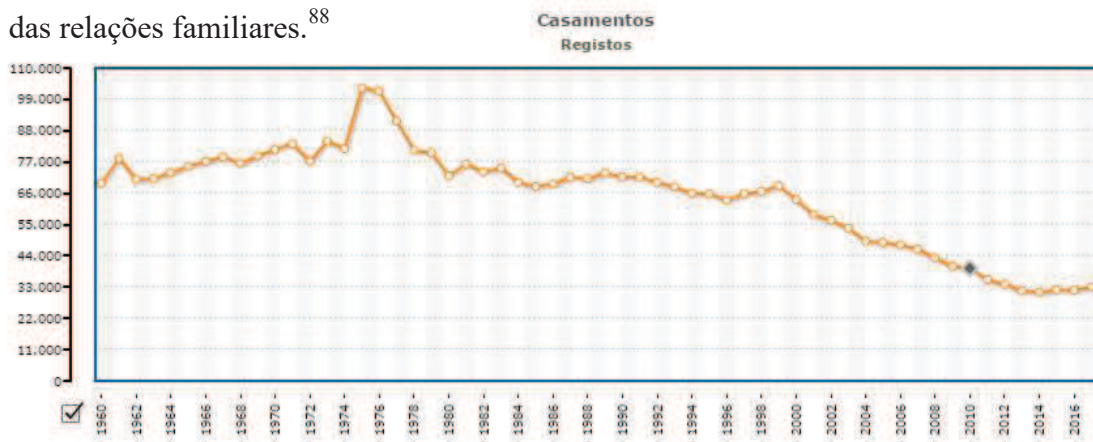


Gráfico 7: Registos de casamentos ocorridos entre 1960 a 2016

⁸⁶ L. DUCH y J.-C. MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, 87.

⁸⁷ *Ibidem*, 88.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*.

Damo-nos conta de expressões que se deixaram de usar - por exemplo, esposo ou esposa - sendo substituídas por companheiro e companheira porque referem um estilo de vida adoptado por ‘n’ pessoas que nos dias de hoje, vivem relações conjugais com o sentido de ‘até quando der’, sem querer compromissos demasiado sérios nem para toda a vida.

Esta nova realidade sociocultural gerou e derivou de uma filosofia familiar muito contrastante com os códigos familiares até então vigentes. Se no início a família era “uma composição e organização de indivíduos através de um conjunto de laços: aliança, sangue, institucionais”⁸⁹, em que só era interrompida à morte de algum dos cônjuges, “desde os últimos decénios do século XX, [...] difundem-se amplamente as uniões suspensas por divórcio ou separação”.⁹⁰ O gráfico seguinte é elucidativo da percentagem de divórcios praticados.

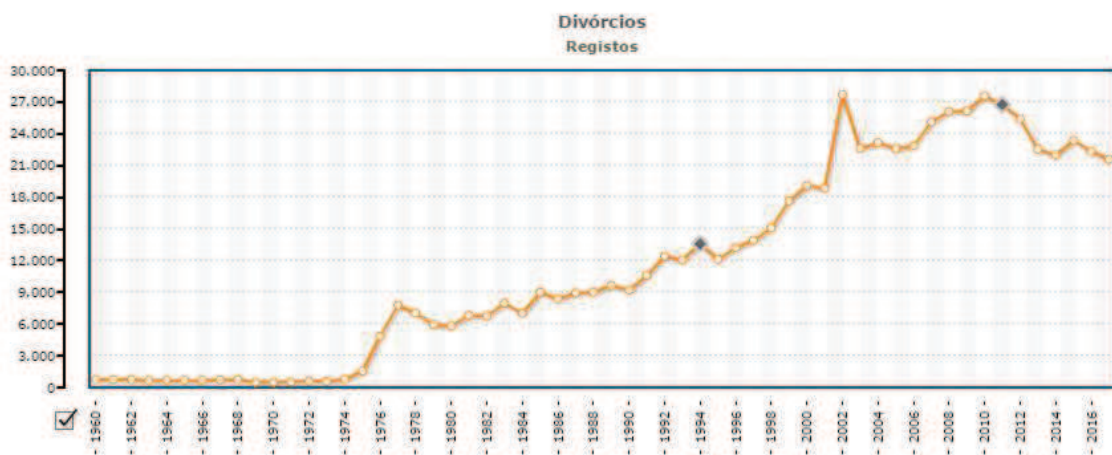


Gráfico 8: Registos de divórcios entre 1960 a 2016

Daí surgem famílias recompostas, famílias monoparentais de vários tipos (a percentagem apresentada no gráfico 9 diz respeito às monoparentais do sexo feminino),... todas formas de tentativa de reestruturação e de equilíbrio.

⁸⁹ M. E. LEANDRO, *Configurações e dinâmicas familiares*, 200.

⁹⁰ *Ibidem*.

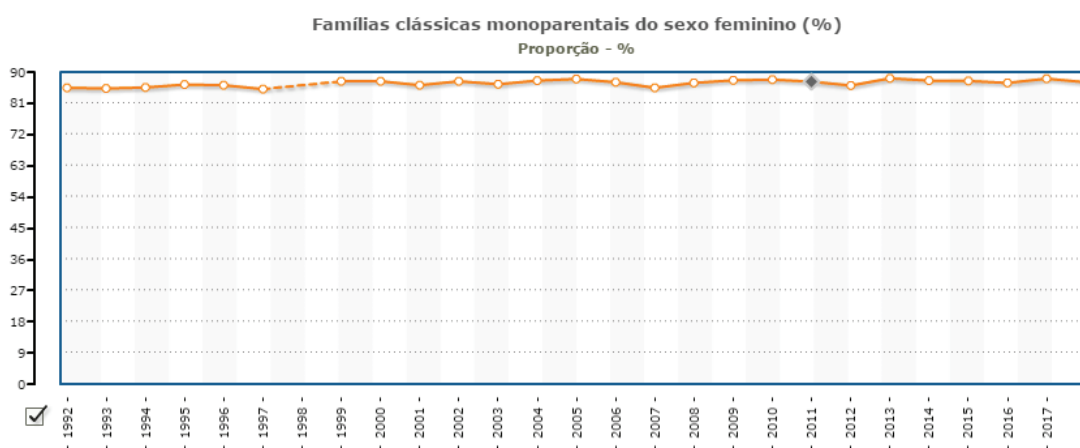


Gráfico 9: Percentagem de famílias monoparentais do sexo feminino

Poderíamos afirmar que todas as modificações que vão acontecendo socialmente têm interferido na estrutura familiar e pode-se pensar que danifiquem a sua essência. Mas, o que realmente é verdade é que o Homem sempre irá necessitar de viver em família, de se sentir amado e educado, de ter padrões de orientação e de exemplos a imitar.

“A família é o lugar principal do crescimento de cada um, pois é através dela que o ser humano se abre à vida e àquela exigência natural de se relacionar com o próximo. Podemos constatar frequentemente que os vínculos familiares são essenciais para a estabilidade dos relacionamentos sociais, para a função educativa e para um desenvolvimento integral, porque animados pelo amor, pela solidariedade responsável entre as gerações e pela confiança recíproca. São estes os elementos capazes de tornar menos gravosas inclusive as situações mais negativas e levar a uma verdadeira fraternidade a humanidade inteira, levando-a a sentir-se como uma única família, na qual as atenções mais importantes são dirigidas aos seus membros mais frágeis”.⁹¹

⁹¹ Discurso do Papa Francisco aos participantes da 38.ª Conferência da Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (FAO), Roma, 20 de junho de 2013.

Somos feitos para viver em família e, embora possam surgir alterações ao modelo que se tinha há alguns séculos atrás, acredita-se que este grupo social nunca poderá ser destruído.

“O fim da família anunciado há alguns anos por vários sectores da nossa sociedade, não se verificou. Se a família conjugal simples, fortemente imbuída de valores religiosos de cariz mais ou menos erudito ou popular e de uma regulação mais rígida e hierarquizada, diminuiu na totalidade das famílias portuguesas, assistimos ao crescimento de uma multiplicidade de estruturas familiares das quais sobressai ainda a vivência em casal”.⁹²

Pode sofrer pressões e considerarmos que está constringida a uma série de factores que, não existindo, a poderão extinguir, mas o certo é que nada pode ser inibidor desta tão grande necessidade do Homem ser em família.

1.4. Seus desafios e interpelações

Depois de termos visto todo este panorama, *quais são os desafios e contradições existentes? Quais as suas perspectivas de futuro? Será que as pessoas apreciam realmente o contexto familiar ou, é de tal ordem disfuncional, que não é desejado?*

O que é necessário realizar ou viver em espaço educativo para ajudar as famílias a crescerem em valores consistentes?

Quando se fala de família, não basta ficarmos parados num conceito ideal, porque o importante é olharmos a realidade e compreendermos que, sempre houve e haverá desafios. Sabemos que a família é um laboratório do presente, como um espaço de experiência onde todos são chamados a serem protagonistas num exercício efetivo de

⁹² M. A. NUNES, «Percurso Familiares – Retratos da Atualidade», 31(2015) 27.

corresponsabilidade. Isso implica, que todos tenham papel ativo dentro do ambiente e se sintam realmente ativos para esse serviço de atenção ao outro. Quando isso acontece, a família:

«constitui a dimensão comunitária e relacional básica onde tem lugar a educação de carácter, se desenvolve o processo de humanização de cada criança. Na família a relação assenta na afetividade e na partilha de vida, condições necessárias para os pais guiarem os filhos “na descoberta da sua identidade”, os iniciarem na “vida social, no exercício responsável da sua liberdade moral e capacidade de amar».⁹³

O desafio, de cada dia, é compreender que não deveria existir a exigência do ‘receber’ no contexto familiar, pois todos deveriam dar para poderem receber. Sabemos que ninguém é (ou deve ser) deixado de fora, mas aquilo que vamos observando, nos espaços escolares, são alunos com alguns desequilíbrios emocionais, com necessidade de atenção e de serem escutados. A atenção, o carinho e o cuidado de que cada um é alvo, é a força misteriosa experimentada no seu conjunto e só com essa força se pode valer e manter. É assim que se cresce e que se ajuda a crescer. Quando falta, as lacunas tornam-se profundas e as dificuldades grandes. O processo de aprendizagem torna-se doloroso e muito distante das necessidades fundamentais. Se o aspeto humano não é preenchido com assertividade, os outros aspetos tornam-se quase inexistentes para a pessoa.

“A educação opera a humanização da criança, comunicando-lhe o património de experiência adquirida, os conhecimentos e valores acumulados na tradição cultural da sociedade onde nasceu. A humanidade do homem é formada pela cultura, esse excesso sobre o biológico que dá ao homem, pela via da relação com os outros, a consciência da sua dignidade e potencialidades, preenche sua

⁹³ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 55.

capacidade de conhecer e agir e estrutura as convicções e os valores que orientam a sua acção e dão sentido à vida”.⁹⁴

É importante perceber que o básico, o essencial, tem de estar no lugar certo, na dose certa, para que se possa crescer em equilíbrio.

2. A família - um olhar a partir da reflexão cristã

Deus Criador dá origem à vida e tendo criado o homem, sendo ele um ser de relação, não pode deixá-lo sozinho e cria a mulher que será um com ele, carne da sua carne: “O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.» Então, o Senhor Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele. Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!» Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 18-24).

⁹⁴ *Ibidem.*

O relato do Génesis deixa-nos compreender que ambos se completam e, é na sua complementariedade que a união existe e se pode viver na comunhão. Depois disto, Deus dá-lhes uma missão concreta: “crescei, multiplicai-vos” (Gn 1, 28a).

Mesmo com este encargo, Deus quis entrar na história da vida humana por Jesus, feito homem. “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho Unigénito” (Jo 3, 16). Quis que o Seu próprio Filho tivesse a possibilidade de viver num ambiente familiar e que nele crescesse, pois Deus sabia que este contexto é o melhor para o ser humano crescer em harmonia e equilíbrio. E é desta Sua experiência de humanidade, deste mistério divino da Encarnação (Cf. GS 22) que faz Sua a experiência de vida na família de Nazaré. É neste contexto familiar que vive e cresce, que aprende a trabalhar e a servir, a conhecer a realidade do seu povo, as tradições, os costumes, a experiência humana na sua profundidade.

“Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, [...] amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado” (GS 22).

A família é o lugar onde nos encontramos, mas também onde nos vamos compreendendo e definindo. Por isso, na comunidade familiar temos sempre de nos encontrar, na verdade do que somos.

A beleza da família é a aprendizagem serena da diferença, a arte de guardar aquilo que não se entende, aquilo que não era o sonho inicial. Sabemos que não devemos pretender que a família seja um horizonte de comunhão, onde nunca ocorrerão problemas, sofrimentos. O caminho é querer ser esse horizonte de comunhão que não vem ‘dado’ em mãos, mas que é desafio de construção.

“A estabilidade que era referência obrigatória de todos os sistemas sociais”⁹⁵ deixou de existir como necessidade para o Homem, tornando tudo descartável e reciclável, até mesmo no âmbito da vida familiar. Para muitos, hoje, a família não passa de uma “fase transitória da vida”, uma “comunidade a tempo parcial”.⁹⁶ Porém, sabemos que o Homem anseia pelo apoio familiar que mesmo sendo, muitas vezes, absorvido pelo stress quotidiano ou pelas vicissitudes da vida, o faz sentir-se pertença a algo. É no seio da mesma que, o Homem, tenta encontrar um espaço seguro onde exista uma resposta para a quietude e para o equilíbrio emocional.

A Igreja coloca a família sobre alicerces duradouros, seguros, inabaláveis, assegurando-nos que “o Homem provém de Deus”⁹⁷ e só na fidelidade ao Seu projeto pode conseguir ser feliz em comunhão familiar.

Os grandes valores do matrimónio e da família cristã continuam a corresponder às necessidades mais profundas do coração humano, apesar de se verificarem, nesta época, algumas marcas do individualismo e do hedonismo.

2.1. Documentos da Igreja - um itinerário reflexivo a partir do CV II

A Igreja deve ser expressão de comunhão e unidade entre todos os homens. Os seus documentos apresentam um ideal oferecido à humanidade, qual desafio de vida que requer adesão a Deus, na pessoa de Jesus. Com esta abertura e acolhimento, cada documento pretende ajudar cada cristão, cada pessoa, a colocar em prática ou a refletir

⁹⁵ L. DUCH y J.-C. MÈLICH, *Ambigüitats de l'amor*, 89.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ Lineamenta para a XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *A Vocação e a Missão da Família na Igreja e no mundo contemporâneo* – ocorreu de 05 a 19 de outubro de 2014 na cidade do Vaticano, http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html#O contexto sociocultural acedido a 15 de fevereiro de 2019.

sobre a sua incidência na própria vida. Por isso, é importante que todo e qualquer documento não fique só em palavras e belas teorias, mas se transforme em vida e penetre na realidade de cada cultura, de cada pessoa.

2.1.1. Constituição Pastoral *Gaudium Spes*

Nos números 48 a 52 da Constituição Pastoral GS, vemos sublinhadas e reforçadas algumas das ideias já referidas que demonstram que o centro da família é o amor: “a íntima comunidade de vida e do amor conjugal”, “Cristo abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspetos”, “a família cristã manifestará a presença viva do Salvador no mundo [...] por meio do amor dos esposos” (cf. GS 47-48), “o matrimónio e o amor conjugal ordenam-se por sua própria natureza à geração e educação da prole. Os filhos são, sem dúvida, o maior dom do matrimónio e contribuem muito para o bem dos próprios pais” (GS 50).

Como seres humanos, sabemos que, “o bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã” está relacionado com o viver em comunidade e neste caso, em comunidade familiar. E sabemos-lo porque temos esta necessidade intrínseca de relação. Apesar disso, esta realidade conjugal não deixa de ter as suas imperfeições e de ser “muitas vezes profanado pelo egoísmo, prazer, violência doméstica, traição e outras práticas ofensivas à vida” (GS 47).

A Igreja, como comunidade de pessoas e para as pessoas, não deixa de apontar o ideal e de “motivar e incentivar as famílias a consolidarem o amor cristão e a seguir as suas orientações para uma vida conjugal fiel e fecunda” (GS 47).

Esta vontade de se unirem e formarem uma comunidade humana vem da vontade do próprio Deus, que pretende que cada homem e mulher viva na “dignidade,

estabilidade, paz e prosperidade” (GS 48) a relação com os outros. É na relação entre eles e com Deus que os esposos serão capazes de cumprir a sua missão de pais e cuidadores dos seus filhos. “A unidade do matrimónio, abençoada pelo Senhor, manifesta-se também claramente na igual dignidade da mulher e do homem que se deve reconhecer no mútuo e pleno amor” (GS 49).

Para que a família seja um espaço saudável de crescimento e amadurecimento das relações é importante que se viva em “comunhão de vida, cooperação responsável na educação dos filhos” (GS 51), de modo a que estes sejam sempre orientados (até à fase adulta), aquando das suas próprias escolhas e decisões.

2.1.2. Carta Encíclica *Familiaris Consortio*

S. João Paulo II estava convencido que a dignidade do ser humano só lhe é conferida no contexto familiar. Por isso, a necessidade de realizar um documento que fizesse uma abordagem do tema da família.

“Homem e mulher são imagem de Deus, porque são duas pessoas distintas que se completam. Não é só o homem, não é só a mulher, mas é o homem e a mulher, cada um e conjuntamente, que são imagem de Deus. O homem e a mulher têm a dignidade comum e igual de imagem de Deus. Mas são também imagem de Deus na sua comunhão de amor. São imagem terrena do amor e da fecundidade de Deus. A sua complementariedade, a sua atracção mútua, a unidade do seu querer no amor, a sua fecundidade física e espiritual, a sua capacidade de transmitir a vida e de a fazer desenvolver humanamente é um dom de Deus, é vocação”.⁹⁸

A *Familiaris Consortio* aponta os aspetos, positivos e negativos, da realidade existente que influenciam as famílias:

⁹⁸ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 175.

“Por um lado, de facto, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos; há, além disso, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a descoberta de novo da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa. Por outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva” (FC 6).

Estas diretrizes iluminaram as famílias que, algumas das quais, já se sentiam perdidas por não conhecerem as orientações da Igreja. Deste modo podem sentir-se mais apoiadas pela Igreja que, apesar de ser uma instituição, sonha viver como família de comunidades. Com esta lógica, reconhecemos a família como berço de vida e de amor, onde se valoriza o dom que se recebe e se aprende a gratuidade do amor recebido.

“As relações entre os membros da comunidade familiar são inspiradas e guiadas pela lei da «gratuidade» que, respeitando e favorecendo em todos e em cada um a dignidade pessoal como único título de valor, se torna acolhimento cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda” (FC 43).

A família devia ser vivida como vocação, pois só desse modo pode ser admirada pela sua verdadeira beleza. É importante olhá-la como espaço onde a vida humana é um bem cuidado e precioso, porque “a Igreja crê firmemente que a vida, mesmo se débil e com sofrimento, é sempre um esplêndido dom do Deus da bondade” (FC 30). Para que seja perceptível esse dom da vida e a sua beleza, é necessário que os pais assumam o

seu papel, pois foram “constituídos pelo próprio Deus como primeiros e principais educadores dos filhos, e que o seu direito é absolutamente inalienável” (FC 40). Os pais são os guardiães da família e da sociedade, porque esta é agente social imprescindível para a vida e é célula básica da sociedade.

“A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: saem, de facto, da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade. Assim por força da sua natureza e vocação, longe de fechar-se em si mesma, a família abre-se às outras famílias e à sociedade, assumindo a sua tarefa social” (FC 42).

Pelo papel social que a família desempenha, deve influenciar e ser influenciado pela sociedade (Cf. FC 43). Ela é verdadeiramente humana quando recíproca e gratuitamente pautada pelo querer bem.

“É vossa tarefa formar os homens para o amor e educá-los a agir com amor em todas as relações humanas, de modo que o amor fique aberto à comunidade inteira, permeado do sentido de justiça e de respeito para com os demais, cōnscio da própria responsabilidade para com a mesma sociedade”.⁹⁹

2.1.3. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*

Neste documento, o Papa Francisco expõe uma reflexão sobre a alegria deste amor que é carnal, sensível e visível e sublinha que “no matrimónio, é necessário cuidar a alegria do amor” (AL 126), porque este é a base para a família. E porque é assim tão

⁹⁹ Cf. Mensagem do VI Sínodo dos Bispos às Famílias cristãs no mundo contemporâneo, 12 (24 de Outubro de 1980), consultada na Exortação Apostólica do Papa João Paulo II, *Familiaris Consortio*, Editorial A. O., Braga, 1981, 64.

importante cuidar desse amor? Porque somos conscientes que “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31).

Os primeiros sete pontos do documento são a sua chave de leitura; começa por nos dizer que a vida das famílias é uma oportunidade e não um problema como poderíamos pensar:

“na sua união de amor, os esposos experimentam a beleza da paternidade e da maternidade; partilham projetos e fadigas, anseios e preocupações; aprendem a cuidar um do outro e a perdoar-se mutuamente. Em amor, celebram os seus momentos felizes e apoiam-se nos difíceis. A beleza do dom recíproco e gratuito, a alegria pela vida que nasce e a amorosa solicitude de todos os seus membros, desde os pequeninos aos idosos, são apenas alguns dos frutos que tornam única e insubstituível a resposta à vocação da família” (AL 88).

Faz uma abordagem real da família de hoje e fala-nos dos desafios que se podem encontrar nas famílias neste nosso século. Como já se referiu no capítulo anterior, existem fatores que enfraquecem esta realidade, como os divórcios, a baixa taxa de natalidade:

“Ninguém pode pensar que o enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no matrimónio seja algo que beneficia a sociedade. Antes pelo contrário, prejudica o amadurecimento das pessoas, o cultivo dos valores comunitários e o desenvolvimento ético das cidades e aldeias” (AL 52).

Sendo uma verdade que apresenta o projeto de Deus sem o limitar no horizonte, sabe-se que “em virtude do sacramento do matrimónio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, será certamente um dom precioso” (AL 87) que apela a um empenho constante de crescimento e de aprofundamento no amor (Cf. AL 88).

A Igreja é consciente da distância existente entre a realidade e o ideal, mas não se quer ficar por aí e por isso, apresenta o positivo, destacando e colocando em evidência os instrumentos necessários a usar para se ir fazendo caminho:

“uma família, onde reina uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira” (AL 115).

Os “sinais de degradação” (FC6) referidos pelo Papa João Paulo II continuam, mas o Papa Francisco não os vê como obstáculos. Propõe, como estratégia para a realidade atual, a via do discernimento como possibilidade válida para uma vida a dois, onde se reflete, se pensa, se decide e se concretiza em conjunto. Esta é a forma sinodal de vida familiar, este é o modo de caminhar em conjunto e juntos. Apesar dos fracassos e fraquezas e mesmo “sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (AL 308). Só através deste caminho se poderá deixar resplandecer a beleza da família no mundo de hoje.

Ainda referindo-se ao discernimento, o Papa Francisco oferece uma possibilidade de mudança quando coloca a misericórdia de Deus como indicador seguro de rumo do caminho. Considera que é importante que a Igreja seja um lugar para as famílias chegarem à sua integração e, para isso, é necessário acompanhar os processos e ajudar a discernir na verdade. Com este horizonte tão diversificado do que cada família é, não podemos ter uma resposta igual para todos os contextos familiares. É essencial saber-mos envolvidos pelos contextos das pessoas e saberem-se auxiliados nas diferentes situações que surgem. A Igreja deve ser o rosto de um Jesus que acolhe e que continua a dizer que a família é uma boa notícia, para isso, temos de valorizar o

momento em que estamos e o que se consegue fazer, mais do que onde devemos estar ou chegar.

Existem na Igreja muitas ajudas, o Papa Francisco apresenta a vivência dos sacramentos como caminho de auxílio e libertação. Refere-se à Reconciliação como um lugar de perdão e não de castigo; a Eucaristia como alimento para os pobres e pecadores e não como prémio para os perfeitos. É necessário olhar profundamente para o sacramento do matrimónio e compreender que “não é uma convenção social, um rito vazio ou um mero sinal externo dum compromisso [...] é um dom para a santificação e a salvação dos esposos” (AL 72), é “como plenitude da revelação que recupera o projeto originário de Deus (cf. Mt 19, 3)” (AL 62), “como comunidade de vida e de amor, colocando o amor no centro da família” (AL 67).

2.2. Apontamentos teológicos¹⁰⁰

Na sua reflexão sobre a *Teologia da Família*, o professor José da Silva Nunes, começa por afirmar que este tema é realizado a partir de “duas características gerais [...]”: por um lado, aceita-se que há uma relação importante entre matrimónio e família”,¹⁰¹ apesar de sabermos que são realidade diferentes; “por outro lado [...] a preocupação de não dissociar teologia e pastoral, doutrina e vida”,¹⁰² pois o objetivo é tornar esta realidade um conhecimento em movimento, onde se torne uma realidade observada e se possa modificar na prática da vida familiar.¹⁰³

¹⁰⁰ Esta parte da reflexão foi apoiada no artigo do professor J. S. NUNES, «Teologia da Família», in AA. VV., *Família – Essência e Disciplinaridade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 54-68.

¹⁰¹ J. S. NUNES, *Teologia da Família*, 54.

¹⁰² *Ibidem*, 55.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*.

Sabemos que a família é uma “realidade existencial de amor”¹⁰⁴ onde o Homem cresce e se desenvolve, mesmo que muitas vezes pareça abandonada. Tal facto deve-se às dificuldades que se sente em abordar uma realidade desse género, apoiada na insegurança e instabilidade provocada pelos sentimentos.¹⁰⁵

No decorrer dos séculos, a Igreja não deixou faltar o seu constante e crescente ensinamento sobre a família, dando orientações e valorizando a sua realidade. Na Constituição Pastoral GS do CVII, entre os desafios aos quais se deve dar maior atenção e empenho, surge um capítulo sobre a família, que é definida como comunidade de vida e de amor (cf. GS 48). Este fundamento de vida humana em comum: “A família - na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social - constitui assim o fundamento da sociedade” (GS 52).

Sendo a realidade familiar “fundamento da sociedade” (GS 52), é essencial compreender que a família tem como centro, de toda a sua ação, o amor. Ele é a orientação segura para todo o processo educativo. Também a Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* deixa transparecer, com clareza, que a família só ganha sentido quando se vive cuidando da alegria do amor.

A doutrina foi-se aprofundando ao longo do tempo nos vários magistérios pontifícios e, num modo especial a atenção à família esteve presente no magistério de João Paulo II que, dedicando-lhe uma Exortação Apostólica afirmou, entre outras coisas, que:

“O futuro da humanidade passa pela família! [...] Compete ainda aos cristãos a tarefa de anunciar com alegria e convicção a «boa nova» acerca da família, que tem necessidade absoluta de ouvir e de compreender cada vez mais profundamente as

¹⁰⁴ *Ibidem*, 56.

¹⁰⁵ Cf. *Ibidem*.

palavras autênticas que lhe revelam a sua identidade, os seus recursos interiores, a importância da sua missão na Cidade dos homens e na Cidade de Deus” (FC 118-119).

Com esta Exortação Apostólica, o Papa João Paulo II ofereceu uma visão de conjunto sobre a vocação do homem e da mulher:

“O amor conjugal atinge a sua plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se entrega sobre a Cruz” (FC 13).

Se colocarmos o nosso olhar sobre S. Paulo, compreendemos que faz a comparação do amor humano do homem e de uma mulher ao amor de Cristo pela Igreja (Ef 5, 23). Para este apóstolo e como já se tinha referido anteriormente, isso está diretamente relacionado, porque a expressão do amor que Jesus anunciava, está em sintonia com esta plena comunhão entre os dois que se amam e que já ou futuramente podem constituir uma família.¹⁰⁶

Assim, com esta visão de como a Igreja deve viver, o CV II afirma que a família é a verdadeira “igreja doméstica” (LG 11), espaço de amor conjugal, à imagem da relação de amor entre a Igreja e o seu Senhor.

“Esta está chamada a ser célula da Igreja, manifestação do amor que nela se vive e constitui a verdadeira e profunda vontade de Deus para a realização de todo o género humano. Isto é, se a família se baseia no amor, segundo Jesus, então é Igreja doméstica, é Igreja em ponto pequeno, é comunhão em ponto pequeno, é expressão e simultaneamente potenciamento da família universal que Jesus anunciou”.¹⁰⁷

¹⁰⁶ *Ibidem*, 57.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

Sabendo, pelo que dizem os Evangelhos, que Jesus não formou nenhuma família e que algumas das suas afirmações até poderiam ser olhadas como um ataque ou desvalorização da família, o que Jesus pretende é evidenciar que, mais que laços humanos ou físicos, a humanidade foi criada para uma “só família humana, família de filhos de Deus Pai”.¹⁰⁸ Compreendemos que a família “só ganha verdadeiro sentido se se inserir e potenciar a família alargada de Deus – que é a humanidade inteira, a fraternidade universal”.¹⁰⁹ Com esta realidade alargada podemos “edificar a Igreja como família, procurando promover a reconciliação e uma verdadeira comunhão entre as diversas etnias”.¹¹⁰

Conscientes dos aspetos positivos e negativos que cercam a família e que a podem valorizar ou desvalorizar, sabe-se que “na realidade, o verdadeiro problema, a verdadeira ferida moral da humanidade de hoje consiste no facto de custar, cada vez mais, às pessoas sair de si mesmas e estabelecer pactos de estabilidade que a Igreja vê diante de si”.¹¹¹ Estes pactos estão sempre sujeitos à fragilidade e infidelidade do Homem, por isso, a Igreja convida a que se olhe para o matrimónio como sacramento onde Deus tem um papel ativo e presente no seio da vida familiar, onde se afirma esta reciprocidade no amor e onde é Ele que “conduz à plenitude todas as qualidades imanentes à relação amorosa do homem e da mulher: unicidade, fecundidade, fidelidade”.¹¹²

¹⁰⁸ *Ibidem.*

¹⁰⁹ *Ibidem.*

¹¹⁰ *Ibidem.*

¹¹¹ A. SPADARO, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, Paulinas, Lisboa, 2015, 110.

¹¹² J. S. NUNES, *Teologia da Família*, 62.

2.3. A pastoral familiar e os seus desafios

À luz do que foi dito, compreende-se a centralidade que cabe à família na vida da Igreja. Essa centralidade apresenta dois aspectos: de um lado, a família como sujeito¹¹³ privilegiado da transmissão da fé, e, portanto, da educação dos filhos à vida cristã e da ajuda a oferecer-lhes no discernimento vocacional; do outro, a família como objeto prioritário do cuidado pastoral da Igreja.

É necessário todo o esforço pastoral para valorizar a família como protagonista da transmissão da fé, sujeito de anúncio e de catequese em relação aos seus. Os sacerdotes, catequistas e animadores pastorais devem estar em relação com as famílias em vista de uma colaboração estreita, em particular no itinerário da iniciação cristã e na promoção do caminho vocacional dos jovens. É seguramente dever de toda a comunidade cristã formar a família e apoiá-la para que esteja à altura das tarefas que lhes competem no âmbito educativo e catequético. Para isso, a preparação ao sacramento do matrimónio deve ser lançada como proposta para um itinerário de redescoberta da fé e da inserção na vida da comunidade eclesial. Também o cuidado dos jovens casais é importante: trata-se de acompanhar as fases iniciais da vida conjugal, colocando as bases de um caminho de formação permanente. É através desse acompanhamento da família na caminhada de fé, que se faz a descoberta à vocação do amor, pois todos somos chamados a viver esse amor, expresso na fidelidade de Deus. É importante compreender, como nos diz o Papa Francisco que, quem se coloca nesse caminho acompanhado, se sinta desafiado a dar passos, pois o caminho de fé não é um “refúgio para gente sem coragem” (LF 53).

¹¹³ “A afirmação da família como sujeito da pastoral da Igreja implica, por uma parte, o reconhecimento da sua responsabilidade missionária e evangelizadora, e, por outra, também a atenção à família como uma realidade unitária, e a pastoral familiar como um projeto orgânico” – Eugenio A. FRUTOS, *Matrimonio y Familia. Reflexión teológica y pastoral*, Editorial CCS, Madrid, 1993, 247.

Escreve o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

“A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um” (EG 66).

Não faltam, naturalmente, aspetos positivos a salientar na realidade atual da família que também o Papa Francisco expõe na Exortação Apostólica pós-sinodal AL.

No segundo capítulo deste documento, é apresentada “A realidade e os desafios da família” e afirma-se a existência de uma crescente valorização da dignidade e do protagonismo de cada um no contexto familiar, com a devida atenção aos alterados contextos socioculturais, nos quais “os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar” (AL 32). Dessa forma, se de um lado crescem o individualismo, o medo do compromisso definitivo, de outro lado se visa uma maior autenticidade nas relações interpessoais, desafiando quem crê a “um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimônio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece” (AL 35).

Quais são os aspectos fundamentais a serem aprofundados para favorecer uma experiência de Igreja onde a família encontre o seu espaço de acolhimento e razões para reforçar a sua identidade e a sua missão como crente?

O sexto capítulo da Exortação AL, dedicado a *Algumas perspectivas pastorais*, examina precisamente as modalidades com que “anunciar hoje o Evangelho da família”. Ali se afirma que a pastoral familiar deve ser algo concreto, ou seja, que diga alguma

coisa à realidade das famílias que existem na comunidade e fora dela, porque as pessoas esperam da Igreja respostas com sentido:

“deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados. De igual modo sublinhou-se a necessidade de uma evangelização que denuncie, com desassombro, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e económicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência” (AL 201).

Por se saber que a família tem um papel central na sociedade, torna-se importante darmos-lhe a devida atenção e conferi-lhe protagonismo.¹¹⁴ Dessa forma, é significativo que, como afirma o Papa Francisco, a Igreja possa:

“acompanhar, com atenção e solicitude, os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e extraviado, dando-lhes de novo confiança e esperança, como a luz do farol dum porto ou duma tocha acesa no meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou estão no meio da tempestade. Não esqueçamos que, muitas vezes, o trabalho da Igreja é semelhante ao de um hospital de campanha” (AL 291).

Se assim for, podemos olhar a Igreja não como a instituição das regras e das obrigações, mas como a casa que acolhe e rejubila com as vitórias alcançadas e as oportunidades aproveitadas. O objetivo é acolher, acompanhar e discernir em vista da oportuna integração de cada um na vida da comunidade eclesial. O Papa Francisco

¹¹⁴ “Porém este protagonismo da família implica um intercâmbio entre a família e a Igreja: a família tem que abrir-se à ação pastoral da Igreja, e a Igreja, por sua vez, tem que se abrir à família. Só esta relação de harmonia e sintonia chega à corresponsabilidade. E só desde o protagonismo e a responsabilidade da família é possível chegar a um projeto de pastoral familiar” – Eugenio A. FRUTOS, *Matrimonio y Familia. Reflexión teológica y pastoral*, 250.

encoraja a um discernimento pessoal responsável e a uma pastoral dos casos particulares, inspirados na misericórdia.

Cada comunidade cristã deve ter a coragem para adaptar e inculturar a misericórdia de Deus no contexto que lhe é dado viver. Só fazendo esse caminho as famílias poderão sentir-se acolhidas e amadas, acompanhadas e orientadas para uma fidelidade possível.

3. Interpelação à disciplina de EMRC

Depois de escritos e publicações sobre este tema sempre atual e sempre em crise, pode-se questionar sobre o modo e a forma a utilizar na abordagem deste tema. *Será ainda pertinente falar dele? Continuará a estrutura familiar em crise ou poderá ser de oportunidade para adequar o contexto familiar à sociedade envolvente?*

Uma certeza há: nunca existiu uma reprodução linear da família, pois esta foi-se modificando com as mudanças que foram ocorrendo no seu interior e, conseqüentemente, no seu exterior. Apesar disso, queremos encontrar um olhar novo para o que nos é dado viver e nele descobrir uma abordagem harmonizada para que as próximas gerações sejam adultos maduros e emocionalmente equilibrados.

«A família é a “primeira comunidade educativa”, o “espaço privilegiado”, onde a criança é acolhida numa atmosfera de amor; onde realiza as primeiras experiências de socialização, de relação com os outros e faz as primeiras aquisições da coordenação dos movimentos, de integração no espaço, balbucia as primeiras palavras. O ambiente familiar dá à criança o clima afectivo acolhedor e atento que proporciona o incentivo, a segurança e o apoio para o desenvolvimento normal das

suas capacidades básicas e a apetência e disposição para a aquisição das diversas aprendizagens especializadas que vão ocupar a sua infância e juventude».¹¹⁵

O que é de constatar é que existe um desajuste entre a vida familiar dos alunos e a realidade apresentada pelo programa de EMRC desta disciplina. É bastante penoso apresentar ideais no que diz respeito à família, sabendo que a realidade, de muitos deles, é de uma confusão e desorganização, de divisão entre uma casa e outra, de ausência de algum dos pais. É importante que a escola ajude a crescer com a realidade que cada um vive, mas sem se diluir nisso, porque o importante é que saibam da existência de um ideal e que esse deveria ser a meta de cada ser humano que pensa em formar uma família.

“O conteúdo da educação moral que propõe é os valores evangélicos, base da realização da comunidade de homens livres, na justiça e na paz. Esses valores reconhecem, apoiam e desenvolvem todos os autênticos valores humanos. Os agentes dessa formação moral são todos aqueles que têm responsabilidades educativas, os pais, a escola, a Igreja. Ninguém pode ser indiferente ao progresso moral, ao seu, ao dos outros, ao de toda a sociedade”.¹¹⁶

Por considerar que o importante é apresentar o ideal, é notório a falta de ponte entre o real e o ilusório, como também a dificuldade dos alunos compreenderem quais os aspetos a ter em conta para um futuro sustentável na sociedade e na relação com o Outro.

Temos para todos o mesmo discurso, mas só para alguns essa mensagem faz sentido ou lhes é relevante no presente das suas vidas. *Como chegar à maioria? Como ajudar a que cresçam conscientes de que precisam de saber o que não vivem para poderem viver o que não conhecem?*

¹¹⁵ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, Óbidos, Editora Rei dos Livros, 28.

¹¹⁶ O. G. MORGADINHO, *Educação: Família e Escola*, 23.

A possibilidade de tornar a disciplina de EMRC válida para a vida real e credível para os tempos que se vivem, é fazer com que se construa a ponte entre o ilusório/ideal e o vivencial/real. É importante que essa construção permita a ligação entre alguns pontos acessíveis e que se consiga chegar de um lado ao outro com facilidade, através da linguagem que usamos e com as atividades que possamos propor. É nosso dever, como educadores, criar a possibilidade de clarificar o pensamento dos alunos para que, de modo pacífico, sem revolta interior, possam encontrar caminho de conformidade entre o que experienciam e o que optam viver no futuro. Para isso, é imprescindível conhecê-los, a eles e às suas histórias; ajudá-los a interpretar as suas vivências e a conferir-lhes significado, apontando sempre para o ideal. Só deste modo poderão ganhar algum protagonismo familiar, na medida em que forem capazes de enriquecer o seu contexto familiar, com algum contributo pessoal. Aprenderão a olhar a realidade como parte integrante do que são e a desejar acrescentar alguns aspetos.

É convicção de que a educação é o instrumento mais eficaz para ajudar neste crescimento interior, pois é através de um acompanhamento sistemático e sistémico (vivido em comunidade escolar) que os alunos poderão tornar-se capazes de partilhar o melhor que possuem e que são chamados a ser. Mudarão as estruturas familiares, apesar de continuadas alterações, mas a ideia de família continuará a ser presença constante na vida das pessoas, pois é nela que somos chamados a crescer.

A reflexão sobre o tema apresentado continuará através dos questionários elaborados a pais e filhos sobre alguns aspetos importantes em família; algumas entrevistas realizadas a jovens adultos com contextos familiares diversos e uma proposta pedagógica a desenvolver para enriquecer o programa de EMRC do 5.º ano de escolaridade.

III CAPÍTULO – Resultados e conclusões

Este relatório tem vindo a apresentar o trabalho realizado na PES e a planificação desenvolvida em contexto de sala de aula, assim como uma breve reflexão sobre o tema da família.

Esta último capítulo pretende realizar um paralelo entre a realidade da família e o seu ideal e, por essa razão, fizeram-se entrevistas e questionários *online*.

1. Inquéritos

Estes inquéritos pretendiam ser “um instrumento para recolha de dados constituído por um conjunto mais ou menos amplo de perguntas e questões que se consideram relevantes de acordo com as características e dimensão do que se deseja observar”.¹¹⁷ Sabe-se que é um “dos mais usados instrumentos de recolha de informação. Quando bem construído, permite a recolha de dados fiáveis e razoavelmente válidos de forma simples e atempadamente”.¹¹⁸

A partir do que foi transmitido na disciplina de Metodologias de Investigação em Educação, sabemos que “o Inquérito pode ser definido como uma interrogação particular acerca de uma situação, englobando indivíduos, com o objetivo de generalizar.”¹¹⁹

¹¹⁷ A. Hoz, *Investigacion Educativa: Dicionário Ciências da Educação*, Ediciones Anaya S. A., Madrid, 1985, 58.

¹¹⁸ G. ANDERSON. Nancy ARSENAULT, *Fundamentals of Educational Research*, Falmer Press Teachers, London, 1999, 170.

¹¹⁹ R. GHIGLIONE. B. MATALON, *O Inquérito: Teoria e Prática*, Celta Editora, Oeiras, 2001⁴, 7-8.

Realizar um inquérito, seja por questionário ou entrevista, a uma determinada população é destacar parte de um problema, questão ou hipótese para apresentar o seu estudo sobre a incidência, a distribuição e as relações entre variáveis. Foi este trabalho que tentei realizar com estes inquéritos.

1.1. Questionário

O questionário, tanto dos alunos como dos pais, foi realizado *online* de modo a não ser possível identificar cada uma das respostas apresentadas. Com os alunos, conseguiu-se recolher cerca de 76 respostas.¹²⁰ Com os pais e/ou EE foram 50 respostas.¹²¹

1.1.1. Filhos

O esquema do questionário foi feito com alguma antecedência, mas não foi feito como deveria ter sido e, por isso, nalgumas questões, as respostas não apresentavam todas as possibilidades referidas, o que gerou alguma confusão.

¹²⁰ Questionário *online* para os filhos:
<https://docs.google.com/forms/d/1-Nnd3AHRglO9-092TVk3ZU946MfBfj8raGGilRusoXM/edit>

¹²¹ Questionário *online* para os pais/EE:
<https://docs.google.com/forms/d/1NaYnLgFEJm3Q2GhaE8GcsL2RwwbpQLCFDgpupK53Cw4/edit#respon ses>

| Conceito | Categoria/ Dimensão | Subcategoria | Indicadores | Questões | O que pretendo com cada questão? |
|--|------------------------|-------------------|---------------------------------------|---|--|
| <p>TEMA Família</p> <p>PERGUNTA DE PARTIDA Em que medida os pais influenciam nas escolhas dos seus filhos?</p> | Contexto familiar | Ambiente familiar | | Quantos anos tens? | Compreender a maturidade das respostas dadas. |
| | | | Constituição | Com quem vives? | Perceber a estrutura familiar que pode influenciar em algumas respostas. |
| | | | Nível de instrução dos adultos | Qual a profissão dos teus pais? | Compreender a influência na educação e nos horizontes dos filhos. |
| | | | Situação profissional | Estão ambos empregados? | Entender se o ambiente familiar é difícil ou fácil, consoante a situação presente dos pais e o nível económico da família. |
| | | | Rotina familiar | Quais os tempos em que se encontram em família? | Entender se o tempo em família é valorizado. |
| | | | | Se tivesses uma tarde livre para estar com os teus pais, que farias? | Saber quais as escolhas e vontades na vida familiar. |
| | | | | Refere valores que vives no ambiente familiar? Quais os valores que sentes que estão em falta? Perdão, compreensão, acolhimento, amizade, respeito, autoridade, solidariedade, tolerância, paz, amor, confiança, verdade, responsabilidade, educação, escuta, colaboração, união. | Compreender o que se sente que falta em casa, o que é mais valorizado pelos filhos. |
| | Contexto social | Tempo livre | Atividades extracurriculares e outras | Depois das aulas estás inserido em alguma atividade extracurricular? | Conhecer os tempos livres que os próprios pais estabelecem para os filhos. |
| | | | | Participas em alguma atividade fora da escola? | Escolher os meus gostos. |
| | | | | O que fazes ao fim-de-semana? | Priorizar com ou sem os pais. |
| | | | | E em conjunto com a família? | Saber quais os tempos que são valorizados, comparar com as respostas anteriores. |
| | | | | Ajudam-te nas tuas dificuldades? | Compreender qual a proximidade familiar, o apoio, a segurança |
| | | | | Quem é a pessoa que mais te escuta? | |
| | | | | Quem é a pessoa que mais te ajuda nos trabalhos de casa? | |

O questionário foi realizado a crianças/adolescentes todos eles inscritos na disciplina de EMRC, com idades compreendidas entre os 9 e 15 anos, correspondendo à fase da pré-adolescência e adolescência, sendo a percentagem maioritária superior a 11 anos. Verificou-se que em 76 respostas, 44 dos adolescentes tinham idade superior a 11 anos – 57,8%; sendo 13 respostas – 17,1% com 10 e 11 anos; e 6 respostas a crianças com 9 anos – 7,9%.

Em 76 respostas, que correspondem a 76 famílias distintas, quisemos saber como seria o número de filhos por casal. O gráfico seguinte mostra essas percentagens.

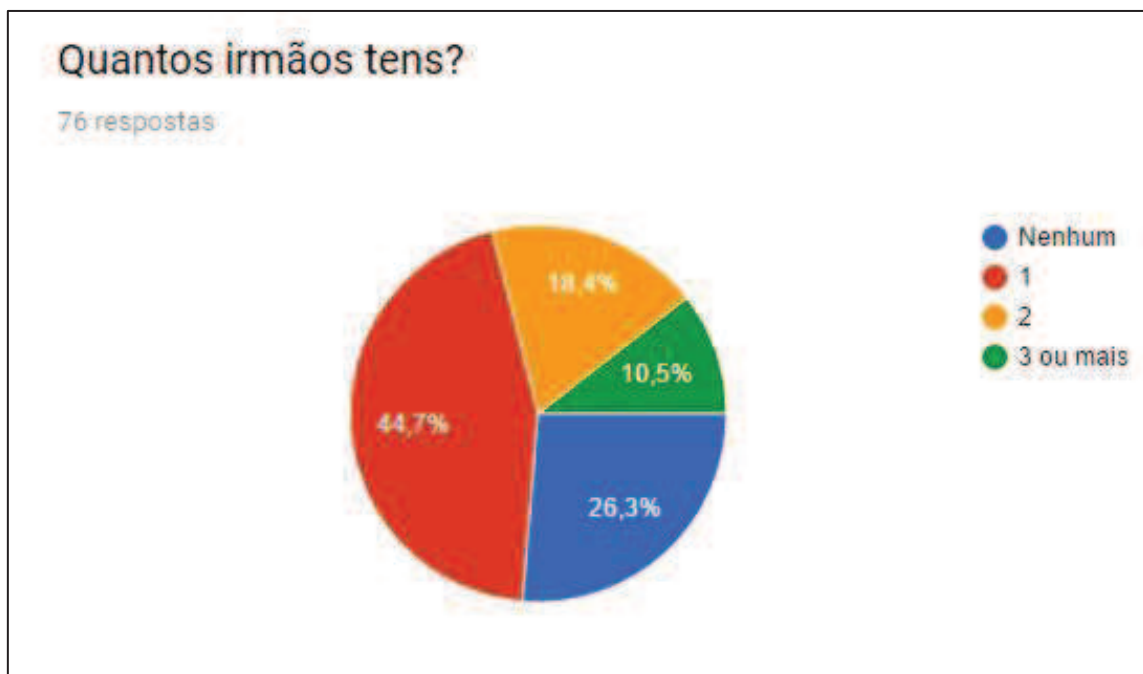


Gráfico 10

Sabendo que 44,7% correspondem a 34 respostas; 26,3% corresponde a 20 respostas; 18,4% a 14 e 10,5% a 8 respostas de alunos, podemos perceber que a percentagem é maior nas famílias com filho único. Confirma-se, mais uma vez, a questão do aumento da baixa de natalidade, havendo um maior número de família só com um filho.

Destes 44,7% de famílias de filho único (34 famílias), 18,4%, ou seja, 14 delas vivem com o pai e a mãe; 14,4% vivem só com o pai ou só com a mãe; 2,6% vive com os pais e os avós e 2,6% vivem numa família adotiva. A restante percentagem de famílias com mais de um filho (59,2%) dividem-se em três parcelas diferentes: aqueles que vivem com os pais e os irmãos (43,3%, correspondendo a 33 famílias); aqueles que vivem com os pais, irmãos e os avós (15,8%, correspondendo a 12 famílias) e 2,6% que habitam com a mãe e o irmão (2 famílias).

Relativamente à sua carga semanal de atividades, todos eles (76 alunos) praticam algum desporto fora da escola, sendo que 16 deles fazem mais do que uma modalidade. Para além deste desporto, a maioria frequenta outro grupo/atividade na escola. Apenas 8 não participam na escola e em nenhuma outra atividade extraletiva.

Quando perguntamos pela *ocupação dos pais*, foi muito variado o leque de profissões, relativamente a exercerem alguma profissão na atualidade. 85,5% têm ambos os progenitores empregados, enquanto as restantes famílias têm apenas um (14,5%, ou seja, 11 famílias).

Quando lhes foi perguntado *qual o adulto mais presente*, que está mais tempo em casa, 40 alunos responderam que é a mãe (52,6%), 15 disseram que são os avós (19,7%), 14 disseram que é o pai (18,4%), 6 alunos responderam que ambos estão presentes – pai e mãe – em igual tempo (7,8%) e apenas 2 alunos referiram a irmã como a pessoa mais presente em casa (2,6%).

Quando à presença significativa do adulto: Quais as pessoas da família com quem partilhas as dificuldades e alegrias? 58 alunos responderam que a mãe é a pessoa com quem têm mais facilidade em partilhar a sua vida (76,3%), seguida do pai (44,7%) e depois dos irmãos (31,6%), sendo os avós a última referência explícita (13,2%). Podemos observar no gráfico seguinte:

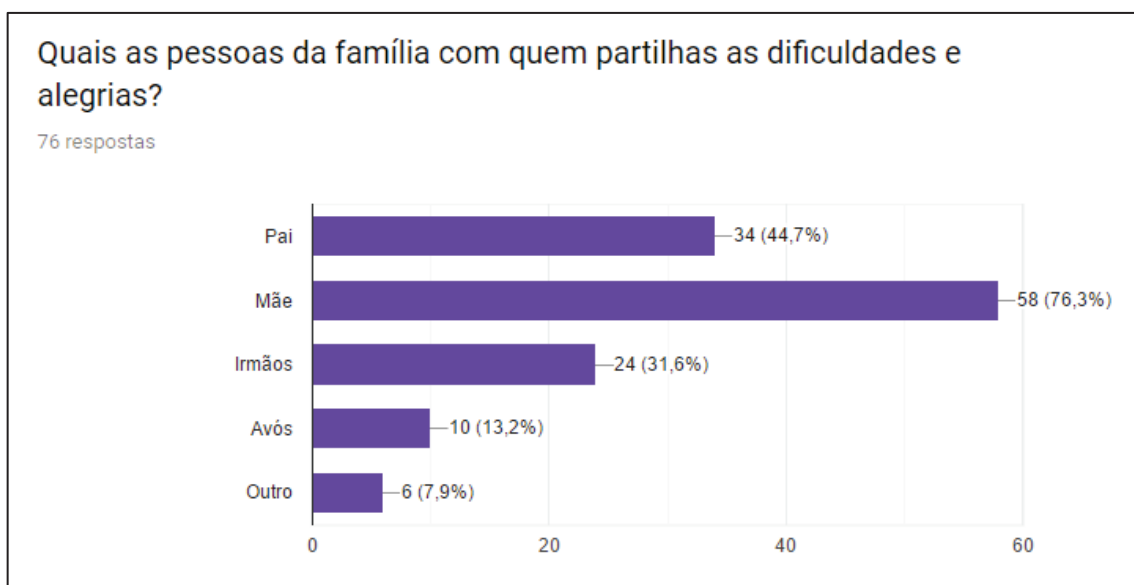


Gráfico 11

Para compreender se tinham a família como ponto de referência para os assuntos importantes, perguntámos *com quem mais têm facilidade em falar*. Para esta resposta a maioria frisou a família como elemento facilitador do diálogo (57,8%, correspondendo a 44 famílias), de seguida os amigos como agentes aptos para a partilha de vida (46% correspondendo a 35 famílias), sendo que 3,9% afirma não precisar de ninguém para falar (3 alunos).

Uma das perguntas do questionário foi sobre a importância de ter alguém que escute e as percentagens apresentaram, de modo explícito, o mesmo resultado. O papel da mãe evidenciou-se com a maioria de 40 respostas. Os irmãos aparecem com 10,5%, 8 respostas, enquanto se apresenta 2,6%, correspondendo a 2 casos onde os adolescentes contam com o avô.



Gráfico 12

Outra questão foi: *Como preenches o teu tempo livre? Apesar das atividades e da escola, sobram algumas horas. Como é que os alunos as preenchem? Com quem preenchem esse tempo de fim-de-semana?*

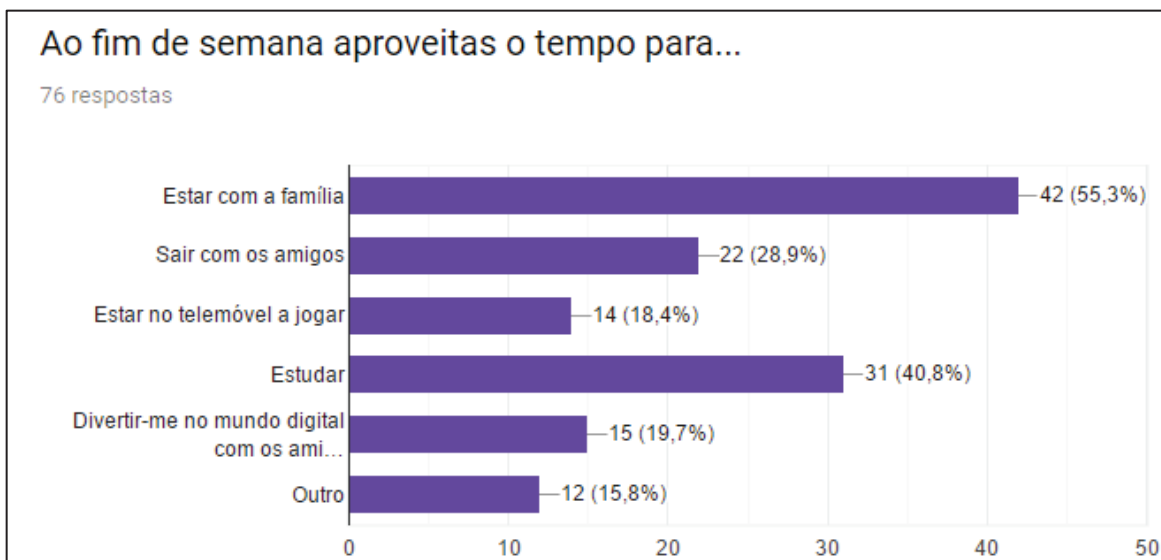


Gráfico 13

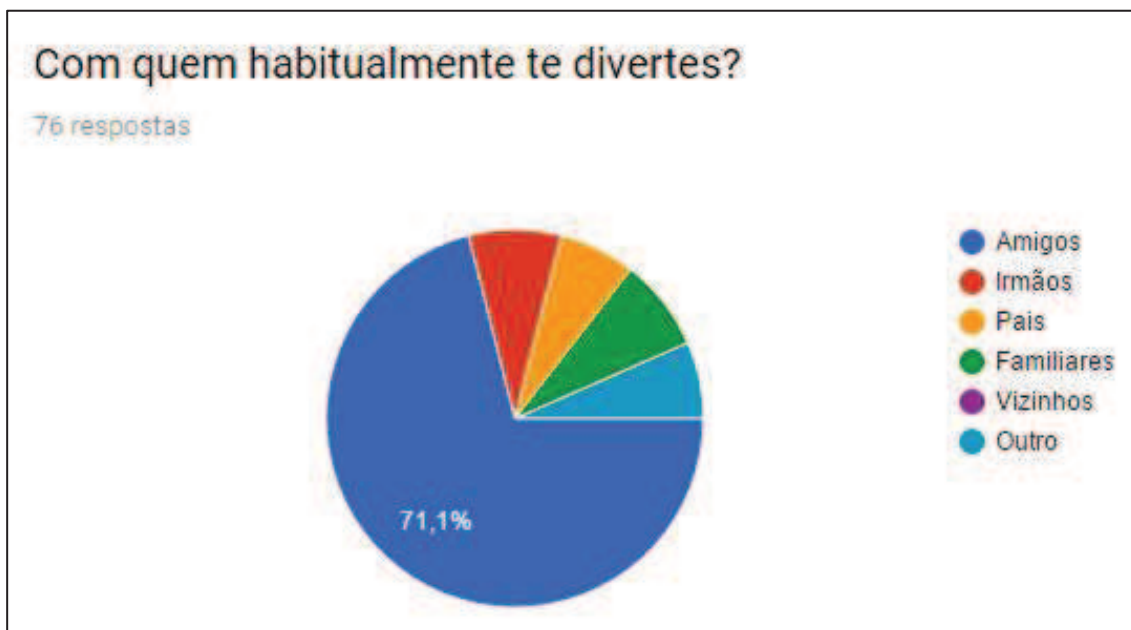


Gráfico 14

Quando se pergunta *quem é a pessoa que te conhece melhor*, as respostas mantêm-se na correspondência certa: a mãe é aquela que ouve, com quem se partilha com mais facilidade e quem conhece melhor os seus filhos.



Gráfico 15

Constatamos que apesar da relação positiva com a família, existirão sempre assuntos em que os filhos terão dificuldade em abordar com os seus pais.

Compreendemos isso neste gráfico seguinte:

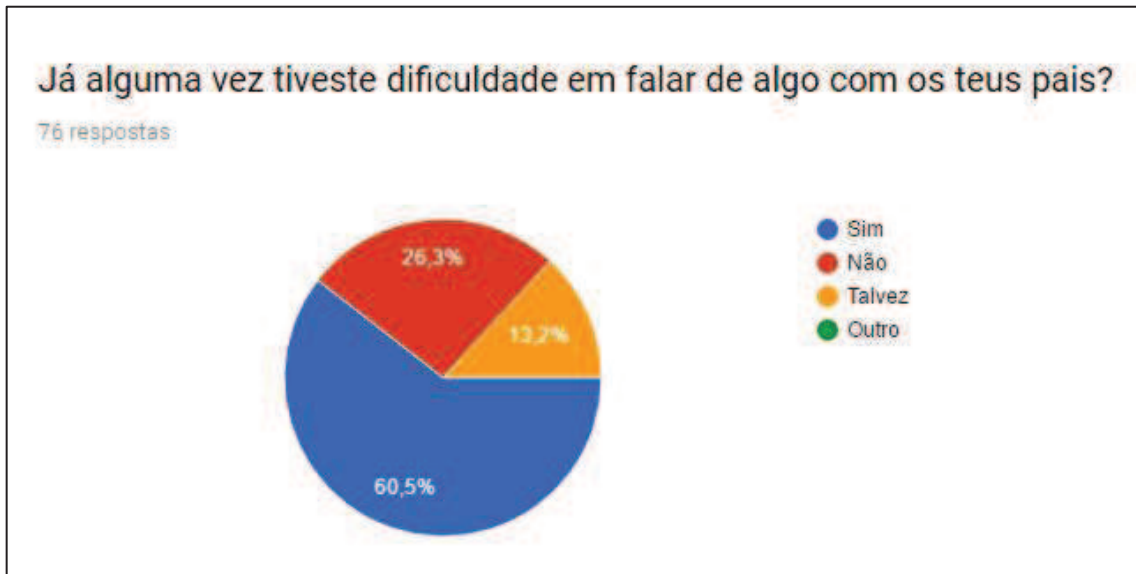


Gráfico 16

Diante do que a família transmite aos filhos, existem sempre saídas completamente dispares relativamente ao proceder dos filhos. O que fazem eles com aquilo que aprendem em casa?

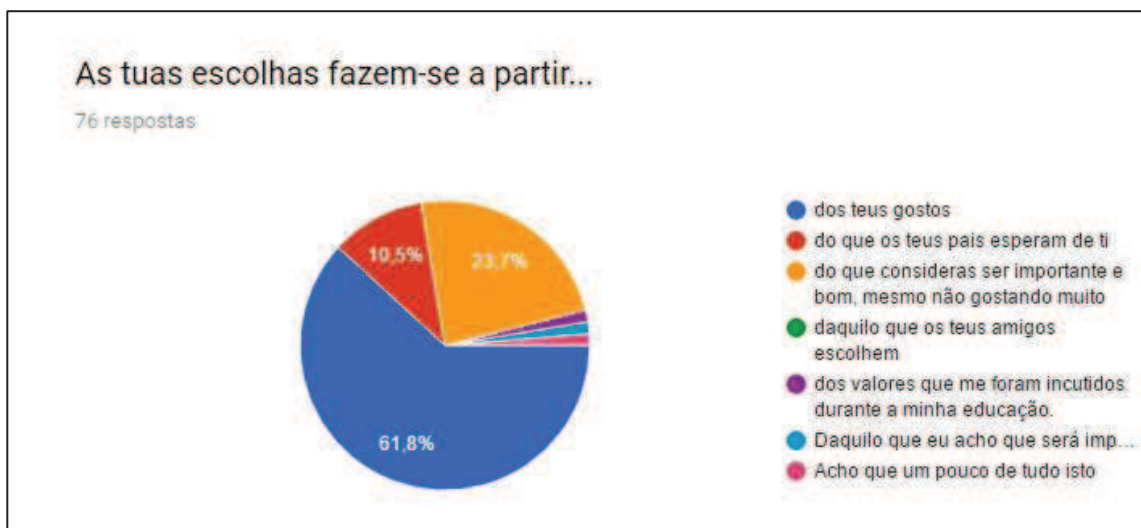


Gráfico 17

Quando se pergunta: *o que mudariam na família?*, respondem um leque muito variado de respostas, entre as quais: 11 que gostariam de ver a família mais unida, sem tanto stress e discussões; 10 não mudariam nada no ambiente familiar onde vivem; 8

salientaram o facto de que gostariam de viver mais perto da restante família e 6 afirmaram que gostariam de passar mais tempo com a família, nomeadamente com o pai. Fizeram também referência à presença dos avós como pessoas que, se estivessem mais lúcidas, com menos idade, poderiam ainda estar junto deles.

Houve ainda outra questão sobre *o que sentem em relação ao amor dos pais* por eles. Responderam assim:

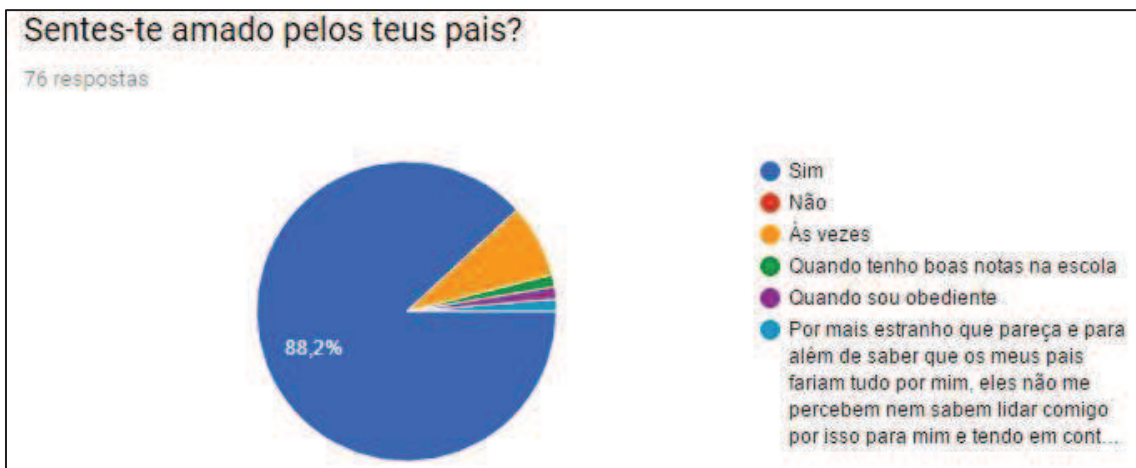


Gráfico 18



Gráfico 19

Sabem que são os pais aqueles que os amam e os acompanham nas decisões a tomar, porém, parece haver alguma não concordância comportamental com a educação recebida.

Evidenciam alguma insegurança relativamente ao que recebem e, por isso, querem ser construtores das suas próprias escolhas e princípios.

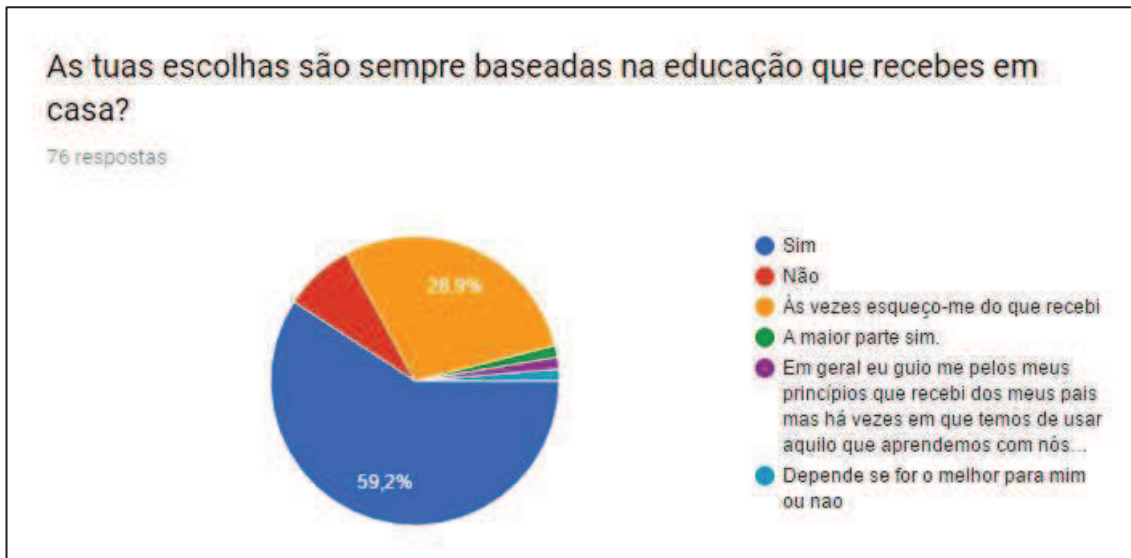


Gráfico 20

Podemos constatar que os filhos deste tempo consideram o amor como o valor mais importante a ser transmitido, assim como olham para este mesmo amor como caminho para as escolhas que devem tomar na sua vida.



Gráfico 21

1.1.2. Pais

Das 50 respostas conseguidas por parte dos pais e/ou EE, a maioria (ou seja, 34 das pessoas que responderam, corresponde a 68%) encontra-se na fase dos 40-50 anos de idade.

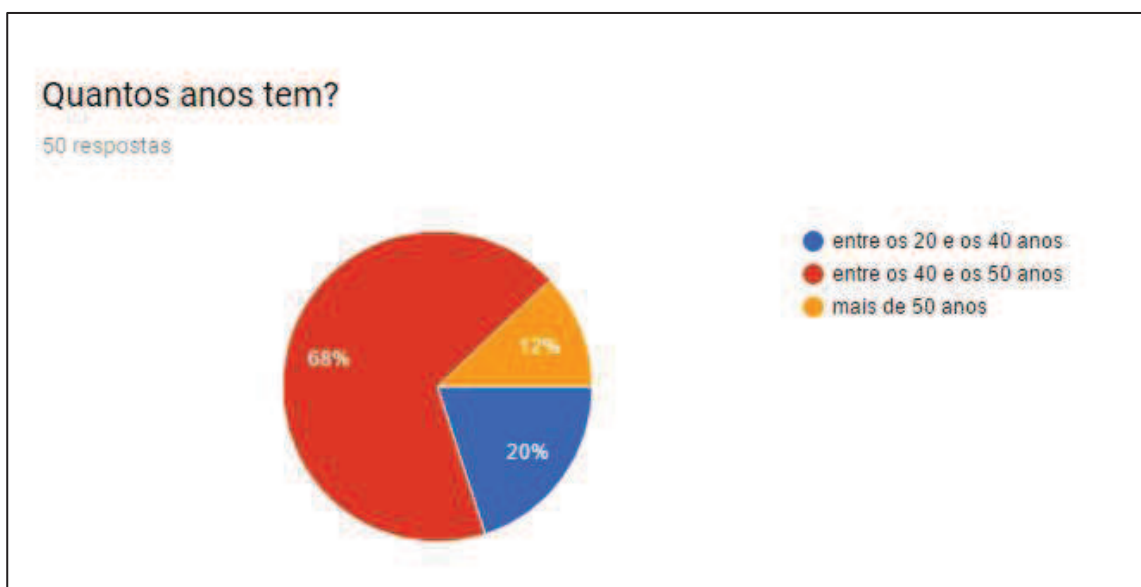


Gráfico 22

A maioria, 89,1%, ou seja, 41 pessoas que respondeu ao questionário, é mãe de família.

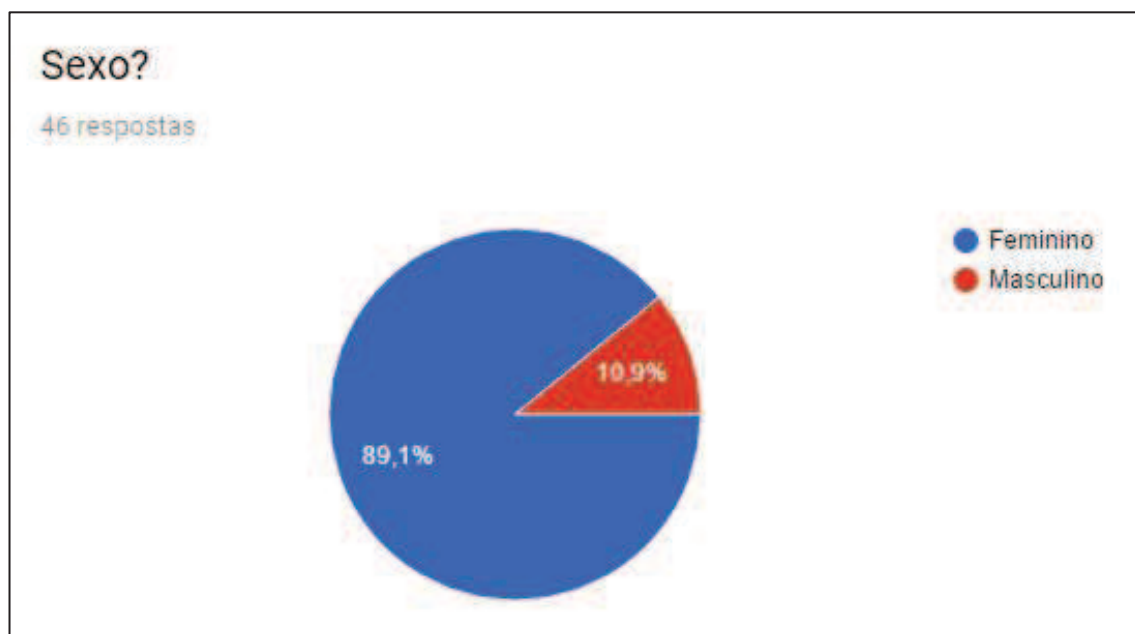


Gráfico 23

Quando lhes foi perguntado em relação ao *tempo que estão em casa*, o gráfico referiu, como no dos alunos, que a pessoa mais presente é a mãe, porém 34% dos casos, ou seja 17 famílias, responderam que ambos estão presentes.

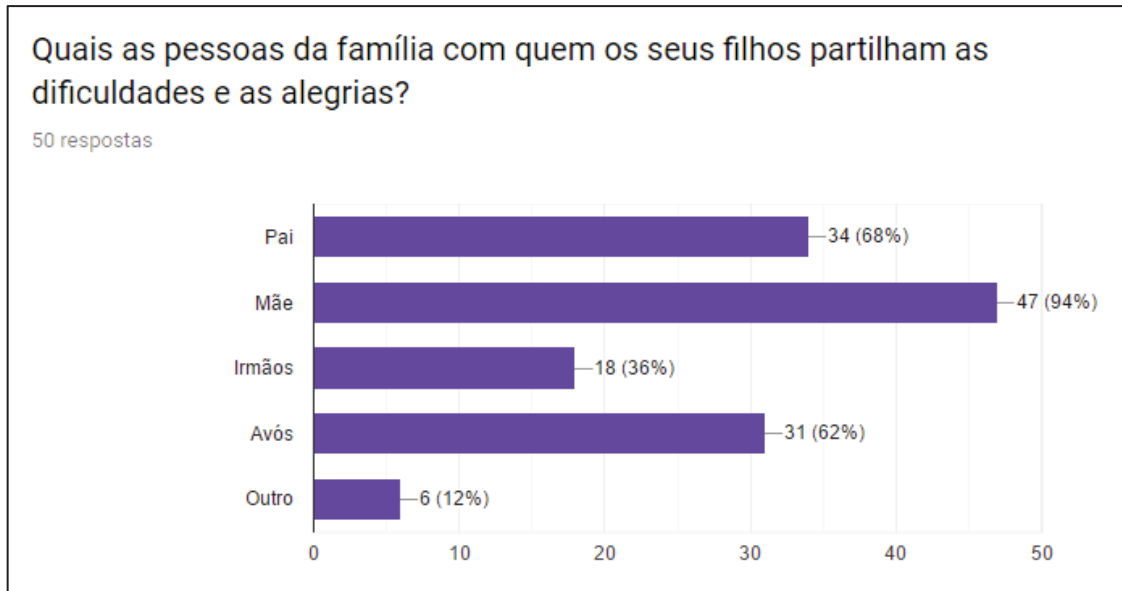


Gráfico 24

O gráfico anterior regista que é a mãe a pessoa com quem os filhos mais partilham as suas dificuldades e alegrias, com 94% dos pais a confirmá-lo. Regista-se uma igualdade no número de respostas dadas quando se fala da presença do pai como pessoa com quem partilham a vida (34).

Em relação à *abertura dos filhos com os pais*, o parecer de todos é que os filhos, na sua maioria, tem facilidade em comunicar: 54%, ou seja 27 das famílias, afirmam haver alguma abertura para o diálogo. Porém, percebe-se que não são sempre assim, por isso, na maior parte das vezes têm facilidade, 22% ou 11 das famílias; 18% refere que só às vezes existe essa facilidade e 6% ou 3 famílias, afirma serem algumas vezes provocados para conseguirem construir diálogo. Sabemos que a pré-disposição para o fazer também depende muito da idade dos filhos e da fase que estão a experienciar.

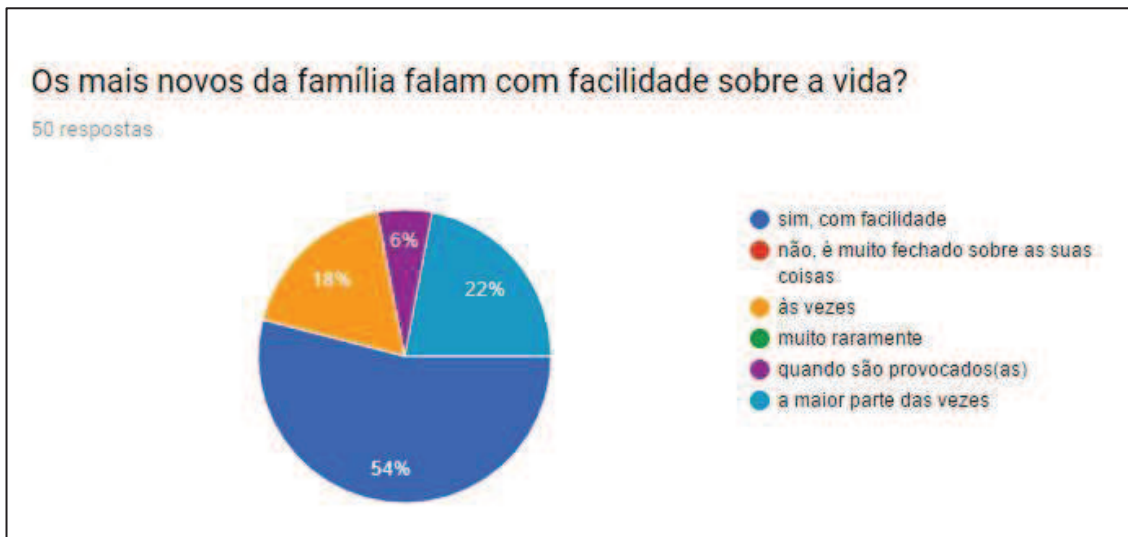


Gráfico 25

Relativamente à pessoa com mais tempo para escutar, os pais referem ser a mãe (62%, ou seja, 31 respostas em 50); 20% é o pai e a mãe, 10 respostas; 8% é o pai, correspondendo a 4 respostas; os avós são referidos com uma percentagem de 6, correspondente a 3 casos. Sendo também referido, com uma percentagem bem menor, que os irmãos e os próprios filhos são os que têm mais tempo para escutar.

Os pais dizem que o que mais ensinam aos filhos é a saberem respeitar os outros (12 pessoas), a serem verdadeiros (5 pessoas), a serem educados e solidários (4 pessoas), a serem amigos e gratos (4 pessoas).

Refere-se em 90% das respostas que a pessoa que mais conhece os filhos é a mãe, sendo 45 pessoas a responder isso.

Em relação à dificuldade em falar com os filhos, as percentagens são um pouco diferentes entre o gráfico 16 e o gráfico 26. Considerando que os pais não sentem grande dificuldade em partilhar com os seus filhos, estes, pelo contrário, sentem alguma dificuldade como foi referido no gráfico 16. As respostas dadas pelos pais podem observar-se no gráfico seguinte:



Gráfico 26

Para os pais, o amor não depende de nenhuma condição exterior ou critério, por isso, 100% dos casos responde que ama os filhos, sempre, incondicionalmente.

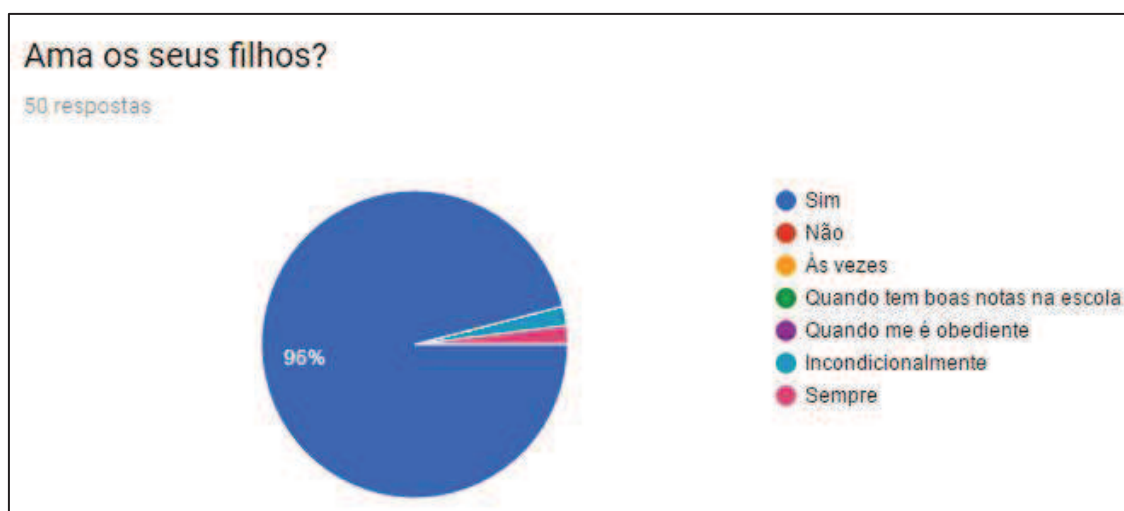


Gráfico 27

Quando se refere ao amor que se recebe reciprocamente, podemos perceber que é de fácil percepção.

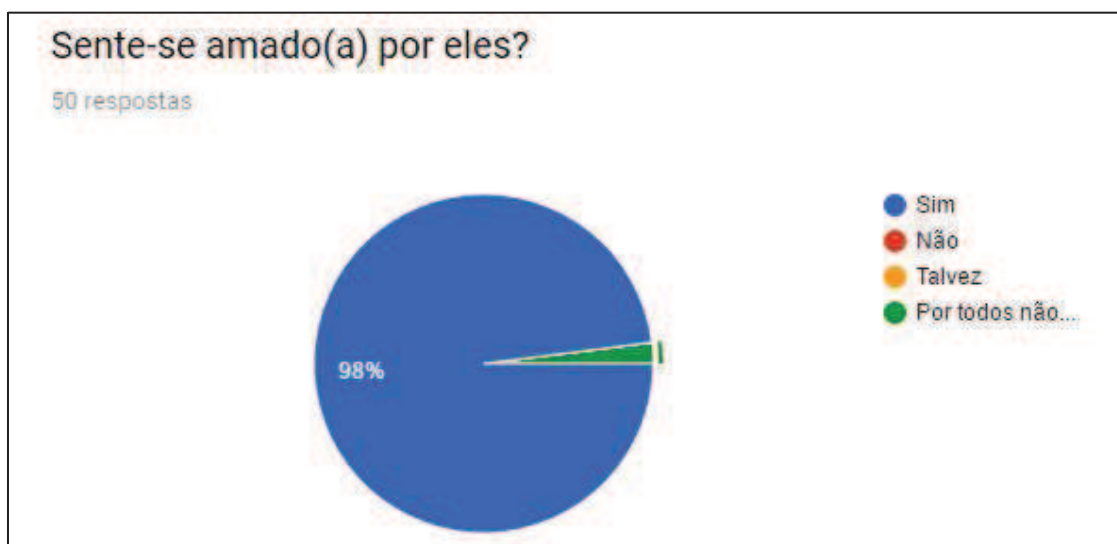


Gráfico 28

Quando se pergunta em relação às *peças que acompanham e ajudam os filhos nas decisões*, rapidamente se compreende que são os pais os maiores impulsionadores da vida e das exigências que vão surgindo na vida dos filhos. Podem sempre aparecer outras referências, mas os pais serão sempre os mais firmes e credíveis auxílios para os seus filhos, por mais contra testemunho que transmitam.

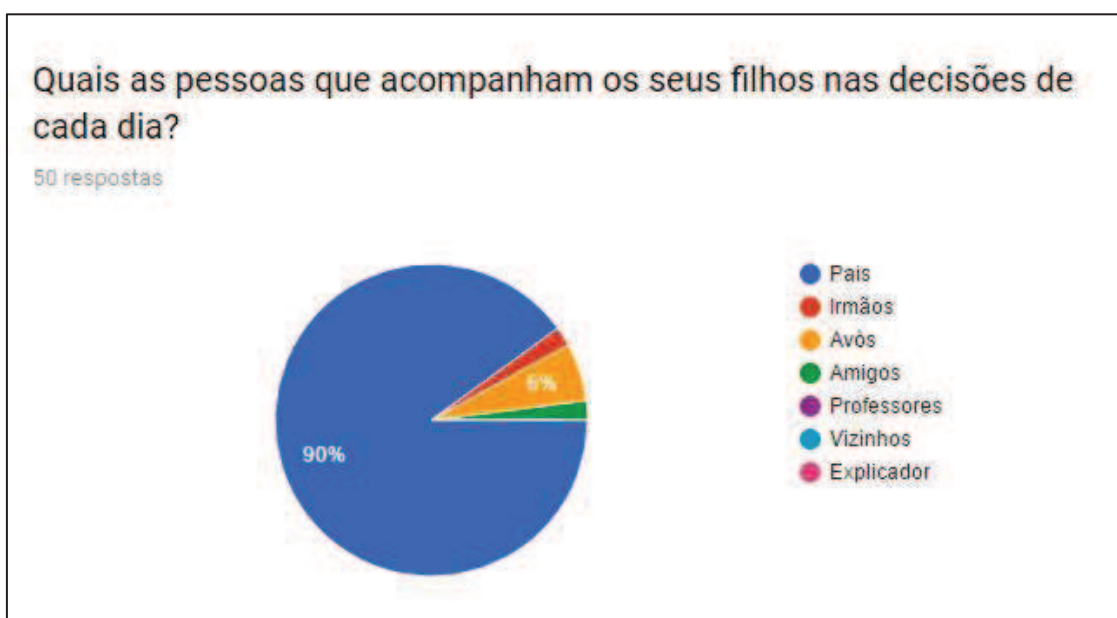


Gráfico 29

Será que os pais valorizam a educação que receberam e a transmitem ou preferem fazer de um modo novo a educação dos seus filhos, da sua nova família?

O gráfico seguinte mostra-nos como os pais ainda se agarram muito à educação que receberam, talvez porque é o único processo que conhecem.

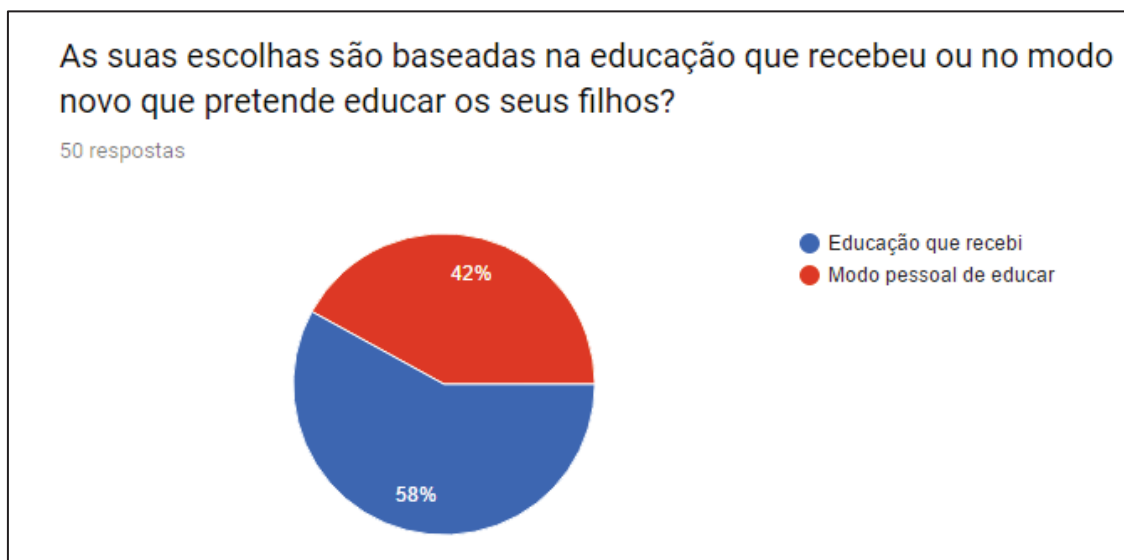
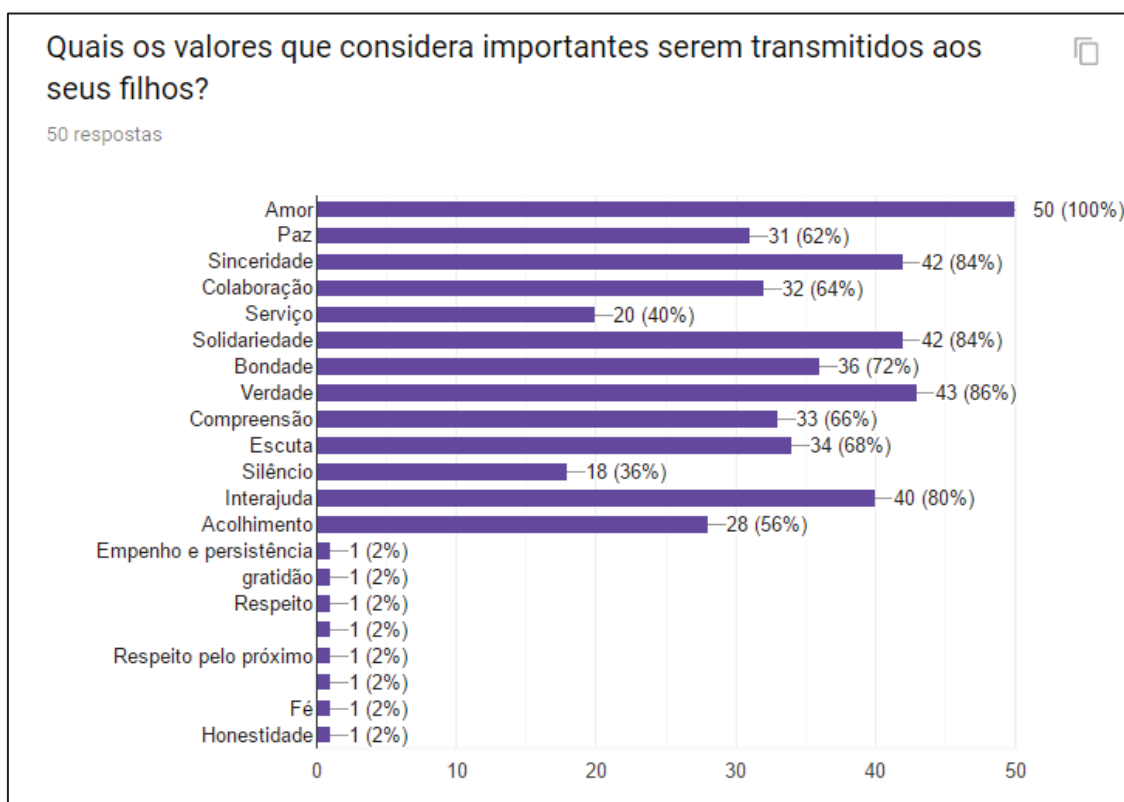


Gráfico 30

Quando lhes foi pedido que assinalassem os valores que consideram prioritários



para a educação dos seus filhos, todos responderam: o amor.

Gráfico 31

1.1.3. Conclusões

De acordo com o que se foi lendo e recebendo do contributo dos alunos e seus pais, observámos algumas concordâncias. Em ambos se verifica que a mãe é a figura mais presente e com quem mais se partilha a vida. É notório como o número de respostas dadas sobre a partilha com o pai são exatamente o mesmo, 34 pessoas – filhos e pais. Os pais consideram que a partilha é feita mais com os avós, enquanto que os filhos consideram serem os irmãos as pessoas mais presentes na sua vida para desabafar.

Quando se refere qual a pessoa de família com mais capacidade para escutar os filhos, estes respondem que é a mãe. Esta tem uma percentagem de 52,6, enquanto os pais consideram 62%. Os filhos acham que o pai é uma pessoa que escuta pouco (15,8%), mas os pais ainda acham menos (8%). Os filhos afirmam que os irmãos são mais bons ouvintes que os avós, os pais pensam diferente e colocam a maior percentagem nos avós.

Quando se trata de escolhas, os filhos dizem que os únicos aspetos a ter em conta são: os seus gostos (61,8%) e a importância que as coisas têm, mesmo não gostando muito (23,7%). Os pais dividem-se entre três diferentes pareceres: a importância que as coisas têm, mesmo não gostando corresponde a 58%, enquanto que os gostos dos filhos e os gostos pessoais surgem como segunda opção tendo 10% cada.

Os pais acham que amam os filhos sempre e incondicionalmente. Os filhos não pensam tanto assim e colocam a fasquia nos 88,2%. Faz lembrar uma frase de S. João Bosco: “Não basta que os ames, é preciso que eles sintam que são amados”.¹²² Também se torna importante nas relações estabelecidas entre pais e filhos haver estas demonstrações de amor que ajudam os mais novos a entendê-lo, apesar da ausência e do

¹²² Um dos objetivos de vida de S. João Bosco, fundador dos Salesianos, *A arte de Educar*, Edições Salesianas, Porto, 2013, 332.

pouco tempo com a família. É importante compreender que a qualidade que se dá ao tempo que se vive é bem mais valorizado do que o muito tempo gasto em coisas fúteis.

Quando se faz alusão ao *que se mudaria na própria família*, os filhos são unânimes no afirmar que é preciso mais união, menos discussões, menos stress. Os pais não concordaram com os filhos, frisaram de modo mais visível o não haver necessidade de mudar seja o que for na sua família. A segunda escolha é a necessidade de fazer mais atividades em conjunto, planejar mais passeios, mais tempo juntos. É curioso pensar que os pais pensam estar a fazer o melhor e não têm capacidade para admitir que falham e que muita coisa poderia ser diferente. Tentam ser os melhores pais do mundo, como é normal e humano. Porém, também se vai aprendendo que o crescimento desenvolve-se, muito, com a ajuda das experiências pessoais de cada um, logo os erros podem permitir adoptar posturas diferentes que, sem errar, não é possível viver.

Em relação aos valores que consideram ser mais importantes na educação e desenvolvimento familiar, os filhos, bem como os pais, colocam o amor no topo. Os outros valores vão divergindo. Só o acolhimento está ausente na escolha dos filhos, como atesta o quadro seguinte:

| Filhos (76 respostas) | Pais (50 respostas) |
|-----------------------|----------------------------------|
| Amor (73) | Amor (50) |
| Bondade (66) | Verdade (43) |
| Sinceridade (65) | Sinceridade e Solidariedade (42) |
| Verdade (62) | Interajuda (40) |
| Paz (61) | Bondade (36) |
| Solidariedade (59) | Escuta (34) |
| Interajuda (55) | Compreensão (33) |

| | |
|------------------|------------------|
| Escuta (54) | Colaboração (32) |
| Compreensão (52) | Paz (31) |
| Colaboração (32) | Acolhimento (28) |
| Serviço (23) | Serviço (20) |
| Silêncio (16) | Silêncio (18) |

Ao longo da PES apercebi-me claramente da dificuldade em apresentar o tema em sala de aula, precisamente por haver sempre alguém cuja harmonia familiar é mais sonho do que realidade. Quantos desejariam uma situação familiar diferente! A leitura dos questionários veio confirmar a certeza de que uma família só consegue sobreviver quando é alimentada pelo amor renovado cada dia, pelo respeito, pelo calor humano.

1.2. Entrevista

O esquema da entrevista realizada foi não-estruturada, ou seja, foi uma conversa aberta onde já estavam estipuladas algumas questões orientadoras, mas em modo narrativo. O facto de ser não-estruturada proporcionou a possibilidade de questionar e aprofundar os assuntos que pudessem brotar do diálogo que estava a ser construído.

O entrevistado dispunha da liberdade para poder orientar a conversa sobre o tema proposto, seguindo apenas algumas orientações. O objetivo era colocar o entrevistado numa posição confortável e num ambiente aberto, porque o assunto - sendo sobre a família - tornava-se muito delicado.

1.2.1. Jovens

Estando em contacto com os jovens por vocação, houve a oportunidade de escolher alguns que fui conhecendo e que poderiam ser de ajuda para este trabalho. As escolhas com base na idade, zona do país, ambiente familiar mais ou menos conhecido.

A estrutura, apresentada de seguida, permite compreender as questões orientadoras e a sua função e importância para o tema.

| Conceito | Categoria/ Dimensão | Subcategoria | Indicadores | Questões | O que pretendo com cada questão? |
|---|------------------------|---|--|---|---|
| TEMA Família PERGUNTA DE PARTIDA Em que medida os pais influenciam nas escolhas dos seus filhos? | Contexto familiar | Ambiente familiar | | Idade? | Compreender a maturidade das respostas dadas. |
| | | | Naturalidade | Onde moras? | Compreender o ambiente familiar. |
| | | | Constituição | Com quem moras? Quantos irmãos? | Entender a sua estrutura familiar. |
| | | | | Houve alterações na estrutura familiar, durante o teu crescimento? | Saber o que lhe marcou mais, positiva ou negativamente. |
| | | | | Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido? | Conhecer a estrutura da pessoa com as suas experiências do presente e do passado. |
| | Nível de instrução | O que fazes? Profissão? | Entender as motivações para o futuro e quais os horizontes que querem lançar. | | |
| | | O que fazem os teus pais? Que ocupação têm? | Compreender se o nível de educação dos pais, teve influência na educação dos filhos. | | |
| | Contexto familiar | Ambiente familiar | Processo de crescimento: infância, adolescência e juventude | Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor. | Compreender a pessoa e o seu ambiente familiar. O que foi apreendido como aspeto positivo e negativo como família e o que isso pode ter influenciado para o adulto do presente. |
| | | | | O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz? | |
| | | | | Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual? Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais. | Entender quais as escolhas que marcaram as suas opções ou que condicionaram. |

Entrevista n.º1

Idade: 22 anos

Naturalidade: Vila Nova de Gaia

Profissão: Explicador

Profissão dos teus pais: Mãe – Empregada de Supermercado

N.º de irmãos: 0

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

A minha família é constituída exclusivamente por mim e pela minha mãe e é assim desde que os meus pais se separaram quando tinha cerca de 9 anos. Acho que isso teve influência na pessoa que me tornei, mas, felizmente, sinto que reagi positivamente a esta adversidade da vida. Penso que tive de amadurecer mais rápido, não só para respeitar os sacrifícios que a minha mãe fazia por nós, mas também para ser-lhe de apoio e motivo de orgulho e nunca uma fonte de mais preocupações.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Tive uma infância feliz. Às vezes, lembro-me de pensar que os meus amigos tinham sorte por terem um pai presente nas vidas deles e isso permitir que eles fizessem muitos programas com os pais que eu também gostava de fazer. No entanto, com o tempo, fui percebendo que a vida é mesmo assim e que nem todos temos acesso às mesmas oportunidades e às mesmas experiências e que temos de escolher uma de duas consequências que decorrem disso: ou nos lamentamos, ou valorizamos o que temos de bom e aprendemos a viver com isso.

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

Sou feliz e não penso que tenha faltado algo na minha infância para eu ser mais feliz. Aceito o que Deus me dá e tento tirar o melhor possível de todas as situações da minha vida. Não gosto de me lamentar e de pensar como podia ter sido a minha vida,

prefiro usufruir ao máximo daquilo que me é dado e perceber que em todas as situações posso crescer e tornar-me melhor.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.

Considero que sou uma pessoa de ideias e ideais fixos, por isso, não é fácil ser influenciado pelos outros nas minhas decisões, pelo menos de uma forma direta, isto é, indiretamente é evidente que a minha mãe tem uma influência grande nas decisões que tenho tomado ao longo da minha vida, pois teve um papel fundamental na minha educação e, conseqüentemente, na pessoa que sou hoje. Contudo, não consigo particularizar duas decisões específicas em que ela tenha tido influência nas minhas decisões. Quanto ao meu pai, considero que ele não tem influência nenhuma na pessoa que sou hoje e nunca tomei nenhuma decisão influenciado por ele.

Entrevista N.º2

(foram apresentadas as mesmas questões orientadoras, mas depois deixei que o jovem falasse livremente)

Idade: 27

Zona do país: Setúbal

Profissão: Educadora de Infância

Profissão dos teus pais: Desconhecida

N.º de irmãos: 3

Idades: 23; 25; 34

A família é um dos pilares essenciais na formação pessoal de qualquer indivíduo. Pelo menos esta é uma verdade (ainda) preconizada na sociedade contemporânea. Também é uma verdade que as famílias são diferentes entre si, quer na sua constituição ou ao nível dos próprios valores. Há uns tempos, li um artigo que referia que em Portugal, ao longo do tempo, os padrões de família se têm tornado cada vez mais distintos. Claro está que este “estudo” pretendia ilustrar a evolução no

panorama familiar ao longo da história, sobretudo após a década de 70. Mantém-se, no entanto, a constante de que cada família é diferente, é singular.

Pertenço a uma família biológica cuja designação mais aceite atualmente é a de família destruturada. De facto, nem sei bem se deva dizer que pertenço a esta família, uma vez que não me sinto parte dela, nem sinto que nenhum indivíduo que a constitui me pertence, excetuando os meus irmãos. Assim, esta família biológica é constituída por dois progenitores que não tenho memória de terem sido um casal. Contudo, durante algum tempo foram-no, visto que desta relação se originaram quatro vidas. As memórias que tenho refletem um cenário onde quatro crianças tentavam sobreviver diariamente, muitas vezes orientadas pelo irmão mais velho. Não tínhamos casa. Dormíamos em carros velhos, em bancos de jardim, em becos de rua. Algumas noites, felizmente a maior parte, eram passadas numa casa que pertencia à minha avó biológica materna, num bairro de habitações sociais. Refletem ainda dois progenitores que nada se importavam com os filhos ou sequer se lembravam deles. É certo que a minha mãe biológica era uma presença mais constante, contrariamente ao pai biológico que, de vez a vez, resolvia aparecer. Sempre que os dois se encontravam agrediam-se verbal e fisicamente. No entanto, é justo referir que também estes dois seres foram fruto de negligência por parte dos seus próprios familiares. Até aos sete anos de idade este foi o meu mundo e, portanto, a minha infância.

Por esta altura, juntamente com as minhas irmãs, fui morar para uma instituição salesiana. O meu irmão também foi viver numa instituição para rapazes na cidade de Lisboa. Sei agora que era a vida a dar-nos uma oportunidade de fazermos e sermos diferentes de tudo o que conhecíamos. Esta foi uma mudança bastante radical na minha vida. E uma criança de sete anos não compreende ainda nada de oportunidades. Não tendo o meu irmão por perto, assumi o seu lugar junto das minhas irmãs, pois era a mais velha, e tentei protegê-las sempre de tudo. Não é simples nem fácil a vida em regime de internato. Existe muita revolta, muita angústia, muito medo, muito sentimento de injustiça. Mas existem muitas coisas boas, como as histórias que se conhece, as amizades que ficam, a oportunidade de conquistar uma vida. No colégio foram-me transmitidos muitos ensinamentos, valores e princípios que ainda hoje me acompanham e fazem de mim o que sou. Vivi nesta instituição durante mais de doze anos, altura em que saí e passei a viver a minha vida de forma independente. As minhas irmãs saíram antes de mim. Foram viver com famílias de acolhimentos, estas sim, as suas famílias de verdade.

A história da minha infância e adolescência, entre muitos outros aspetos, espelham uma família diferente e também ela singular. Jamais poderei afirmar que a minha família biológica em nada influencia a minha vida atual, antes pelo contrário. Porém, se escrevesse este testemunho há uns anos atrás certamente que diria que a história da minha infância e as atitudes dos meus progenitores têm um grande peso na pessoa que sou no presente. No entanto, hoje não o direi desta forma. Tudo o que vivi me conduziu ao que sou, é certo. Mas sinto que o meu passado tem cada vez menos influência no meu presente. A história da minha infância representa na minha vida apenas a dimensão exata do que foi e está arrumada no passado, tal como a minha família biológica. Ao longo de muitos anos, tomava decisões que mostrassem de forma transparente como eu era diferente desta família biológica, com receio que me pudesse tornar igual ou parecida com alguns destes membros. Ao fazer as pazes com o passado e com os elementos que dele fazem parte, este receio foi-se atenuando progressivamente. As minhas decisões passaram a ter outro foco e deixaram de se centrar no desamor dos meus progenitores.

A história da minha infância não é propriamente feliz. Faltou-me sentir o afeto e a presença dos meus pais, ao invés destes terem sido unicamente progenitores. No entanto, sempre me acompanhou o amor incondicional dos meus irmãos, com eles fui muito feliz. Quando fui para o colégio recebi uma educação, valores e também uma nova e enorme família, onde também vivi momentos muito felizes e conheci pessoas que me têm acompanhado desde então. Quando saí desta casa conheci algumas das pessoas que são o pilar fundamental na minha vida, o meu namorado e os pais dele. Juntamente com as minhas irmãs e com as pessoas que trago dos tempos do colégio, esta é a minha verdadeira família. Sentir-me em paz com o passado permitiu-me arrumar os escudos e ir deixando estas pessoas fazerem parte da minha vida e assim tornarmo-nos uma família. É curioso pensar que tal como a história da minha vida foi evoluindo, também o foi a minha família. A família que encontrei nos trilhos da vida continua a merecer ser adjectivada de única. Mas agora podemos acrescentar que é mais completa, mais unida, mais forte.

Acredito que na vida todos nós crescemos de formas diferentes, tal como cada família. Este foi o meu percurso pessoal e o crescimento da minha família. Como referi anteriormente, as atitudes da minha família biológica, muito pouca influência têm nas minhas ações presentes. Esta família não cresceu, apenas se dissolveu. No entanto, a minha família verdadeira, aquela que eu escolhi e escolho todos os dias, exerce uma

influência significativa nas minhas ações, sobretudo nas mais importantes. É frequente pedir-lhes a opinião. As experiências diferentes enriquecem as nossas atitudes. E uma família é, antes de mais, feita de pessoas com experiências distintas. Mais correto ainda, uma família é um lugar de crescimento, formado por pessoas únicas, com experiências distintas.

Entrevista N.º3

Idade: 32

Zona do país: Lisboa

Profissão: Enfermeira

Profissão dos teus pais: pai – construtor/pedreiro; mãe – empregada doméstica

N.º de irmãos: 2

Idades: 28 e 29

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

Na minha família houve alterações uma vez que os meus pais se separaram e passámos de uma família tradicional a uma família monoparental, pois a mãe assumiu todos os papéis na condução da família e educação dos filhos.

Certamente que teve alguma influência quer no conceito da figura paterna quer no desenrolar da educação e nas opções/experiências ao longo do tempo.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Considero a minha infância normal, descontraída, alegre, com diversas experiências positivas enquadrada num suporte de família alargada (avós, tios, primos) e caminho religioso (sempre com pares a enriquecer as vivências).

Momentos importantes foram esses onde se encontrava toda a família, passeios, brincadeiras com irmãos e primos, experiências de família na natureza, caminho de fé

em grupos juvenis. Mesmo depois da separação, essas situações continuaram a existir... vivências de festa, de encontro com família alargada e de caminho cristão. Muito da minha postura e dos meus gostos têm a ver com o que foi semeado durante o meu crescimento e com as opções que fui fazendo ao longo dos anos.

➤ **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

O que identifico com o que possa ter faltado na infância/adolescência foi talvez o acompanhamento do meu pai que, nas diversas situações da vida, foi sendo substituído de alguma forma por “outros alguéns” que se fizeram presentes, ajudaram e fizeram caminho comigo. Por essa razão, não sei se seria mais feliz atualmente ou não. Considero-me uma pessoa feliz.

➤ **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.

Considero que sim, em relação à minha fé, por exemplo, a minha mãe teve uma atitude muito interventiva e diretiva em algumas situações principalmente na fase da adolescência o que condicionou, claramente, nessa fase, as minhas escolhas.

Outro exemplo, parece-me mais discreto, e prende-se com o modo de gerir questões financeiras - poupadas e organizadas. Acho que apreendi isso com a minha mãe por gerir a casa com 3 filhos e um ordenado pequeno.

Entrevista N.º4

Idade: 20

Zona do país: Algarve

Profissão: Estudante

Profissão dos teus pais: Ambos advogados

N.º de irmãos: 2

Idades: 15 e 4 anos

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

Atualmente o meu agregado familiar sou eu, o meu irmão de 15 anos e a minha mãe. É assim há 13 anos, desde o divórcio dos meus pais. Sinceramente não sinto que isso tenha trazido uma grande influência a nível do meu desenvolvimento pessoal.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Em geral, a minha infância foi bastante feliz. Falando em momentos marcantes que contribuíram para o meu autoconhecimento acho que posso referir a apanha de alfarroba: acabava grande parte dos dias sentada nos ramos a ver o pôr do sol e a imaginar/contar histórias a mim própria, consigo perceber daí que sou uma pessoa bastante criativa mas também bastante curiosa uma vez que daí saiam sempre imensas perguntas sobre o que me rodeava. Outro momento marcante foi o dia em que comecei a aprender a ler. Desde sempre fui muito ligada aos livros e nesse dia fez-se um “click” ainda maior, percebi que aprender era mesmo algo que me fascinava.

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

Sinceramente nada.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.

Acho que não, até porque com 20 anos poucas foram as decisões importantes que tive que tomar, resumem-se praticamente a tirar a carta e escolher o curso/universidade que queria frequentar e quanto a isso tive toda a liberdade do mundo.

Entrevista N.º5

Idade: 24

Zona do país: Norte

Profissão: Estudante

Profissão dos teus pais: Agricultores

N.º de irmãos: 2

Idades: 20 e 28

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

A minha família é constituída por 5 elementos (pais e 3 filhos).

Houve alterações durante o crescimento por causa de várias situações que contribuíram seja negativa como positivamente; isto foi sem dúvida influência para a pessoa que sou hoje, para minha forma de encarar a vida. A nossa história é o resultado de tudo aquilo que vamos vivendo, é a soma dos vários episódios, como uma série com várias temporadas.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

A minha infância foi um período da minha vida em que vivi como pessoa mais crescida, porque as circunstâncias levaram a que a minha infância fosse um curto espaço de tempo.

Alguns momentos: a escola

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

Bem, eu agora sou feliz mesmo se algo não foi como eu gostaria, por isso, não sei se posso dizer que algo me tenha faltado, mas antes o que eu gostaria de ter tido e não tive: uns pais mais presentes no concreto da minha vida, nos meus sonhos, medos, etc.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Teve impacto na medida que foi moldando o meu carácter, a minha personalidade, a forma de estar diante dos problemas e o modo de ver a vida.

Entrevista N.º6

Idade: 33 anos

Zona do país: Norte

Profissão: Animador Sociocultural nas AAAF (Atividades de Animação e de Apoio à Família)

Profissão dos teus pais: Reformados

N.º de irmãos: 1

Idades: 30

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

A minha família foi sofrendo alterações ao longo do tempo que se foram repercutindo seriamente na construção da minha identidade, na forma como me fui relacionando com os outros e nas opções que fui tomando na minha vida. Assinalaria uma primeira fase até cerca dos 15 anos, em que a minha família nuclear era composta pelo meu pai, pela minha mãe e pela minha irmã. A esta família juntávamos como família alargada os meus avós e os meus tios.

Depois foram existindo sucessivas alterações significativas/ruturas ao longo dos dez 10 anos seguintes (ou pelo menos foi aí que tomei consciência disso), até que a minha família nuclear passou a ser apenas eu, a minha mãe e a minha irmã.

Anos mais tarde, pude voltar a ‘significar’ a família. Com o casamento, a família alterou-se novamente numa perspetiva de alargamento. Atualmente, a minha família nuclear é composta por mim, pela minha esposa e pelas minhas duas filhas e a família alargada é enorme (sogros, avós, primos, tios, mãe, irmã...)!

Quanto à influência que a família teve na minha personalidade, diria que ela colocou-me desafios distintos na minha vida, ao longo dos anos.

Habitualmente, quando somos pequenos e adultos também, tendemos a idealizar os nossos pais. Aparecem-nos como seres perfeitos. Desde cedo, percebi que isso não era verdade para mim. Apesar de a minha mãe tentar compensar a ausência do meu pai e de ser pai e mãe na forma como cuidava de nós, sinto que emocionalmente ficava muitas vezes dependente e não fomentava a nossa autonomia, estabilidade emocional, crescimento interior e pessoal. Esta área foi sendo compensada através do contacto com a casa salesiana onde tive modelos/exemplos que me ajudaram a trabalhar esta dimensão interior. Embora o carisma salesiano tenha uma forte expressão de ação/atividade, é uma ação centrada na Força do Espírito que se expande para o exterior, e não apenas um ativismo. Pela minha vivência pessoal e por esta consciência consegui captar com relativa facilidade este movimento dinâmico.

A dado momento, quando te tornas adulto/crestes tens tendência a replicar os teus modelos da infância, muitas vezes de uma forma inconsciente, mas os meus não eram o ideal, por isso tinha receio.

A experiência de contacto com uma nova família (a da Ariana) que, mais tarde me permitiu a reorganização da minha família atual, foi vivida inicialmente com alguma alegria, com espanto e com alguma estranheza. Lembro-me perfeitamente dos primeiros almoços de família em casa da avó da Ariana em que havia muita alegria, agitação, as pessoas falavam e discutiam temas atuais. As pessoas estavam sempre preocupadas em envolver-me, mas eu pensava muitas vezes: “Como vou discutir estes temas? Como vou introduzir-me? Será que posso dar a minha opinião?”. Não porque não tivesse opinião, mas porque esta era a minha bagagem – o medo e o conflito. Foram figuras centrais neste processo de mudança na representação da família, para além da minha esposa, o exemplo dos meus sogros e do seu relacionamento.

A perspetiva de vida dos meus sogros - talvez influenciada pelo facto de serem profissionais de educação e com uma grande caminhada de fé - centrada no investimento que devemos ter no nosso processo de evolução pessoal e não nos outros/sociedade, na forma como vivem e conduzem a sua vida, ajudou-me paulatinamente a libertar-me dos meus medos/receios/daquilo que sentia que me aprisionava e construir/aceitar viver outras formas de olhar o mundo, a minha vida e a da minha família.

O casamento trouxe um novo e mais feliz sentido de família. Construímos uma família linda, onde existe espaço para o crescimento/realização pessoal e isso é entendido e integrado num caminho a 5, discernindo o que é a realização pessoal e as necessidades de corresponder com os estereótipos sociais. Sentimo-nos afortunados pela forma como nós e Deus a temos conduzido e diria que muitas vezes ainda revemos as motivações que estão na base das nossas ações, para que sejam aquelas que se aproximam mais do nosso ideal.

Quando casamos assumimos perante Deus, viver um amor a 3. Hoje, já o vivemos a 5 e é fantástico! Fomos tendo várias influências, fomos procurando essas influências e referências de fé – diria que há em nós movimento de procura que nos conduz para uma dimensão diferente. Claro que, naturalmente, isto me afastou de algumas percepções/formas de estar na vida que hoje vejo que eram mais “pequeninas” (deixa-me passar a expressão...), que eram formas de escape e de validação social. Mas tenho um sentido claro que sou chamado para uma missão e que devo respeitar a forma dos outros pensarem, mas que não tenho de estar em determinadas realidades/situações com as quais não me identifico, que me vão criar tensão e nas quais estou consciente que não posso ajudar. Simplesmente, afastas-te e percebes que ali não está a tua missão.

Concluindo, as sucessivas reconstruções da minha família foram uma forma de crescimento pessoal, onde estou consciente que este caminho não se faz sozinho.

Hoje estou convicto que teorizamos muito sobre a “educação” e o ser “bem educado”, mas educar é muito mais do que o “o que tu fazes aos olhos e à frente dos outros”. É algo que se prepara num plano interior e muitos anos antes de qualquer criança nascer. É também por isto que gosto sempre, em qualquer criança com quem estou e respetiva família, de procurar algo de bom/positivo para lhe dirigir. As pessoas precisam essencialmente de outros que acreditem nelas, porque aí, aí elas sentem-se com mais força para voar/crescer.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Foi uma infância aparentemente feliz até aos 15 anos, altura em que comecei a perceber a fonte de conflitos da família e isso de alguma forma abalou-me e envolveu-me; incutindo em mim um sentido de medo e tristeza. Esta experiência teve em si um

lado enriquecedor, porque não só me permitiu reconhecer o que pode não ser tão positivo, como também despertou em mim um forte sentido de mudança interior. E hoje, depois de todo este processo, embora sinta alguma tristeza para com aquele menino que sofria, vejo os frutos de todo este caminho.

Identifico também a figura do meu avô como o único elo que me ligava a um sentido de família durante aqueles anos e os próximos. Diria que foi ele e a sua preocupação comigo que nunca me fizeram desistir da ideia que a minha vida poderia ser diferente.

➤ **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

Hoje percebo que a minha educação foi muito centrada na supressão dos cuidados básicos e no cumprimento de regras de convivência social. Na minha adolescência fui desenvolvendo a dimensão mais espiritual, com o apoio das irmãs salesianas, e talvez um pouco o aprofundamento do ser pessoa num crescimento mais emocional. Mas sinto que me faltou na família as ferramentas e as oportunidades/meios de crescimento emocional e pessoal (autonomia, confiança no mundo, experimentação de papéis...), talvez resultado dos desafios que o ambiente familiar colocou a todos e que se foram traduzindo nalguma indisponibilidade afetiva.

➤ **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Teve sim. De acordo com as fases que passei foi tendo um impacto diferente. Já teve como impacto o impedir-me de avançar com a minha vida, de sair de casa porque dependiam de mim financeiramente e de alguma forma sentia um “forte dever” de ajudar a resolver os problemas.

Hoje influencia na importância que o sentido de família, do qual me orgulho, tem para mim. Na forma como ele é palco e impulsionador para abraçar novos desafios e decisões cada vez mais arrojadas que me devolvem um sentido de realização pessoal do que não pude ou achava que não podia/devia fazer antes; sentindo ao mesmo tempo que a minha família nuclear atual está e vai-se fazendo presente nesse processo. É bom sentires quando as pessoas que estão ao teu lado te devolvem a ti próprio, o que tu és.

➤ **Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.**

Ter de ser trabalhar-estudante durante a realização do meu curso superior, pelo facto de na altura entender que tinha o “forte-dever” de ajudar a resolver o problema familiar;

Adiamento da saída de casa, para criar oportunidades de trabalho/construção de vida mais cedo, pelo facto de perceber que a minha mãe e a minha irmã precisavam de mim.

Entrevista N.º7

(foram apresentadas as mesmas questões orientadoras, mas depois deixei que o jovem falasse livremente)

“A infância é uma fase tão bela que uma parte de nós residirá sempre nela”. Penso que esta frase resume tudo o que vivi até hoje, pois sem dúvida que tive uma infância muito feliz e, por isso, um pouco de mim permanecerá eternamente nessa fase. Aos 21 anos, resido no Porto com a minha família que é constituída por mim, os meus pais e a minha irmã de 11 anos, mas nem sempre foi assim.

Aos 9 anos tive a maior alteração da minha infância, o nascimento da minha irmã. Este foi algo muito desejado não só pelos meus pais, mas também por mim e creio que me tornei uma pessoa mais responsável, protetora e amiga do outro pois cresci e como sempre desejei ter um irmão, sempre a protegi e passei a pensar nas minhas atitudes como se as fosse ter com ela.

Ao longo da minha vida a minha família sempre me deu muita liberdade e me deixou escolher o que queria fazer em relação ao meu presente e futuro (escolas que frequentava, pessoas com que me relaciono, forma de vestir, hobbies, entre outros aspetos) e, apesar de muitos pais procurarem que os seus filhos sigam as suas pisadas no que diz respeito à profissão, os meus nunca procuraram fazê-lo, pois a minha mãe é Técnica de Contabilidade e o meu pai Eletricista-Auto o que nada tem a ver com o que pretendo fazer no meu futuro: ser Educadora de Infância.

Assim, creio que a única decisão que tomei influenciada pelos meus pais foi em relação à religião, pois batizaram-me e andei numa escola de irmãs e, inevitavelmente, fui vivendo a minha vida enquanto criança neste registo. Apesar de nessa altura ainda não ter consciência do que realmente queria “seguir” no caminho da religião, ao longo do tempo fui crescendo e tomando consciência que era ali que pertencia e agora sou muito feliz graças a isso, sou catequista e animadora num Grupo de Jovens!

Ao olhar para trás e fazendo o balanço de tudo aquilo que já vivi, creio que ao longo da minha vida sempre tive tudo o que precisei para viver bem e feliz. Sempre fui rodeada de muito amor, de uma educação rigorosa e ao mesmo tempo de uma liberdade que sempre me fez ter muita responsabilidade e nunca desiludir quem me deu e de valores e aprendizagens que estimo e pretendo passar aos que me rodeiam. Agora, com 21 anos, sou estudante de Educação Básica e posso dizer que sou muito feliz e que isso se deve a nunca me ter faltado nada em nenhuma fase da minha vida. Concluindo, espero, no meu futuro, poder proporcionar às crianças que me rodearão uma infância tão ou mais feliz que a minha e que também elas possam, mais tarde, recordá-la como uma das melhores e mais felizes fases das suas vidas!

Entrevista N.º8

Idade: 22

Zona do país: Norte

Profissão: Estudante

Profissão dos teus pais: Contabilista/Empresário

N.º de irmãos: 1

Idades: 15

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

Família constituída por 4 elementos: pais e irmão.

Vivi 7 anos como filha única, tempos que só me recordo vagamente. Após o nascimento do meu irmão a minha família manteve-se com 4 elementos. Uma família alicerçada no amor, na consistência e na confiança tornou-me quem sou hoje. Na família se baseiam os meus valores.

Apesar de tempos conturbados, todos os obstáculos foram ultrapassados.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Fui uma criança feliz, rodeada de primos (como irmãos). Crescer rodeada de amor ajudou-me a saber hoje ver o lado bom no caos, a saber o valor dos amigos e a procurar em toda a gente o seu melhor. Sou acérrima defensora de que toda a gente tem um dom à espera de ser descoberto.

Tenho em mim, que apesar dos pesares e das voltas do mundo, tenho na família (também na alargada) um sítio onde voltar.

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

A perda precoce dos meus avós, sinto falta dessa parte da família alargada. Dos conselhos e dos abraços.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.

A minha família está, esteve e estará como base das principais decisões da minha vida.

Tanto a minha escolha de escola secundária, baseada na vivência da minha mãe como o apoio em todo o meu percurso académico. Foram decisões pensadas por mim mas estudadas e decididas em família.

Entrevista N.º9

Idade: 27 anos

Zona do país: Lisboa

Profissão: Advogada

Profissão dos pais: Pai – Fotógrafo; Mãe - Doméstica

Números de irmãos: 2 irmãos

Idades: 34 e 33 anos

- **Como é constituída a tua família? Houve alterações durante o teu crescimento? Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste? Em que sentido?**

A nossa família era constituída pelos pais e 3 filhos. O pai trabalhava no comércio local e a mãe como era doméstica ficava em casa a tratar da roupa, refeições e tudo no resto.

Não me lembro de ter havido alterações durante a minha infância, havia estabilidade e acima de tudo muita moderação e ponderação nas decisões que os pais tinham que tomar, e nós assistíamos a esse equilíbrio. Acredito sim, que hoje em dia sou uma pessoa ponderada devido a ter presenciado estas atitudes durante a minha infância e juventude.

- **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

A minha infância foi tranquila, sentindo sempre muito amor e atenção por parte dos pais para nós filhos. Algumas discussões e zangas entre irmãos, mas nada muito marcante.

Algum momento que me recordo mais, terá sido poupar para alguma aflição no futuro, e mostrarem-nos que a prioridade deles eram sempre os filhos.

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

Não existe nada que me ocorra... talvez ter tido uma irmã.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.

Sim, claro. Definitivamente a minha família foi determinante para hoje eu ser quem sou. Com certeza também, teve impacto nas decisões que tomei ao longo da vida.

Posso dar como exemplo a candidatura à faculdade (depois de não ter entrado no primeiro ano que concorri, estava pronta a desistir e ingressar aí no mercado do trabalho, e os meus pais foram determinantes para eu voltar a concorrer e conseguir tirar o meu curso).

Outro exemplo terá sido também o incentivo para perder o medo e tirar a carta de condução, coisa que sempre disse que não tiraria.

Entrevista N.º 10

Idade: 35 anos

Zona do país: Algarve

Profissão: Professora

Profissão dos teus pais: Economista e Professora

N.º de irmãos: 4

Idades: 23, 46 e 49

➤ **Como é constituída a tua família?**

Inicialmente vivi com os meus pais e irmãs. Após a separação dos meus pais passei a habitar com a minha mãe e padrasto.

➤ **Houve alterações durante o teu crescimento?**

Houve devido à separação dos meus pais.

➤ **Sentes que isso possa ter sido de influência para a pessoa que te tornaste?**

Em que sentido?

Sem dúvida. Apesar de existir algum sofrimento pois uma separação nunca é fácil ainda mais a dos nossos progenitores que achamos que viverão sempre juntos e felizes considero que esta separação também me tornou mais madura. Fez-me crescer mais depressa que os meus amigos que tinham na altura a minha idade.

➤ **Como foi a tua infância? Indica momentos importantes que te recordam algo aprendido ou interiorizado e que, no presente, te ajudem a conheceres-te melhor.**

Até à separação referida anteriormente considero que tive uma infância feliz. Durante a separação foi difícil pois os meus pais não dialogavam o que dificultou tudo.

Posteriormente, aquando da adolescência tornou-se mais tranquilo e com momentos particularmente muito felizes.

- **O que sentes que possa ter faltado na tua infância para agora viveres mais feliz?**

A separação dos nossos pais foi sempre algo complicado. Porém, acredito que não teria sido mais feliz com eles juntos. Seria egoísta se o desejasse afincadamente, pois ambos seriam infelizes e provavelmente o ambiente em casa não seria o mais saudável. Amando-os como amo e querendo apenas a sua felicidade penso que a separação foi a melhor opção. Porém, no meu íntimo, não posso deixar de afirmar que desejava que ao menos dialogassem o mínimo. Ter a família toda reunida à mesa continua ser um desejo por realizar.

- **Consideras que a tua família possa ter algum impacto nas decisões que foste tomando ao longo do tempo? Qual?**

Sem dúvida. Ainda hoje nas decisões que tomo no dia-a-dia constantemente relembro os ensinamentos que me transmitiram e tendo colocá-los em prática. E sempre que necessito ainda recorro aos conselhos deles.

- **Dá 2 exemplos de decisões tomadas por/com influência dos pais.**

A profissão que exerço e o local onde trabalho.

1.2.2. Conclusões

São muito diferentes todas as entrevistas, com realidades díspares e algumas experiências ainda mal resolvidas interiormente (pelo observado). Alguns destes entrevistados sentiram-se confortáveis em falar do assunto, outros nem tanto e, por isso, não se forçou o assunto nem a questão. Foi uma experiência marcante porque compreende-se que as realidades familiares são todas muito diferentes, mas que todas

nos marcam enquanto pessoas e, em alguns casos, agora, como “senhores da nossa própria casa”.

A família será sempre um grupo marcante para todo aquele que viver no seio de um ambiente familiar, favorável ou não. O que nos marca e nos ajuda a formar a personalidade é tão pouco numeral e até objetivo, porque se para uma pessoa uma experiência é positiva e marcante no sentido de a ajudar a crescer, para outro, essa experiência pode ser destruturante, pode ter marcado pela negativa.

Um exemplo muito prático foi: “a separação dos meus pais, para a minha irmã foi um alívio o meu pai ter saído de casa, para mim foi sentido como um abandono. Éramos as duas pequenas, a mesma situação ocorreu na vida de cada uma de nós e causou marcas bem diferentes para cada uma de nós”.¹²³

É importante reconhecer que a família é um pilar necessário para que os filhos cresçam na segurança, na motivação e na autoestima. É um ambiente favorável que permite aos mais novos reconhecerem o valor que a família pode conferir na formação da personalidade dos adultos que irão surgir daquele ambiente familiar. Porém, em ambientes desfavoráveis, agressivos, ausentes de referências, continua a ser importante aquilo que os filhos apreendem daí, daquilo que tiram para as suas vidas e conseguem colocar como ideal. Quando a família não tem capacidade para transmitir nada, é importante que surjam outras referências que a substituam, porque sem família ou substitutos o ser humano não sabe viver em sociedade. É nela que nos constituímos como pessoas, como seres em relação.

Não existem famílias ideais nem perfeitas, existem sim famílias que pretendem ajudar os seus filhos a crescer e a tornarem-se os adultos de amanhã. Claro que a perfeição é o caminho e o ideal a meta, mas tudo o que vivemos (mesmo quando nos faz

¹²³ Experiência de vida do entrevistado n.º3.

sofrer e entristecer), tudo pode ser favorável para o crescimento pessoal. Basta olhar para a vida como caminho de descoberta de quem somos e o que queremos ser, como oportunidade de recomeçar todos os dias e novidades sempre a encontrar. O importante é não nos fecharmos no teórico, no ideal e deixarmos escapar o que a família nos dá de mais saudável – a vida na sua plenitude. O que fazemos com ela, só de nós depende.

Na experiência da PES, apercebi-me mais uma vez que a realidade familiar tem os seus problemas, nem sempre fáceis de contornar. Verifiquei-o na reação de um dos alunos que, ao pedir que respondessem à questão: *Quem é a minha família?* se recusou a fazê-lo. Nitidamente percebi que ali havia forte problema.

Uma outra experiência que atesta uma outra faceta, deu-se numa visita ao lar onde, perante a harmonia que se respirava no grupo ali tão bem acolhido pelos responsáveis do mesmo, me apercebi da fuga de um deles do refeitório por não querer encarar os idosos; no dialogar com ele, soube que tal reação se devia à educação familiar que não o favoreceu à inclusão social deste grupo. Tal comportamento foi por todos tristemente notório.

Penso que mais do que obedecer estritamente ao programa de EMRC é importante conhecer e acompanhar a realidade concreta de cada aluno e lhe oferecer as ferramentas necessárias para poderem viver em cidadania com todos e segundo os valores humanos básicos. Eles próprios podem ultrapassar as dificuldades e colaborar na ‘reconstrução’ de valores no seio familiar.

2. Atividade pedagógica

Pensei que seria muito positivo organizar um encontro de partilha de pais com os filhos – alunos da disciplina de EMRC recorrendo às questões já conhecidas: *Para qual*

horizonte educar? Para onde nos dirigir? Quais os critérios para considerar a família um espaço válido na transmissão de valores? Em que medida os pais influenciam nas escolhas, a longo e a curto prazo, dos seus filhos? O comportamento dos pais será positivo para a educação dos seus filhos? Será que existe um ideal de família? Podemos educar os filhos para esse ideal? Qual o horizonte para o qual devemos educar?¹²⁴

Para tal pensei ser oportuno escolher um lugar não habitual para facilitar o diálogo sobre a própria família, poder ser escutado e ajudado por alguém experiente; pensei em atividades educativas em que cada um se pudesse colocar em jogo, envolvendo nisso as próprias famílias cuja colaboração é imprescindível para uma convergência educativa; e não menos importante, tal encontro teria como objetivo ajudar a desbloquear algo que prejudicasse uma sã convivência, no respeito por cada um, segundo as funções e missão.

Na realização de várias atividades deste género, entre pais e filhos, é perceptível verificar que só num ambiente de simplicidade, as barreiras caem, o diálogo se pode construir e muitos assuntos que nunca se falaram se podem abordar.

Para realizar esta atividade, é necessário que as famílias se dividam. Cada grupo terá no máximo 5 famílias e no mínimo 3. Cada grupo de famílias receberá um mapa com um trajeto que terá de percorrer e onde encontrará momentos para refletir sobre o ambiente familiar vivido. O convite é que todos façam o seu melhor!

Todos os postos seguem o mesmo esquema: texto – palavra – tarefa – partilha - letra. Depois de ler o texto, terão de descobrir qual a palavra importante que se refere aquele posto. De seguida, terão um desafio e uma tarefa para concretizar, um momento

¹²⁴ Questões lançadas no final do I capítulo: Prática de Ensino Supervisionada.

de partilha em família e, só no final, caso executem tudo, receberão uma letra da palavra que procuram.

Posto 1 – Funções da família

Texto: A família é o lugar adequado à transmissão da vida. Nascendo num espaço familiar, a criança tem mais possibilidade de se sentir acolhida e amada.

Na descoberta das suas funções, a família deverá fazer circular, entre os seus membros, os dons recebidos, a sua alegria, a vitalidade e a generosidade.

Tarefa: Cada elemento do grupo vai desenhar uma parte do corpo humano, de modo a que este esteja a ser desenhado todo por todos. No final, tentam juntar os papéis para formar o corpo e chegarão à conclusão que, se tivéssemos visto o desenho uns dos outros e não estivéssemos a trabalhar individualmente, teria sido mais fácil e melhor apresentado.

Partilha em família: Cada um com a sua função na família pretende ser de ajuda para a construção da comunhão e, para isso, é importante dialogar e falar sobre o que cada um pensa e sugere. Juntam-se e dialoguem sobre as funções de cada um no seio da própria família, o que corre bem e o que poderia correr melhor.

Letra: F

Material: Folha com o texto; folhas A5 consoante o número de pessoas, lápis ou marcadores para pintar; fita cola; letra F (uma por grupo).

Posto 2 – Acolhimento e Alegria

Texto: Na família, vive-se a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amá-los e a respeitá-los na sua diferença, uma vez que as diferenças nos enriquecem, mesmo quando é difícil lidar com elas.

A verdadeira alegria vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos experimentam no seu coração e que nos faz sentir a beleza de estar juntos, de apoiar-se mutuamente no caminho da vida

Tarefa: Damos uma palavra a cada criança e elas terão de representar por gestos para os pais adivinharem.

Ex: elefante, girafa, andorinha, tubarão, avestruz, eucaristia, batismo, ceia de natal, ...

Partilha em família: A nossa família é acolhedora e alegre? O que podemos fazer para criar mais momentos de abertura e descontração?

Letra: A

Material: folha com o texto; palavras da mímica em pedaços de papel; letra A (uma por grupo).

Posto 3 – Maturidade e crescimento pessoal

Texto: A alegria vem da harmonia profunda entre as pessoas, que todos sentem no coração, e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos uns aos outros no caminho da vida, de amadurecermos e crescermos reciprocamente.

Tarefa: Construir o puzzle da imagem seguinte.



Partilha em família: O crescimento e a maturidade acontecem na medida em que vamos aprendendo com os erros e as experiências dos outros. Dialoguem sobre alguma situação em que aprenderam algo para a vida.

Letra: M

Material: Folha com o texto; puzzle da imagem acima; letra M (uma por grupo).

Posto 4 – Identificar o projeto de Deus para nós

Texto: Para os cristãos, a família é um dom precioso porque faz parte do plano de Deus para que todas as pessoas possam nascer e crescer numa comunidade de amor.

Na Igreja Católica, o Sacramento do Matrimónio apresenta-se como um pacto de amor, entre o homem e a mulher, abençoado por Deus, em como viverão felizes, juntos toda a vida, cuidando um do outro, criando e educando uma família, sendo assim espelho do amor de Deus no mundo.

Tarefa: Escrever num pedaço de papel-cenário os desejos que temos como família, o que mais gostaríamos que acontecesse no mundo, quais as nossas ambições de felicidade para a humanidade.

Partilha em família: O que nos pede Deus para a nossa família? Qual será o plano de Deus para nós? Deus está presente na vida da nossa família? Como?

Letra: I

Material: Folha com o texto; papel cenário colado em alguma parede e marcadores coloridos; letra Í (uma por grupo).

Posto 5 – Liberdade de participação na vida familiar

Texto: Todos os momentos são bons para se ter uma ação em favor da harmonia da família, não só quando vamos passear, ou jogar, ou quando se realizam as nossas festas, mas também quando surgem problemas e dificuldades e podemos ser chamados a dar a nossa opinião, ou o nosso contributo para a resolução. Mesmo quando somos mais pequenos não devemos ficar de fora destes momentos. Todos temos capacidades e elas terão que ser usadas para o serviço de todos.

Tarefa: Construir uma pirâmide humana e cada pessoa terá de dizer um valor que representa para que seja uma família firme. Somos parte de uma família e, por isso, somos pedra importante na construção de algo.

Partilha em família: Como podemos participar/dar o nosso contributo na vida da família e ajudar a que quem vive connosco seja mais feliz?

Letra: L

Material: Folha com o texto; letra L (uma por grupo).

Posto 6 – Idosos na família – tesouro precioso

Texto: A aprendizagem é um processo permanente que começa no ventre da mãe e continua até ao fim da vida. Os idosos são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. A transmissão deste património, que se comunica de geração em geração, verifica-se sobretudo através dos idosos.

Tarefa: Escrever uma carta a agradecer aos avós pela presença na vida da família, por aquilo que transmite de valores e de experiência.

Partilha em família: Recordar uma situação onde tenham aprendido/marcado positivamente alguma coisa com os seus avós. Cada um fala dos seus...

Letra: I

Material: Folha com o texto; papel para escrever a carta e canetas; letra I (uma por grupo).

Posto 7 – Amor – valores a serem transmitidos

Texto: Sabemos que, mais importante do que apresentar uma definição de família é perceber que a família é berço da vida humana, berço que ama, que faz crescer e educa para esse mesmo amor.

Tarefa: Quero que a minha família tenha determinados valores...Os adultos escrevem num papel as características que consideram importantes na família; os filhos escrevem o que gostariam que existisse mais em outro papel.

Partilha em família: Depois de escreverem, trocam os papéis e falam sobre o que leram e como se podem viver esses valores na família. Cada um sugere uma forma concreta.

Letra: A

Material: Folha com o texto; papéis A6 (um ou dois para cada pessoa); letra A (uma por grupo).

No final do percurso realizado, juntam-se os diferentes grupos e cada um tenta descobrir qual é a palavra (FAMÍLIA); de seguida, criam uma frase com essa palavra para ser partilhada no final do encontro com todas as famílias.

CONCLUSÃO

A família, como célula fundamental da sociedade, permite construir um percurso que ajuda a responder às questões formuladas inicialmente e, muito sinteticamente leva a concluir que se vive numa sociedade constantemente marcada pela mudança, pelo desenvolvimento, pelo individualismo, pela autossuficiência, pela perda do verdadeiro sentido de autoridade e deficiente sentido de liberdade. *Quais as consequências de tudo isto?* Não se pode negar que houve melhores condições de vida para muitos, mas o que é verdade é que as famílias começaram a desagregar-se e as pessoas, frequentemente, a transformarem-se em indivíduos, vivendo cada um para si e para os seus gostos e prazer imediato. Sacrificar-se pelo outro tornou-se coisa do passado para muitas famílias e daí o cansaço e aborrecimento seguidos da infidelidade ao primeiro amor. Face a este panorama pretendeu-se compreender que a disciplina de EMRC na escola pode ser um espaço onde se olha o ambiente familiar com outra ótica e se capacita os alunos a assumirem atitudes mais positivas e ativas na família, como primeira etapa de transformação da própria sociedade.

Apesar de serem todos diferentes e de viverem em contextos familiares diversos, o grupo de alunos, que frequentou as aulas durante o estágio, esteve bastante recetivo ao tema sobre a família e mostrou-se empenhado nas tarefas que lhe foram solicitadas. Foram protagonistas no processo de aprendizagem durante esse ano, o que foi de louvar, tendo em conta as diversas vivências familiares.

Inicialmente, detivemo-nos na realidade da família na sociedade e nalgumas notas breves sobre as alterações ocorridas neste contexto ao longo dos tempos. É importante compreender que as mudanças não são sinónimo de fracasso ou destruição,

mas simplesmente uma nova perspectiva que, como tudo, trouxe aspetos positivos e negativos.

Não há educação que não apresente falhas nem que não deixe marcas. Um amor que una, sem lei que separe, pode gerar personalidades indefesas perante os desafios da existência; a maior intimidade pode ser ocasião para a maior violência. Mas não são estas falhas que destroem a ideia principal: a família é uma realidade humana original essencial tanto para o bem da pessoa como para o bem comum da sociedade.¹²⁵

Tentou-se retratar a identidade e as funções que a integram e a compõem. O caminho fez-se através do impacto sofrido pela família na realidade atual, os desafios que lança constantemente e as interpelações que pode colocar.

Na perspectiva cristã, a família faz parte do sonho de Deus e, por essa razão, homem e mulher se completam porque para isso foram criados. A reflexão aponta-nos esse horizonte: só na complementaridade o Homem se realiza e se encontra. A Igreja também foi fazendo o seu caminho de reflexão - como atestam os vários documentos publicados bem como as diversas perspectivas de ensinamento e elucidação para um melhor conhecimento e acolhimento do pensamento da Igreja – expressão viva e real de Cristo na Humanidade. Cristo-Igreja é a imagem mais perfeita da união entre homem-mulher, consagrados em matrimónio. Foi assim que Deus os sonhou!

Esta pesquisa tornou possível compreender que, só na medida em que cada comunidade cristã tem a coragem de viver segundo o projeto inicial de Deus, poderá sentir-se amada, acompanhada e orientada, apesar de toda e qualquer perturbação.

É necessário entender se a realidade das famílias é importante no contexto do programa de EMRC.

¹²⁵ Domingos Lourenço VIEIRA, «A Família é um bem para a sociedade» *in Brotéria* 179(2014)152.

Ao abordar esta temática, não se encontra suficientemente destacado no programa, da mesma, a missão primordial de auxiliar os alunos a fazerem caminho interior com a realidade quotidiana em que se encontram. Por isso, torna-se imprescindível dar-lhes a conhecer a meta ideal, tendo como pano de fundo a realidade concreta de cada um. Desta forma se identifica um grande desafio a percorrer e até pode ser mais estimulante, pois é partindo da vida real que: se pretende manter ou superar paulatinamente, se faz caminho para aquela que pode ser a hipótese mais viável.

A PES foi concretizada numa turma de 5.º ano, e, tendo em conta que é uma faixa etária que gosta muito de agir/fazer, pensou-se que, por mais diferenciadas que fossem as estratégias, seria muito mais eficaz realizar, com os alunos, atividades possíveis de enquadrar na realidade quotidiana.

Quando, no início, se pretendia responder à questão *sobre qual o impacto que a realidade familiar pode ter na vida de cada criança*, fomos encontrando alguns obstáculos que nos fizeram encontrar outras questões:

- *Como apresentar um ideal de família sem deixar de recuperar a ligação à realidade de cada aluno e sem nos perdermos nos obstáculos a encontrar em cada contexto?*

Observou-se que o programa sobre o tema em questão é demasiado teórico e, muitas vezes, quase impossível de se aplicar na realidade dos alunos.

- *Por que fazemos programas tão densos de conteúdo mas que na realidade não tocam a vida? Como ajudar a que queiram fazer do teórico vida real?*

Existem inúmeros testemunhos válidos de famílias que poderiam ajudar os alunos a perceber como desmontar determinada dificuldade. *Por que não inseri-los no manual para que sejam vida a falar para a vida?*

O trabalho não está terminado, porque sendo a família uma realidade dinâmica, será quase impossível dar o assunto por encerrado. Porém, temos consciência de que a família é tão importante para a saúde mental e emocional dos alunos, como o sal é importante para a comida. Por isso, através destas pequenas realidades observadas, sabe-se que é possível ter alunos equilibrados emocionalmente e mais capazes de se valorizarem e viverem em cidadania, quando houver mais famílias e adultos capazes de os acompanhar no processo de crescimento e de serem pessoas de referência, pilares de coerência no acompanhamento educativo. Esse é o ideal.

Haverá sempre realidades complexas, mas isso não significa que se afirme que teremos alunos sempre mais complexos. O processo de educação não é linear e são inúmeros os aspetos que condicionam, positiva e negativamente, as escolhas que as gerações mais novas possam fazer. Sabe-se, com alguma certeza, que cada vida humana é um mistério e nela as experiências marcam pessoalmente. Haverão sempre exceções e reações diferentes ao bom e ao mau, mas família só há única e irrepetível, assim como as escolhas dos princípios e valores dos filhos. Como em tudo, ‘o sonho comanda a vida’!

BIBLIOGRAFIA

a) Referências do Magistério:

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo Gaudium et Spes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1966.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, CEP, Lisboa, 2002.
- CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Lisboa, 2005.
- FRANCISCO, *Il Vangelo della Vita Nuova*, Edizioni San Paolo, 2015.
- FRANCISCO, Segunda Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris laetitia*, Editorial A. O., Braga, 2016.
- JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* sobre a Família cristã, Editorial A.O., Braga, 1981.
- PAULO VI, Exortação Apostólica *Humanae Vitae*, Paulinas, São Paulo, 2001⁹.

b) Referências curriculares

- ANDERSON Gary, ARSENAULT Nancy, *Fundamentals of Educational Research*, Falmer Press Teachers, London, 1999.
- ARENDS Richard, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal Lda, Madrid, 2008⁷.

- FRUTOS Eugenio Alburquerque, *Matrimonio y Familia. Reflexión teológica y pastoral*, Editorial CCS, Madrid, 1993.
- GHIGLIONE Rodolphe, MATALON Benjamin, *O Inquérito: Teoria e Prática*, Celta Editora, Oeiras, 2001⁴.
- HOZ Arturo, *Investigacion Educativa: Dicionário Ciências da Educação*, Ediciones Anaya S. A., Madrid, 1985.
- PEREIRA Jorge Augusto Paulo (Coord). PEREIRA Maria Helena Calado, *Nós e o Mundo. Educação Moral e Religiosa Católica: 6º ano*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

c) Estudos e Monografias

- AA. VV., *Família – Essência e multidisciplinariedade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.
- AZEVEDO Carlos Moreira, *Ribeiros de Esperança*, Editora Paulus, Lisboa, 2008.
- BALLESTEROS Jesús, «La familia en la postmodernidad» in *Acta Philosophica* 13(2004), 11-21.
- BERGOGLIO Jorge, Abraham SKORKA, *Sobre il cielo e la tierra*, clube do autor, Lisboa, 2013.
- BOSCO João, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, Edições Salesianas, Porto, 2013.

- CHERKAOUI M., *Sociologia da Educação*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994.
- CORDEIRO M., *Crianças e famílias num Portugal em mudança*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2015.
- CORREIA Ricardo N. O., *A Família, a Escola e a criança com Trissomia 21*, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013.
- CUNHA D., *Só o amor gera vida. Pessoa, Família e Sociedade*, Editora Paulus, Lisboa, 2015.
- DIAS M^a Olívia, *A Família numa Sociedade em Mudança. Problemas e influências recíprocas*, UCP. Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social, Viseu, 9(2000), 81-102.
- Don DAVIES, *As escolas e as famílias em Portugal. Realidade e Perspetiva*, Livros Horizonte, Porto, 1989.
- DUCH Lluís. MÈLICH Joan-Carles, *Ambigüitats de l'amor*, Editorial Trotta, Madrid, 2009.
- DUQUE José Manuel, «Breve Antropologia da Família» in *Theologica* 49(2014), 231-243.
- FIGUEIREDO Emília S. G., *Educar para a felicidade*, UCP, Braga, 2015.
- FLECHA José-Román, *Família – Lugar de Evangelização*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.
- HANS Jonas, *Ética, Medicina e Técnica*, Vega, Lisboa, 1994.
- KASPER Walter, *O Evangelho da Família*, Paulinas, Lisboa, 2014.

- LEANDRO Maria Engrácia, «Família em mudança» in *Cadernos de Bioética* 33(2003), 57-70.
- LOPES José M. M., «Um possível sentido para a vida. Uma proposta educativa - II», in *Brotéria* 177- 4 (2013).
- MORGADINHO O. G., *Educação: Família e Escola*, Sinapis Editores, Óbidos, 2014.
- MOTTO F., *Un Sistema Educativo sempre attuale*, Elledici, Turim, 2000.
- NUNES Etelvina, «Aspetos fenomenológicos da constituição da família» in *Cadernos de Bioética* 33(2003), 35-46.
- NUNES Maria Amália, «Percurso Familiares – Retratos da Atualidade», in *Cadernos ISTA, Lisboa*, 31(2015), 5-30.
- PEREIRA Américo P., *Família, afectos e consumos*, Proferida na Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa, 2014.
- REUNGOAT Yvonne, *Com os jovens tocamos as cordas da vida*, 976 (2018).
- SAVATER Fernando, *El Valor de Educar*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona, 1997⁴.
- SPADARO Antonio, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, Ed. Paulinas, Lisboa, 2015.
- VIEIRA Domingos Lourenço, «A Família é um bem para a sociedade» in *Brotéria* 179 (2014), 135-154.

d) Webgrafia

- PROPOSTA EDUCATIVA DA ESCOLA SALESIANA. Linhas Básicas da sua identidade, 24 de maio de 1997, 57-58. In <http://www.fundacao.salesianos.pt/docs/default-source/outros/proposta-educativa-escola-salesiana.pdf?sfvrsn=4>
- PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015 in www.aeparedede.edu.pt.
- <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros
- http://www.cmcascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/3_sociodemografia_so_cioeconomia_parque_habitacional.pdf
- <http://www.aesap.edu.pt/portal.htm>
- <https://diocese-aveiro.pt/emrc/escolas/perfil-do-professor/>
- <http://www.educris.com/v2/centrorecursos/emrc/programa-de-emrc/2036-novos-recursos-de-emrc> <http://criarparaemrc.blogspot.pt/>
- <http://emrcmondim.com/>
- http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/0TEue53jbC3zMdo_2015-12-4-14-57-51.pdf.

- https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HfKnqqod1qkJ:https://static.apec.org.pt/files/2017/scm/N35/Americo_Pinheira_Pereira_familia_afectos_e_consumos.docx+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt
- <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224165225Z5aRR5fx5Sc98EV6.pdf>
- <https://www.pordata.pt/>
- http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html#O_contexto_sociocultural acedido a 15 de fevereiro de 2019.